

# *Morgenstern*



## *Não Morra Antes De Mim*

Seu Antônio olhou para a porta pintada de amarelo e girou vagarosamente a maçaneta dourada, temia que o ranger acordasse sua esposa. Rá permanecia deitado sobre a poltrona ao lado da cama, com a cabeça apoiada sobre as patas dianteiras e olhar caído. Parecendo tão enfermo quanto sua dona. Ergueu a cabeça prontamente com as orelhas empinadas e abanou duas vezes o rabo ao reconhecer seu Antônio, em seguida voltou na sua posição inicial.

Seu Antônio levou os olhos melancólicos até a cama, sua esposa permanecia deitada, mas contemplava o céu que se abria. Sem olhá-lo, ela disse:

- Venha até aqui, meu amor. Venha ver como o sol irá despontar maravilhoso esta manhã.

Ele se aproximou da cama arrastando a perna esquerda. Tocou lhe a mão se certificando de que sua temperatura estava estável e indagou.

- Porque você não se senta um pouco?

Ela virou a cabeça para ele com um sorriso tão radiante que era difícil de acreditar que estava morrendo.

- Não tenho mais forças. - explicou-lhe.

Ele levou a mão dela até os seus lábios e apesar de sentir sua pele quente e cheia de vida, ele sabia que aquele seria seu último alvorecer, desesperou.

- Meu amor, não vá antes de mim.

A senhora lançou seus olhos pequenos e carinhosos, e, continuou com seu sorriso sereno de quem estava partindo sem nenhuma dor: nem dor física e nem da alma.

- Não chore. É assim que tem que ser, Antônio. Não quero ver tristeza nos seus olhos quando eu partir.

- Não me deixe. - disse beijando-lhe a mão repetidas vezes. - Pedi tanto a Deus para que esse dia nunca chegasse. Para que não fosse antes de mim.

Com a outra mão tocou o rosto do marido, encarando seus olhos úmidos.

- Tivemos uma vida maravilhosa. Temos somente que agradecer a Deus. Não podemos nos despedir com dor. Sabíamos que esse dia chegaria.

- Mas eu...

- Nossa separação é temporária...

- Você sabe quando vou partir? - perguntou o velho sentindo certa euforia - Me fale se vai demorar.

- Somente Deus tem esta resposta. Veja - disse ela apontando para o sol que despontava no céu, como um olho que se abre. - O motivo de nossa existência é raro e temos que cumprir com amor o que viemos fazer. Ajude a sua Estrela da manhã. Continue amando o próximo e tudo aquilo que Deus criou. E não se esqueça de mim, eu estarei sempre com você. - seu Antônio absorveu cada uma das suas palavras e concordava com elas, mas seria impossível não ficar triste com sua partida, a saudade seria arrebatadora. - Deite-se aqui comigo.

Ele um tanto vagaroso, deitou-se abraçando sua esposa por trás e aconchegou o rosto em seus cabelos. Ela olhou para Rá e sorriu, respirou fundo levando até a alma, tudo o que havia de bom naquele momento: o abraço do marido que lhe transmitia tanta tranquilidade, o olhar sincero do cão, o cheiro do quarto e o som dos pássaros que acordavam com o dia. Levou os olhos até o sol, ele mostrava-se imperioso naquela manhã. Entrelaçaram-se, cúmplices e ele a acolheu com seu brilho intenso. A senhora fechou os olhos, arfou, fechou e partiu. Sua mão soltou-se de seu marido e escorregou ficando suspensa fora da cama. Rá levantou-se agilmente, cheirou e lambeu-lhe os dedos. Seu Antônio espremeu os olhos e apertou-a em seus braços, sabia que não havia mais vida naquele corpo. Beijou-lhe os cabelos e chorou.

Após o enterro seu Antônio voltou para sua humilde casa azul celeste, com portas e janelas amarelas. Atravessou a porta, que dava acesso a casa, onde podia se ver entalhada ao centro: o sol. Passou os olhos pela sala onde tudo era um pouco dela. As plantas que decoravam o interior da casa, os inúmeros objetos no formato de sol que ela tanto gostava. O tapete de crochê, a colcha de retalhos sobre o sofá e as almofadas coloridas. Se atirou na poltrona com estampa indiana que após trinta sete anos, o acento já possuía o formato do seu corpo. Ergueu o olhar para frente e deparou-se com o espelho em formato do sol com a moldura

revestida de mosaico azul, que refletia seu rosto triste. Rá se aproximou e olhou para ele, depois baixou a cabeça humildemente, compartilhando de sua dor. Sentou-se sobre o tapete com a cabeça apoiada sobre as patas, com o mesmo olhar caído, mas atento aos movimentos do seu dono. Seu Antônio continuou a encarar o espelho. Houve um silêncio. E o silêncio era a voz da dor que existia dentro dele. Após quarenta anos juntos, viver sem ela era como estar com os membros amputados. Teria que se readaptar e reaprender a viver. Um dia de cada vez. Passou os olhos pela sala novamente, tudo estava em ordem. Eles eram aposentados e viviam em função da casa. Seu Antônio estava sempre fazendo manutenção, enquanto a esposa cuidava da horta, das plantas e das dezenas de bibelôs do sol que ela colecionava. O único filho do casal era um cão pastor alemão que atendia pelo nome de Rá. Levantou-se com dificuldade e caminhou a passos lentos até a cozinha. Apanhou um prato, uma vela no armário e ascendeu-a sobre ele. Soprou o fósforo, se atirou na cadeira e debruçou-se sobre a mesa. Não iria conseguir continuar.

Um mês se passou após a morte de sua esposa e numa madrugada chuvosa de inverno rigoroso, seu Antônio cansado da companhia do silêncio, apanhou o casaco e saiu pela chuva, que a cada passo se tornava ainda mais intensa. Caminhou encharcado por horas sem rumo, até que na volta, a duas quadras de sua casa viu uma academia com um luminoso gigantesco onde se podia ler *Sieger* em letras amarelas. Abaixo, um prédio de três andares com as luzes acesas quebrava a imensidão da noite. Se aproximou rapidamente e bateu na porta. O velho tremia involuntariamente e nem sabia se era de frio ou se o desespero havia tomado conta dos seus nervos. E após bater com toda sua força pela terceira vez, finalmente a porta se abriu e deparou-se com um homem muito alto e muito forte. O velho por sua vez, baixou a cabeça submisso e disse-lhe:

- Se não me arrumar um trabalho eu vou morrer.

O homem com um tom de voz imponente, porém tranquilo, disse, dando-lhe passagem.

- Saia da chuva. - o velho passou para dentro, ainda olhava para o chão vendo a água que escorria das suas roupas fazer uma poça sob seus pés. O gigante fechou a porta e olhou para aquela criatura encharcada que tremia involuntariamente. - O que aconteceu?

Seu Antônio então ergueu a cabeça para conseguir encará-lo e viu olhos verde escuros, profundos, num rosto sem expressão.

- Minha mulher morreu há um mês. Eu não tenho filhos, nem parentes. Só tenho meu cão. E se não me der algo para fazer vou morrer de tristeza.

- Quanto tempo estava com ela?  
- Quarenta anos, três de noivado e trinta e sete casados. E ela se foi e me deixou sozinho.  
- Quer entrar e se secar?  
- Só quero um motivo para estar vivo.  
O gigante foi até o balcão da recepção, apanhou um cartão e voltou-se para o velho.  
- Vá para casa, tome um banho quente e descanse. Pegue o meu cartão - disse estendendo a mão - Volte amanhã de manhã, eu estarei te esperando.  
Seu Antônio apanhou o cartão e leu o seu nome, voltando a olhá-lo com admiração. Sabia quem ele era e havia encontrado uma cura para sua dor.



## *Sarah*

Quinze anos depois.

"Ao curvar-te com a lâmina rija de teu bisturi sobre o cadáver desconhecido, lembra-te que este corpo nasceu do amor de duas almas; cresceu embalado pela fé e esperança daquela que em seu seio o agasalhou, sorriu e sonhou os mesmos sonhos das crianças e dos jovens; por certo amou e foi amado e sentiu saudades dos outros que partiram, acalentou um amanhã feliz e agora jaz na fria lousa, sem que por ele tivesse derramado uma lágrima sequer, sem que tivesse uma só prece. Seu nome só Deus o sabe; mas o destino inexorável deu-lhe o poder e a grandeza de servir a humanidade que por ele passou indiferente."

Os alunos terminaram a oração ao cadáver de Karl Rokitansky que o professor fazia questão de fazer em todo início da aula. Sarah sentou-se e curvou-se diante da prova. Leu cada questão minuciosamente. Endireitou a coluna no encosto, apoiou o cotovelo direito sobre a prancha da cadeira, segurando a cabeça do lápis entre os dentes, numa conversa silenciosa com seu cérebro. Nada. Olhou para sua amiga Gil que estava sentada na cadeira ao lado, com os olhos tão arregalados quanto os seus e voltou-se para as perguntas sem respostas da sua prova.

Gil aflita se agitou.

- Essa coisa de prova surpresa e em dupla tá totalmente fora de moda. Reunir dois cérebros que não sabem nada, não ajuda... - Sarah sorriu, mas conteve-se vendo que o professor a olhava. - Coloca qualquer coisa.

- Como assim, qualquer coisa, Gil? A gente tinha que saber. - Sussurrou, Sarah.

- É, mas pegar a gente de surpresa, dá um branco.

- Que dá branco, maluca? - retrucou Sarah sorrindo - Quando você for prestar um concurso vai escrever que deu um branco?

Gil ficou séria e tentou outra alternativa.

- Vou ver o que o Google acha sobre essa pergunta...

Sarah riu, mas segurou a mão dela e continuou a sussurrar.

- Não, Gil...

- Ele não tá olhando...

Sarah passou os olhos pela sala, todos estavam atônitos olhando suas provas. Ninguém escrevia, nem ao menos se comunicavam. Levantou a mão.

- Professor, Álvaro. Posso falar?

- Seja breve Sarah, para não atrapalhar seus colegas.

- Eu estou com muita dificuldade para responder esta prova. Acho que o senhor passou pouco conteúdo sobre o assunto e tivemos pouco tempo para pesquisar e a Neuro é um assunto muito complexo. Eu não sei se o pessoal concorda comigo, mas se for somente eu, desconsidere minha questão.

Antes que o professor dissesse qualquer coisa um burburinho iniciou-se tímido e em seguida todos se manifestaram como num desabafo. Sarah sentiu-se aliviada por seus colegas compartilharem da sua dificuldade.

- Tudo bem classe, um de cada vez... - disse calmamente o professor - Eu já entendi que todos estão com dificuldade.

Não foi preciso o professor Álvaro se exaltar, era muito querido pelos alunos, e todos se calaram quando ele solicitou. Foi até sua mesa e sentou-se sobre ela, olhou para todos os alunos, antes, empurrando com o indicador o centro dos óculos para mais próximo dos olhos.

- O que difere um profissional do outro? - Sarah baixou os ombros, achou que agora viria a refrega. Ninguém respondeu. - A única maneira de se destacar dos demais é... - Disse ele se levantando e escrevendo rapidamente no quadro com letras grandes "QUESTIONANDO". Voltou a olhar para sala muito empolgado. Não aceitem tudo que impõem à vocês. Não sejam vacas de presépio. Não sejam como a maioria, que, de "maioria" o mercado está cheio e vocês podem sim fazer a diferença. Estão vendo isto aqui? - disse segurando o giz entre o polegar e o

indicador - Essa é a minha ferramenta. A de vocês sabem qual é? A paciência. Esqueçam tudo aquilo que você vêem na TV: pessoas se superando, perseverantes é a minoria. O paciente que vai chegar até vocês são pessoas tristes, outras com ódio, depressivas e não vão aceitar fazer nada que vocês propuserem. Vão desistir porque acham que o destino quis assim... Não! - ele gritou - O destino não quis nada disso e cabe a vocês não deixarem que essas pessoas desistam. Não aceitem isso! A recuperação delas está na mão de vocês. Mudar o que o destino lhe propôs é o que difere o fraco do forte. A caminhada é árdua, mas a fisioterapia está aí provando a cada dia que é possível a recuperação, senão, totalmente, pelo menos dando melhor qualidade de vida a quem dela necessita. Bem, eu não passei conteúdo suficiente para aplicar uma prova e todos estavam aceitando as condições. Amanhã eu viria com minha bolsa cheia de notas vermelhas e vocês iriam aceitar. - Virou-se para a desordeira - Sarah, porque escolheu fazer fisioterapia?

- Porque eu trabalho num hospital há três anos na ala de fisioterapia e me identifiquei com esse trabalho, e, também, porque meu pai é cadeirante.

- A prova está anulada...

Disse o professor batendo o punho contra mesa como se fosse o martelo do juiz. Todos manifestaram-se aliviados.

Sarah tem vinte e três anos, pele clara, cabelo castanho-escuro, ralo, invejavelmente composto por raiz lisa e ondas no comprimento que vão até a cintura. Os olhos amarelo-âmbar, são pequenos e se destacam ainda mais sob um par de sobrancelhas bem moldadas e escuras. Quando sorri as maçãs do seu rosto ficam salientes e uma boca grande com lábios feitos para usar batom. Sessenta e um quilos distribuídos em um metro e setenta e três. Vaidosa, muito vaidosa. Vestia uma bata com estampa indiana predominantemente lilás e para disfarçar o decote não muito ousado, um colar dourado; brincos de argolas e pulseiras combinando com o colar. E, unhas grandes pintadas de *blue jeans*. Maquiagem leve e os cabelos exalavam cheiro de chocolate a cada movimento. Independente, decidida e forte, mas muito meiga e carinhosa.

Depois do sinal, todos recolheram seus materiais e saíram apressados, inclusive o professor Álvaro que fora o primeiro a sair. Sarah e a amiga anacronicamente guardavam suas coisas, Gil confessou.

- Você salvou a pátria, hein, amiga!

- Na verdade sei que ele é um professor tão bacana, não achei que estivesse batendo bem, aplicando uma prova dessas sem matéria. Eu já estava ficando desesperada.



As duas já estavam sozinhas quando Paulo entrou na sala trajando seu impecável estilo sertanejo universitário: camisa xadrez, jeans e cinto com fivela grande. A barba e o cabelo castanho sempre muito bem aparados. Mas, o gel não resistira até o fim do dia, por isso seu esplendoroso topete estava desgrenhado. Cumprimentou Sarah com um beijo no rosto e deu um beijo nos lábios da namorada, seguido de um longo bocejo que terminou num berro.

- Af! Que sono! - disse ele com os olhos lacrimejando. - Vamos?

- Vocês podem ir – disse Sarah, passando a alça comprida da pequena bolsa de couro por sobre a cabeça, deixando que transpassasse seu corpo. - Eu vou pegar carona com o Andreas.

- Tem certeza, amiga?

- Tenho sim. Ele já me mandou setenta mensagens pra eu confirmar.

Paulo enrugou o cenho.

- Seu carro tá no conserto ainda?

- Está - disse ela se lamentando - Eu não sei mais o que fazer.

- O mecânico deve tá depenando seu carro...

Caminharam até a porta quando se depararam com Andreas prestes a entrar. Rapaz alto, magro. Cabelos loiros, muito lisos, usava um corte rente nas laterais e mais comprido na parte superior da cabeça, penteados para o lado. Olhos verdes claros. Lábios grossos e rosados. Era tão branco que por qualquer motivo sua tez enrubescia. Usava uma camisa social verde que deixava seus olhos ainda mais evidentes. A barra da camisa enfiada para dentro da calça e a gola engomada. Os sapatos pretos, brilhavam. Usava um anel de ouro no dedo que podia ser notado de longe. Andreas era considerado, entre as alunas de todos os cursos, o rapaz mais bonito da faculdade, e para torná-lo ainda mais perfeito, era sério, regrado e com um futuro promissor. Para elas ele tinha apenas um defeito: era apaixonado por Sarah e não fazia nenhuma questão de esconder. Ele sorriu mostrando dentes brancos e perfeitos, estava tão feliz com a quase trombada que dera em Sarah, que nem ouvira o cumprimento do amigo. Paulo olhou para Gil e revirou os olhos para cima.

Sarah sorriu também e ergueu os pés para beijá-lo no rosto.

- Tudo bem?

Depois de conseguir se desprender do encanto, Andreas virou-se para o amigo.

- E aí, Paulo? Beleza?

- Beleza... - respondeu Paulo ao cumprimento.

- Porque vocês são sempre as últimas a sair?

Sarah se justificou.

- Sair da sala correndo e depois ficar parada tentando sair do estacionamento não é muito vantajoso.

Andreas entortou os lábios, se arrependendo por ter feito aquela pergunta.

- É.. - disse Gil - A gente cansou de ficar brigando por espaço na saída. Agora saímos junto com os seguranças.

Andreas pegou o caderno de Sarah para carregar e folheou-o enquanto caminhavam, perguntou:

- Querem ir pra algum lugar?

- Eu não sei... - respondeu Sarah. - Acho melhor não, amanhã a gente tem que acordar cedo...

- O Paulo tem show no sábado - sugeriu Gil - Vamos todos?

- No shopping? - perguntou Andreas ao amigo.

- É...

- Legal! Então fica combinado... - disse Andreas olhando para Sarah, onde a afirmação parecia mais uma pergunta.

- Claro, vamos todos. - finalizou ela sem muito entusiasmo.

Paulo passou o braço sobre os ombros da namorada e bocejou novamente.

- Ah, eu tô morrendo de sono!

Os quatro caminharam até o estacionamento. Os corredores da faculdade já estavam quase sem alunos. Paulo continuava pendurado nos ombros da namorada e Andreas logo atrás com Sarah, atento a tudo que ela dizia. Tirando de cada sorriso dela a mínima esperança de que teria alguma chance. Chegando no estacionamento, Gil e Sarah abraçaram-se e beijaram-se como faziam todos os dias ao chegar e partir. Amigas desde o início do curso, existia nelas uma cumplicidade que nem elas mesmas poderiam explicar. No primeiro dia, Sarah parou na porta da sala de aula e passou os olhos pelas cadeiras, e, mesmo diante de várias opções para se sentar escolheu a cadeira a frente da garota morena com cabelo de mola. Sarah disse oi e desde aquele momento algo as uniu de tal forma que não conseguiam ficar um único dia sem se falarem, sempre passando mensagens uma para a outra. Não faziam mais nada sozinhas sempre que possível estavam juntas.

Cada casal foi procurar seu carro. Sarah foi até a porta do carona na caminhonete branca de Andreas. Ele destravou as portas, ela entrou sentindo o cheiro de couro novo que exalava dos bancos. Pousou rapidamente o caderno e a bolsa sobre as coxas, estava de saia e não queria chamar a atenção do amigo, mesmo ele sendo um perfeito cavalheiro. Andreas entrou, colocou o cinto e deu a

partida. O ar condicionado e o rádio ligaram automaticamente. Sarah passou os olhos pelo painel que se acendeu, o amigo iniciou a conversa.

- De uma coisa você tem razão, não tem tumulto para sair.

- Eu disse - algo apitou, Sarah passou os olhos no seu celular, mesmo não reconhecendo aquele som, comentou. - Alguma coisa está tocando...

- É a chave da minha casa - explicou ele - Isso significa que alguém abriu a porta, provavelmente meu pai chegou.

- Que legal! - houve um silêncio constrangedor, Sarah o quebrou. - Eu estou morta. Saí do trabalho mais cedo e precisei levar meu pai no hospital e sem o carro foi bem difícil. Ele é meio teimoso e não gosta de pegar ônibus. Ficou reclamando o tempo todo de tudo e de todos. - disse ela se divertindo com a lembrança - Nem parecia que estava doente.

- Seu carro tá no conserto ainda? - Perguntou sem olhá-la.

- Está...

- Acho que você devia comprar um carro novo.

Sarah não disse nada, passando os olhos pelo painel novamente, vendo todos aquelas luzes, botões e funções. Não tinha dinheiro para outro carro. Não era como ir ao supermercado e pegar uma caixa de leite. Olhou para a janela ao seu lado, para não ter que concordar. Todos sabiam que Andreas não tinha problemas financeiros e que as vezes falava como se todo mundo pudesse tirar o fim de semana para escolher um carro zero. Não era culpa dele, era a vida que ele conhecia.

- Onde você mora?

- Em São Paulo. Por que?

- São Paulo? E porque vem estudar em Osasco?

- Essa é faculdade mais perto da minha casa.

- Hum... Então quando você me leva o caminho fica ainda mais longe.

- Moro no Parque Continental, é dez minutos daqui. Não muda muita coisa, e, eu faço questão de te levar.

Sarah sorriu e voltou a olhar para a janela ao seu lado.

- É seu ultimo ano na faculdade, né?

- É sim.

- Está empolgado? Não vejo a hora de terminar. Já pensou no que vai fazer?

- Eu já trabalho numa grande construtora como técnico em edificações, então acredito que vou continuar na mesma empresa mas vou conquistar o meu espaço como arquiteto.

Sarah olhou para ele e sorriu. Andreas percebeu que estava sendo observado e ficou curioso.

- O que foi?

- Você é tão sério.

- Eu não sou sério.

- Você está sempre falando sério. Não entende piada e não faz piadas também.

- E isso é ruim?

- Não, claro que não. Só acho você sério demais para um cara de vinte e um anos.

- Pare de falar como se você fosse bem mais velha do que eu.

Ela sorriu, ele sempre falava aquela frase quando ela se referia a idade dele.

- Me desculpe!

- Meus pais são bem sistemáticos, rigorosos e exigentes. Quando eu digo meus pais estou me referindo aos meus avós. Eles me criaram.

- Olha!!! - disse ela ironizando - O Andreas falando de sua vida pessoal, isso devia ser gravado. Ninguém sabe nada sobre você.

- Eu não gosto de falar sobre mim, minha história é bem complicada.

- Vou gostar de ouvir. E os seus pais biológicos? - Andreas parou a caminhonete em frente ao prédio onde ela morava. - Outro dia eu conto tudo o que quiser saber.

Ambos ficaram em silêncio, mas a voz forte da cantora Ana Carolina surgiu dos auto-falantes, deixando o clima ainda mais tenso. Andreas apoiou o braço esquerdo no volante e virou-se para ela. Houve um silêncio, ele abaixou a cabeça, mordeu o lábio inferior e iniciou.

- Vou fazer aniversário daqui um mês e isso significa que eu estou esperando sua resposta há um ano, Sarah.

Ela apertou o caderno contra o peito.

- Eu sei, Andreas, mas eu realmente não estou pensando em relacionamentos. Meu pai precisa de mim... Eu gasto todo o tempo que me sobra com ele. Você sabe disso.

Andreas esticou o braço e acariciou o cabelo dela e se aproximou de seu rosto.

- Tudo bem, Sarah. Eu não quero te pressionar. Só não esquece que estou te esperando.

Sarah umedeceu os lábios. Andreas estava tão próximo que podia sentir o cheiro da hortelã em suas palavras, o perfume bom de suas roupas e o peso que

carregava aquele olhar de súplica. Mendigando o mínimo de esperança. Queria muito dizer que sim ao amigo, que aceitava aquela entrega. Tinha certeza de que ele não a decepcionaria, mas existia uma barreira entre os dois. Algo que Sarah jamais conseguiria explicar. Não era necessário Gil dizer infinitas vezes o quão Andreas era perfeito: "Ele é o cara certo", ela dizia. Sarah sabia disso, mas seu coração parecia não compreender. Não era a primeira vez que Andreas a prendia numa de suas armadilhas difíceis de recusar, mas por mais que cedesse aos encantos do amigo o amor que ele queria, nunca viria. Na verdade, queria dizer isso a ele, que não esperasse, pois nunca aconteceria. Não tinha coragem. Temia que deixassem de ser amigos e isso era uma fator que ela não abria mão, e por isso arrastava aquela situação, mesmo sabendo que não poderia prender Andreas para sempre.

- Obrigada por entender.

Sarah inclinou-se para beijá-lo no rosto, mas Andreas virou a cabeça para o lado e beijou seus lábios delicadamente. Ela não ficou surpresa, não era a primeira vez que ele lhe roubava um beijo. Sarah sentiu um arrepio gostoso pelo corpo e encarou seus olhos tão próximos e talvez pela carência que proporcionam as noites, os encantos de um príncipe, Adele... Deu ao amigo o beijo que ele queria, intenso, mas vazio de sentimentos e carregado de gratidão.

*E saiba que forte eu sei chegar  
mesmo se eu perder o rumo  
E saiba que forte eu sei chegar  
se for preciso eu sumo...*

- Boa noite, Andreas!

Ele não disse nada vendo a abrir a porta e sair. Esperou que ela entrasse no prédio e respirou profundamente o cheiro de chocolate que havia ficado em sua mão. Ele a queria muito e não estava disposto a desistir. Ligou a caminhonete e partiu, aumentando o volume do rádio para lhe fazer companhia. Dirigiu por dez ou quinze minutos, parou em frente a um portão de madeira branca, apertou o botão do controle remoto preso no quebra sol e esperou que o portão se abrisse. Viu que a caminhonete do pai estava lá também e achou estranho, ele não costumava chegar antes da uma da manhã. Abriu a porta da sala e ascendeu a luz, viu o pai sentado no sofá assistindo TV e com uma bolsa de gelo sobre o lado esquerdo da face - cena comum naquela casa - sorriu, caminhou até o sofá e curvou-se diante do pai pra verificar seu rosto.

- Deixa eu ver... - o homem tirou a bolsa de gelo do olho e Andreas viu o quanto estava inchado e uma bolha líquida pendia sob o olho. - Xiii!! Isso vai demorar pra melhorar, hein?

- Que nada - replicou o homem voltando a bolsa de gelo para o rosto - Amanhã estou pronto pra outra.

- Tá assistindo o quê?

- Wolverine...

- De novo?!

- acredite, passei pelos duzentos canais e foi a única coisa que me prendeu. Veio cedo. - observou o homem - Não quis sair hoje?

Andreas se atirou no sofá, tirou os sapatos e esticou as pernas até a mesinha de centro.

- Aquela moça lá... Que eu te falei outro dia. Ela não quis sair.

- A mesma do ano passado? Vocês já se resolveram?

- Pois é... Não anda e não desanda. Conversamos um pouco, mas sei lá. Sei que estou fazendo papel de idiota - parou de falar e esfregou as duas mãos no rosto deixando-o todo vermelho - O problema é que ela é linda, cheirosa, meiga, inteligente... Eu não consigo acreditar que vou encontrar outra igual.

O pai tirou o saco de gelo do rosto e virou a cabeça para o filho que não desgrudou os olhos da TV, talvez envergonhado demais para encarar o pai.

- Não acha que está na hora de mostrar pra essa moça que está em outra, para que, talvez ela desperte?

- Já pensei nisso.

- Talvez você tenha dado bandeira demais que ta afim e aí ela não deva estar com muita pressa?

- Eu sei disso, mas tenho medo de que ela escape. Ela não está comigo, mas também não sai com ninguém, pelo menos não está mentindo quando diz que não está pensando em relacionamento. Vou esperar mais um pouco - disse cheirando a palma da mão novamente - Não vou desistir.

O pai pousou a mão sobre o ombro do filho e sorriu.

- Então não desista.

Andreas retribuiu o gesto e depois se levantou.

- Você é que não desiste de apanhar, né? Já ta velho, meu.

- Quer tirar uma queda de braço?

- Não - disse Andreas rindo - Não quero passar vergonha. Boa noite!

- Boa noite, filho!

O homem acompanhou com os olhos o filho subir a escada, depois voltou a olhar a TV, enquanto Wolverine enfiava suas garras no abdômen da sua amada Jean Grey.



E se quiser saber pra onde eu vou,  
Pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou

Sarah ouviu a voz do Rogério Flausino sair do seu celular, e abriu os olhos. E mesmo vendo o sol no teto do quarto, ainda era noite. Esticou o braço até o criado mudo e apanhou o aparelho. Sabia para que horas estava programado o alarme, mas conferiu para ter certeza de que não era um engano do cantor. Eram cinco e meia. Pensou em ficar mais uns cinco minutinhos na cama até que o celular despertasse novamente, mas da última vez que fizera isso, chegou atrasada no trabalho. Sentou-se na cama sonolenta.

*Andreas virou Sarah para que ficasse de frente para ele e a sentou sobre uma mesa ficando entre suas pernas... Conversaram por um tempo... Sarah olhou para o lado... Um cão pastor alemão latia mostrando suas presas, babava muito... Estava com raiva...*

Sarah saltou da cama indo até o interruptor.

- Saco! Eu já ia dormir de novo.

Bufou, coçando a cabeça freneticamente usando todos os dedos das mãos. Passou os olhos pelas fotos fixadas na cortiça, tentando manter-se acordada, adorava tirar fotos das pessoas e tudo piorou quando seu irmão lhe deu de presente uma máquina fotográfica profissional. Olhou os sóis espalhados por todo o quarto: almofadas em forma de sol, espelhos em forma sol, bibelôs de todos os tamanhos na forma do astro. No teto, acima da cama havia uma canga que ela

pendurou aberta para que quando abrisse os olhos fosse a primeira imagem do dia. Sarah as vezes achava que aquela obsessão fosse algum distúrbio, mas de alguma forma inexplicável a imagem do sol lhe trazia paz. Lembrou-se de que nas férias, viu, enquanto ainda estava no ônibus, um vendedor ambulante vendendo uma canga com a estampa do sol. Devia ter uns dezesseis anos. No dia seguinte ela e o irmão percorreram por duas horas a faixa de areia da praia a procura do tal ambulante e por sorte era a única canga com aquela estampa e parecia estar esperando por Sarah.

Apanhou seu uniforme que estava num cabide pendurado atrás da porta e foi até o banheiro arrastando os chinelos. Esfregou a mão no rosto por várias vezes, ainda estava com sono. Enrolou o cabelo no alto da cabeça e o prendeu com um grampo. Despiu-se, abriu o chuveiro e corajosamente mudou a temperatura para frio. Gostava de fazer isso para que despertasse de uma vez.

Sarah era a caçula de uma família de quatro membros. Seu irmão, Caio, tinha vinte e seis anos, arquiteto, casado e pai de um menino: Gustavo. Sua mãe, dona Soraia, tinha estatura baixa, cabelos longos e negros; o marido sempre a elogiava quando ela soltava-os. Era agitada e geniosa e com pouca paciência, mas tinha um coração bom e estava sempre disposta a ajudar os vizinhos. Sempre dava de comer aos mendigos que perambulavam pelo calçadão e dizia para filha que não se negava comida a quem tinha fome. Há oito anos vendia cachorro quente no calçadão de Osasco para ajudar no orçamento da família, desde que seu Átila ficara paraplégico após ser atropelado por um carro enquanto esperava o ônibus no ponto. Naquela triste tarde, três pessoas haviam morrido, seu Átila fora o único sobrevivente. Antes do acidente era funcionário público, cargo que exibia com muito orgulho e discursava, saudoso, aos filhos que havia passado no concurso com muita dedicação e estudo. Caturra. Gostava de ler e expor sua inabalável opinião sobre as coisas. Fazia tudo sempre do mesmo jeito. Nunca mudava as coisas de lugar.

Sarah se dividia entre a faculdade, a responsabilidade com o pai, o trabalho no hospital, e, aos sábados ajudava a mãe no carrinho de cachorro quente. Não se via como vítima. Batalhadora, estudiosa, não perdia tempo com badalação. Na maioria das vezes acompanhava Gil nos barzinhos que Paulo ia cantar, mas ia mais pela companhia do que pela curtição. Sempre fora muito responsável e amadurecera muito antes que os anos chegassem. Tratava o pai com muito zelo e depois que ele se tornou cadeirante, vivia exclusivamente para ele.

Osasco é unificada a cidade de São Paulo de tal modo que não se sabe onde termina uma e começa outra. Uma cidade completa que atende setecentos mil



habitantes e acompanha o progresso na mesma velocidade da capital. Moravam no centro da cidade num antigo prédio que ainda resistia a esse progresso, com moradores que haviam envelhecido e agora seus filhos eram os futuros donos. Todos se conheciam e se davam muito bem. O apartamento era composto por uma sala considerada grande, comparada com os apartamentos contemporâneos; dois quartos, onde um deles Sarah dividira com o irmão até as vésperas do seu casamento. Um banheiro grande que fora modificado para atender as necessidades de seu Átila. E uma cozinha que não cabia uma mesa para quatro pessoas. Tinham uma vida simples, mas seu Átila tivera sorte grande de ter filhos determinados como a mãe e estudiosos como ele. Seu orgulho maior foi ver o mais velho erguendo o canudo da arquitetura e seu Átila estava lá cofiando o bigode, engolindo as lágrimas e orgulhoso de si mesmo. E agora esperava ansioso pelo dia em que sua princesa erguesse o canudo pela fisioterapia. Dizia para sua esposa que quando Sarah vestisse a beca, ele poderia morrer feliz, "*pois nada melhor para um pai do que ver seus filhos com futuro digno*" dizia ele com afinco como num discurso político.

Sarah saiu do banho, vestiu seu uniforme: saia até os joelhos e blusa azul marinho com botões e gola alta e o nome do hospital destacado no bolso que ostentava com muito orgulho. Penteou os cabelos fazendo um rabo de cavalo, depois torceu-o e o enrolou num coque cobrindo o com uma redinha. Em seguida se maquiou. Todo aquele capricho era exigência do hospital, um dos mais renomados da capital. Foi para o quarto, apanhou a mochila pesada que levava a roupa que usaria para ir a faculdade, toalha, produtos de higiene, estojo de maquiagem, acessórios como: brincos e pulseiras e o material da faculdade. Foi até a cozinha onde sabia exatamente o que a mãe estaria fazendo: colocando pontualmente o chá sobre a mesa ao lado de um pão com manteiga. Sarah sentou-se, comeu rapidamente, beijou a mãe e saiu. Entrou no elevador e deslizou as mãos pelo corpo ajeitando o uniforme e apalpou a cabeça se certificando de que o coque estava bem preso. E ao atravessar a porta deparou-se com o homem franzino e baixo que ficava imperceptível atrás do balcão da recepção. Sorriu ao vê-lo.

- Bom dia, Zé! - disse ela ao zelador.

- Bom dia, senhorita Sarah! - saudou o homem com uma expressão orgulhosa.

Sarah ia sair, mas voltou-se para ele.

- Está tudo bem, Zé. Estou percebendo você... Diferente.

- A senhorita não reparou?

Disse o homem com um sorriso ainda mais orgulhoso. Sarah fez uma rápida análise pelo rosto do homem tentando descobrir, mas desistiu.

- Não... Aconteceu alguma coisa?

Ele ergueu os olhos até o quadro de recados e depois abaixou-os aguardando os comentários. Sarah ergueu a cabeça até o quadro e viu a foto do zelador sob a descrição. Funcionário do mês: Eupídio. Voltou os olhos para ele sem entender.

- Seu nome é Eupídio?

- Eupído Severino Neves, sim senhorita.

- E porque a gente te chama de Zé? Achei você fosse... José.

- Abreviação de Zelador.

Sarah ficou por um momento sem saber o que dizer, tentando entender aquelas novidades. Zé, ou melhor, Eupídio trabalhara a vida toda em um resort cinco estrelas, função que desempenhara com muita dedicação até ser substituído por estagiários. Apesar de seu currículo invejável, conseguiu emprego naquele pequeno edifício onde aos poucos foi tomando conta de tudo, há oito anos. Era uma figura de muitíssima educação e cheio de formalidades. Por mais que fosse chamado para um situação de confusão ou transtorno para ele a educação e a paciência era um perreio para diplomacia. Mantinha sempre uma postura ereta, usava muito bem o português e os pronomes de tratamento. Devia ser por isso que todos os moradores se davam muito bem. Sem saber, Eupídio regia com maestria aquele seu pequeno reino, onde até mesmo o síndico lhe obedecia.

Só havia dois funcionários no prédio. Eupídio era: zelador, porteiro, faxineiro, eletricitista, pintor, encanador, segurança e em alguns momentos de conflito sobre assuntos que envolviam animais de estimação ou barulho, fazia o papel de mediador. E ainda fazia serviços gerais dentro dos apartamentos. Havia uma senhora que trabalhava no prédio, duas vezes por semana como faxineira, então, ele seria sempre, honrosamente, o funcionário do mês.

- Quem te nomeou?

- A administradora do condomínio.

Sarah atravessou o balcão sorridente e precisou se abaixar para abraçar o homem, o congratulando, pois entendeu que aquele reconhecimento era importante para ele.

- Parabéns, Eupídio! Nada melhor do que nosso trabalho reconhecido.

- Obrigado senhorita Sarah, como sempre muito simpática. Aproveite esse dia lindo de sol e tenha um bom dia!

Sarah olhou nos olhos de Eupídio que ficaram prateados por alguns segundos, como os olhos dos felinos contra um feixe de luz. Ela piscou por várias vezes achando aquilo estranho e saiu sem dizer nada. Abriu a porta e deparou-se com um lindo nascer do sol, o dia estava realmente lindo e prometia ser muito quente também. Atravessou o portão que dava acesso a rua e viu uma caminhonete branca com vidros escuros. Ficou parada observando a janela do carona que descia vagorosamente, viu o rosto de Andreas com os olhos cobertos por óculos de lentes espelhadas.

- Quer uma carona?

Ela sorriu carinhosamente com os olhos cheio de lágrimas, mal havia amanhecido e ele estava lá apenas para levá-la ao trabalho. Ela caminhou até o veículo e disse da janela.

- Você não existe!

Andreas percebeu que havia acertado, pois aquele sorriso era diferente dos outros.



## *E Forte*

Sarah entrou na sala de aula, disse bom dia aos demais colegas e se abaixou para beijar e abraçar Gil. Pousou os cadernos e a bolsa sobre a prancheta, sem tirar os olhos da amiga que mexia o polegar freneticamente sobre o teclado do celular, escrevendo uma mensagem.

- E aí? O que foi? Que cara é essa, Gil? - disse percebendo que a amiga não estava animada como sempre.

- Não consigo falar com o Paulo desde que ele me deixou em casa ontem a noite. Aquela história de que tava com sono não me convenceu. Ele nem fez show nesses dias. Eu to achando que está acontecendo alguma coisa...

Sarah vestiu o jaleco branco, abotoou e puxou os cabelos para frente dos ombros, pensativa e virou-se para trás.

- Tipo o quê?

- Ele está me enganando...

- Você acha que o Paulo tem outra? - perguntou indignada.

Gil levou o celular até a orelha e baixou os olhos bastante preocupada, esperou a ligação chamar até cair na caixa postal do namorado e depois voltou a olhar para amiga.

- Não, acho que o negócio é mais complicado.

O professor Álvaro entrou na sala desejando a todos, bom dia, mas Sarah não se virou.

- O que você tá achando que é?

Gil fez um gesto para Sarah que arregalou os olhos e sussurrou.

- Drogas?!

A amiga apenas assentiu.

- E aí pessoal, tudo bem? - Sarah virou-se para o professor. - Hoje teremos uma aula bem diferente. Podem tirar seus jalecos, não vamos ao laboratório. A faculdade nos cedeu dois ônibus para levar vocês e a turma de Educação Física à uma academia. Vocês não terão as aulas da professora Aninha hoje, nós fizemos uma troca e no outro sábado somente ela dará aula. Então, peguem suas coisas e vamos caminhando e cantando até o estacionamento.

Ironizou, fazendo referência à canção de Geraldo Vandré.

- O que será que vamos fazer lá? - Indagou Gil.

Sarah transpassou a alça da bolsa pelo seu corpo, não dando atenção a pergunta da amiga, colou seu ombro no dela enquanto caminhavam para o estacionamento e se pronunciou.

- Acho que você está errada. O Paulo é um cara do bem, ele nem curte essas coisas.

- Sei disso, Sarah. Mas ele anda meio desmotivado por causa da carreira de cantor. Ele tem falado umas coisas... Faz quatro anos que ele tá na luta por um espaço e não consegue passar do Bar da Sam e do Shopping.

- O problema é que esses lugares que ele toca, as pessoas estão distraídas, comendo e bebendo e o povo tem preguiça até de aplaudir. Deve ser bem difícil encontrar motivação. E o que está pensando em fazer?

- Vou perguntar qual é a real. Não sei ainda, estou tentando me convencer de que é uma cisma minha. - Gil colocou o celular na orelha novamente e esperou completar a chamada, virou-se para num tom de lamentação. - Só caixa postal. Vou ligar na casa dele e perguntar pra mãe.

Entraram no ônibus e um rapaz que estava sentado no último banco disse em voz alta.

- Sarinha larga a *Tinker Bell* e senta aqui no fundo comigo.

Todos no ônibus riram. Sarah não disse nada estava preocupada demais com a amiga e sentou-se ao lado dela observando-a disparar outra mensagem para o namorado.

- Quem é a *Tinker Bell*? - perguntou Gil sem desgrudar os olhos do celular.

- O Andreas... - disse Sarah engolindo o riso - Esse Renato é um idiota.

Apesar de preocupada, Gil riu também, pensando bem, o amigo parecia mesmo com a personagem. Discou alguns números e levou o aparelho até a orelha aguardando completar a chamada.

- Alô. Oi dona Lídia! Tudo bem? O Paulo está? Eu não consigo falar com ele desde ontem e estou preocupada... - parou para ouvir a futura sogra do outro lado e depois voltou - Não... Não precisa. Eu passo aí mais tarde. Beijo, tchau. - Gil desligou e voltou o celular para a bolsa. - A mãe dele disse que ele está dormindo.

- Que estranho...

O celular de Sarah vibrou e ela levou-o para perto dos olhos.

Andreas Arq

Oi Sarah! Posso te pegar depois da aula? Quero muito falar com você.

Sarah Vega:

Oi Andreas. Vai ser uma aula fora da faculdade, estamos num ônibus.

- Quem é?

Sarah respirou fundo e desabafou:

- É o Andreas. Quer saber se pode me pegar depois da aula.

- Fala que nós duas vamos comprar sapato no shopping, homem odeia esse tipo de passeio.

- Vou trabalhar depois da aula.

-Sabe, amiga? Ainda não entendi qual é a sua.

- Sobre o que?

- Sobre o Andreas. Ele é um gato. Cara bacana. Qualquer menina na facul aceitaria na hora ficar com ele. E ele não quer só ficar... Ele é muito apaixonado por você. Acho que ele é o cara certo. Ta faltando o que?

Andreas Arq:

Que estranho! Onde estão indo?

Sarah Vega:

Eu não sei, quando eu chegar lá eu te aviso

- Não gosto quando você fala assim, Gil.

- Só quero que seja sincera comigo. Fala aí. Porque não rola?  
- Eu não sei. Não é o Andreas é com qualquer um. Eu não tenho tempo.  
- Peraí, Sarah! Você não pode ficar o resto da vida de babá do seu pai. Eu sei que você cuida dele e tal, mas você também tem a sua vida. Se você disser para o Andreas que fica com ele uma vez por mês, ele topa na hora. Acho que você usa o estado do seu pai como desculpa.  
- Talvez a diferença de idade atrapalhe...  
- Ah! O que é isso, Sarah! Ele não é um babaca. Ele é até sério demais.  
Sarah bufou.  
- Meu pai adora o Andreas. Só não falou pra eu me casar com ele porque meu pai não quer que eu me case com ninguém. Meu pai vê o Andreas como o cara que ele queria ser.

Andreas Arq.  
Posso te buscar?

Sarah Vega:  
Vou trabalhar depois da aula.

Andreas Arq  
A gente se vê a noite, então, passo pra te pegar.

Sarah Vega  
Ok, beijos

Gil olhou para o celular e depois voltou-se para a amiga.  
- Mas você já ficou com ele, não deu pra tirar a dúvida?  
- Eu nunca fiquei com ele. Ele me rouba beijos desde o dia do aniversário dele e só porque o Paulo conseguiu deixá-lo bêbado.  
- Nem me lembre desse filho da mãe. - disse Gil voltando os olhos para o celular certificando-se de que o namorado não havia respondido.  
- O Paulo mandou mensagem?  
- Ainda não.  
Sarah recostou a cabeça no encosto do banco e olhou para o teto.  
- A gente se beijou ontem.

- Porque não sai com ele pra valer, transam e aí você tem certeza. Vai que além de lindo ele é um gostosão.

- Gil!!!

- É isso mesmo. As vezes a gente julga o livro pela capa e deixa de ler um ótimo romance. E olha que o Andreas tem uma bela capa.

Sarah não conteve a gargalhada vendo a amiga ficar vesga.

- Não dá... - argumentou debochando - Só transo depois do décimo segundo encontro, você sabe.

- Por isso que você tá sozinha - disse dando uma gargalhada - Lembra do último? Saiu com você doze vezes, transou e sumiu.

Sarah deu um beliscão na barriga da amiga.

- Sem graça! Nem sempre dá certo.

Gil olhou para a janela ao seu lado por um tempo e ficou séria.

- Então, amiga, eu acho que você devia falar a real. Ele ainda tem esperança e se você não vê possibilidades, dá um fora no cara. Segurá-lo não está certo.

- Eu sei...Sabe quando você cruza com um olhar e seu coração dispara como se tivesse corrido quilômetros? Então, não acontece comigo.

Sarah olhou para janela também, pensativa, a amiga tinha razão, se Andreas ainda insistia é porque via possibilidades. O ônibus parou, a academia era um prédio de três andares, com uma fachada de vidro, onde em seu topo ostentava um luminoso com letras amarelas com o nome *Sieger*. No térreo havia uma recepção com um balcão de atendimento feito de mármore branco e madeira bege e sobre ele dois computadores. Atrás das recepcionistas uma parede de vidro leitoso com o nome da academia em amarelo, era o que mais se destacava no ambiente. Em uma das paredes um sofá cinza de frente para uma TV de cinquenta polegadas fixada na parede onde se podia assistir o dia todo vídeo de lutas de MMA, boxe, jiu-jítsu e *Muay Thai*. Uma forma de motivar os interessados desde o momento da matrícula.

Os alunos se enfileiraram de frente para a catraca. Uma das recepcionistas, usando uma calça legue e blusa preta com o nome da academia, sorriu simpaticamente e disse:

- Sejam todos bem vindos à *Sieger*. A catraca já está liberada.

Alguns alunos assoviaram para a moça que continuou sorridente e pareceu não se importar com o assédio dos rapazes. Antes de terminarem o primeiro lance de escada já era possível ouvir uma música agitada e uma voz que contava.

- Um, dois... Um dois, três, quatro.



Conheceram a ala da ginástica, uma extensa sala amarelo e cinza, com um espelho que se estendia por uma parede inteira. Em um canto uma pilha de colchonetes e alteres em apoios dispostos na parede. Mini camas-elásticas empilhadas ficavam debaixo de uma prateleira com estrutura de ferro que segurava as bolas cheias de ar para aula de Pilates. Tudo muito organizado. Na sala havia quinze alunas tendo aula de Step. O instrutor acenou para os visitantes e alguns corresponderam. Os alunos subiram o segundo lance, chegando na ala da musculação. Dezenas de aparelhos para musculação compunham o espaço, todas as paredes estavam revestidas com espelhos e ao fundo onde ficavam as bicicletas e esteiras, havia um telão onde passavam vídeos de homens extremamente musculosos fazendo seus treinos. Havia uma pessoa em cada aparelho e ao fundo as bicicletas e esteiras ocupadas. E finalmente o terceiro lance levava ao último andar e o mais importante. Uma ampla sala onde uma treliça contornava todo o espaço, sustentando inúmeros sacos de bater vermelhos. No fundo havia um tatame e um ringue, e, ao centro do espaço um octógono entre duas pequenas arquibancadas com quatro degraus, deixava o ambiente com um cenário realista ao que os atletas encontrariam nas disputas. No alto da parede havia uma foto imponente em preto e branco, trazia um pugilista que ostentava em seu ombro um cinturão de campeão e sob a foto seu nome: Scheidemann. Em outra foto menor estava, outro atleta, mas este vestia um quimono preto, onde lia-se abaixo: Montanha.

Ao lado do octógono estava um senhor de setenta e um anos, era baixo, muito magro e tinha o cabelo todo branco. Usava uma calça de tadel preto e uma camiseta com o nome da academia. Mantinha nos ombros duas toalhas brancas e ao seu lado um balde. Junto do senhor estava uma mulher baixa com o cabelo pintado de loiro, usava short curto e um top de lycra, exibia um corpo perfeito: braços musculosos, um abdômen reto e coxas muito grossas. No braço direito podia se ver o nome Nicolas tatuado em letras grandes. A maioria dos alunos ergueram seus celulares e dispararam vários cliques na direção dela, eles acenaram e ela timidamente deu um leve aceno. Gil cutucou o amigo que estava sentado ao seu lado.

- Quem é ela?

- É a Érica T. Rex... - Gil fez uma expressão de total desinformação, mas o amigo insistiu - Ela luta MMA. É a melhor aqui no Brasil.

Gil deixou o lábio inferior cair e balançou a cabeça negativamente, nunca tinha ouvido falar nela. Todos se acomodaram nas arquibancadas, mas Gil

negociava com dois rapazes para que trocassem de lugar com ela e com Sarah pois ela queria se sentar no último degrau.

- Vai Marcelo, troca... - disse ela com voz de manhã e puxando a barra da calça do amigo. - Você e o Renato são altos.

O professor Álvaro interveio diplomaticamente.

- Eu não acredito que dois rapazes simpáticos como vocês. Vão recusar o pedido da moça.

Os dois rapazes sentindo-se coagidos se levantaram e Renato cochichou no ouvido de Gil.

- Só vou trocar porque você é uma gostosa.

Gil deu um tapinha nas costas do rapaz e as duas pularam para o degrau superior. Estava empolgada e inquieta.

- O que será que vai acontecer?

- Parece que vai ser uma luta. - sugeriu Sarah coçando o canto interno do olho com pouco entusiasmo.

- Ai não acredito!!

Da escada surgiu um homem segurando um microfone sem fio: moreno, pouco mais de cinqüenta anos, baixo, braços fortes e costas largas, mas tinha uma barriga redonda e saliente que deixava claro que a idade o impedia de continuar com a disposição para musculação. Usava um short preto e regata da mesma cor, com o nome da academia. Se aproximou do professor Álvaro e se abraçaram informalmente.

- Obrigado por nos receber.

- Imagina, Álvaro. Você é um grande amigo. Turma grande essa...

- E nem vieram todos. Aos sábados muita gente falta.

O homem virou-se para os alunos e sorriu levando o microfone até a boca.

- Bom dia pessoal! Meu nome é Clayton sou um dos sócios da academia *Sieger*. Sou ex lutador de boxe, categoria meio-médio nos anos oitenta. O Scheidemann não quis colocar nenhuma foto minha na parede, acho que é porque eu não ganhei nenhum cinturão - todos riram - Bom, como amanhã é o aniversário da faculdade, o Álvaro pediu em comemoração, uma apresentação de MMA. Pra quem não sabe combate de Artes Marciais Mistas.

O professor Álvaro que estava recostado no canto da sala o interrompeu.

- É, mas vai ter um trabalho em cima disso.

- Claro, professor não dá nada de graça, né? - Todos riram novamente. - Serão três apresentações: uma dupla de iniciante, uma dupla do semi profissional e os nossos maiores campeões. Sintam-se privilegiados. Na

nossa academia temos quatro personalidades reconhecidas aí no mundo dos esportes. Um deles é a Erica T. Rex - disse apontando para ela que acenou novamente. - Ela é vice-campeã peso galo de MMA profissional. O segundo é o Hans Scheidemann - disse apontando para a foto com o homem que usava o cinturão - foi pentacampeão mundial invicto de boxe. Hoje ele luta MMA e representa a academia juntamente com a Erica. O terceiro é o João Montanha ex bicampeão mundial faixa preta de jiu-jítsu. E por último, mas não menos importante: seu Antônio. - disse, agora, apontando para o senhor com as toalhas nos ombros. O pequeno senhor acenou e todos riram - Mas eu não estou mentindo, pergunte pelo seu Antônio que todo mundo o conhece. A Erica e eu vamos ser os juizes e eu gostaria de um voluntário para ser o terceiro elemento.

Renato ergueu rapidamente a mão e se levantou, posicionando-se ao lado de Erica e não perdendo a oportunidade de tirar uma *selfie* com ela.

- Só mais uma coisa, pessoal. Não pode tirar fotos durante a luta, nem filmar. Se alguém quiser tirar fotos com os atletas, principalmente as moças, depois da luta, ok?

O primeiro combate foi entre dois homens que não passavam dos setenta quilos. Uma luta muito movimentada, ambos atletas eram muito determinados e esbanjavam energia, tinham movimentos rápidos que pareciam não se cansar. Não havia muita técnica, como Clayton havia explicado, eles eram iniciantes, mas não lhes faltaram motivação. A luta durou três round de três minutos e a vitória foi contada por pontos. Erica ergueu o braço do vencedor que mostrava-se muito contente como se fosse uma disputa oficial. O segundo combate foi entre duas moças. Já se podia assistir uma luta mais lenta, porém, com movimentos precisos e golpes técnicos. Ambas dominavam a arte do jiu-jítsu, então, a luta se passou noventa por cento no chão, onde uma das moças com uma chave de perna conseguiu vencer sua adversária, no segundo round.

- O que você tá achando? - Perguntou Gil?

- Se eu tomar um soco desse na cara caio na hora, mortinha.

Gil riu e ia complementar o comentário da amiga, mas um rock industrial invadiu o ambiente e do vestiário saiu um homem usando short de lycra preto e luvas de MMA. Pele branca, cabeça redonda e raspada mas mantinha um cavanhaque loiro e volumoso. Os dois braços tatuados com desenhos conflitantes: caveiras e flores, anjos e demônios; e em seu abdome tatuado a cabeça de um búfalo. Tinha os músculos dorsais tão grandes que seus braços não baixavam direito. Seu corpo era extremamente musculoso, tornando seus movimentos lentos. E as orelhas muito deformadas no melhor estilo "orelha de couve-flor".

A música baixou e Clayton iniciou:

- Neste canto com quarenta cinco anos, pesando cento e dezoito quilos, em um metro e oitenta e oito de puro músculo. Ex bicampeão mundial faixa preta de jiu-jítsu e ex campeão de MMA profissional. Uma salva de palmas para o nosso atleta peso-pesado: João Montanha.

A música aumentou, o homem ergueu os braços para o alto e sorriu mostrando o protetor dos seus dentes, os alunos se empolgaram. Sarah bateu palmas, mas olhou para Gil e confidenciou.

- Não gosto de MMA, aliás, não gosto de nenhuma luta.

- Você não acha sexy dois homens suados, com corpos perfeitos, tentando provar qual é o mais machão?

Sarah soltou uma gargalhada jogando a cabeça para trás.

- Acho que esse não é o objetivo desse esporte, Gil.

- Mas é só isso o que eu vejo. Olha, com quarenta e cinco anos, que pedaço de mal caminho...

Sarah riu, vendo a amiga ficar vesga e morder o lábio inferior. A música voltou a aumentar e outro atleta entrou no octógono. Branco, cabelo castanho claro, liso, num corte estilo militar. Olhos verdes escuros. Também usava luvas e um short de lycra curto exibindo um corpo perfeito, na qual todos os músculos estavam harmoniosamente desenvolvidos e por ser mais alto parecia muito mais perigoso.

- E deste lado, com trinta e seis anos, pesando cento e vinte quilos de puro músculo, um metro e noventa e cinco. Ex pentacampeão mundial de boxe, invicto, da categoria peso-pesado: uma salva de palmas para a lenda, a muralha alemã: Hans Scheidemann.

Hans acenou para os alunos e todos ficaram em pé o saldando, parecia que todos o conhecia, menos a dupla de amigas. O atleta timidamente agradeceu com um simples movimento de cabeça e um sorriso sutil. Estava concentrado, com uma ruga acentuada entre os olhos.

- Estamos desinformadas, hein? Precisamos ver mais o canal de esportes.

Debochou Sarah, mas Gil nem lhe dera atenção.

- Olha o tamanho dessa criatura! - disse Gil revirando os olhos. - Cento e vinte quilos de puro músculo. Af! Vou começar a gostar de luta a partir de hoje. Mas vou torcer para o tatuado, ele é mais simpático.

- Eu gostei desse, ele não parece ser metido, parece ser tímido... - disse Sarah - O outro é muito exagerado e ele se acha, parece um pavão.

A luta fora até o início do segundo *round* e por mais que Montanha tentasse derrubar seu adversário para conseguir finalizar usando a arte suave, sua especialidade, por outro lado o gigante alemão fazia jus ao apelido de Muralha, indestrutível e inabalável. Mas uma seleção de golpes contra a cabeça de Montanha o fez ajoelhar-se e bater três vezes contra o chão, desistindo da luta. Hans não comemorou e o ajudou a se levantar. Sarah sorriu e aplaudiu ao ver os dois atletas se abraçarem, pareciam velhos amigos. Clayton declarou o campeão e Érica ergueu o braço de Scheidemann mostrando-se tão feliz e empolgada que parecia até que estava valendo um título. Os alunos ficaram agitados, a luta, apesar de rápida, havia sido muito empolgante e todos foram tirar fotos com os atletas.

- Vamos Sarah - disse Gil já se levantando. - Vamos tirar uma *selfie* com eles.

- Não, vou ficar por aqui...

Todos desceram das arquibancadas e cercaram os atletas e Érica. Apenas Sarah permaneceu sentada, segurando seu material e o de Gil que estava ocupada demais agarrando Montanha sem nenhum constrangimento para uma *selfie*, nem seu Antônio escapou do clique da amiga. Sarah olhou para o lutador campeão que sorria meio sem jeito para o celular dos alunos, diferente de Montanha que exibia seus músculos como num campeonato de fisiculturismo. Sentiu o celular vibrar, levou o aparelho até os olhos, havia uma mensagem de Andreas, mas não a leu. Olhou a hora, era meio dia e meia, tinha apenas uma hora para chegar ao hospital. Apanhou suas coisas e as da amiga e desceu da arquibancada apressada. Acenou para Gil para que ela se apressasse.

- Vamos! - balbuciou

Caminhou até a escada e antes de sair olhou para trás se certificando de que a amiga estava vindo. Teve ímpeto de olhar uma última vez para o lutador campeão e então percebeu que estava sendo observada por ele. Hans sustentou um olhar firme apesar de sem expressão, fez um leve movimento com a cabeça e Sarah sentiu o coração disparar como se tivesse corrido quilômetros. Tudo que ela pode fazer foi devolver-lhe um sorriso tímido e se foi.



## *A Despedida*

Seu Átila não pode conter o sorriso nos lábios quando atendeu a porta e viu Andreas, eram raríssimas as pessoas que lhe agradavam. O rapaz estava impecavelmente bem vestido, usava uma camisa bem passada, barba feita e um perfume agradável. Cumprimentaram-se espontaneamente, abraçaram-se sinceramente felizes por se reencontrarem, cada um com seu interesse: seu Átila por saber que Andreas era o bom partido; Andreas por ser o escolhido por aquele a quem gostaria de chamar de sogro. Sarah observou os dois analiticamente. Andreas era o cara certo, pensou. Não deixou que conversassem muito, estavam atrasados. Gil já devia estar sentada na mesa mais próxima ao tablado que Paulo cantava, com cara de apaixonada e percorrendo os olhos por todo canto a sua procura. Foram para o carro e pela primeira vez Andreas não falou sobre os dois. Falou pouco, parecia triste. Sarah ficou preocupada, poderia ser um assunto pessoal e ele não era do tipo que se abria com as pessoas, talvez estivesse precisando conversar, mas achou melhor ajudá-lo na volta para casa, pois qualquer assunto que ela iniciasse ele iria falar sobre a tal resposta. A praça de alimentação estava lotada, pessoas comendo, pais correndo atrás de seus filhos, casais de namorados apaixonados, pessoas cheias de sacolas de papel com nomes de lojas e o cheiro da comida que se misturavam no ar. Ao apontaram na praça, imediatamente, viram Paulo no tablado cantando e o braço de Gil acenando exageradamente como se eles não soubessem onde ela estaria. Andreas apanhou a mão de Sarah e se espremeu entre as pessoas para chegar até os amigos, na frente do restaurante de lanche o tumulto era geral. Cumprimentaram a amiga e

sentaram-se junto dela. Andreas acenou para Paulo que sorriu para eles sem parar de cantar e dedilhar o teclado. A música falava de uma tristeza amorosa que daria depressão em quem estivesse feliz. Ninguém estava prestando a atenção. O falatório era geral. Até a campainha da senha chamava mais a atenção do que a voz do cantor. Parecia que ele estava cantando para as moscas e para a namorada, é claro. Sarah confidenciou para Gil.

- Por que o Paulo só canta música triste?

- Repertório do Shopping... E o Ramon, não quis vir?

- Liguei pra ele, mas ele disse que o salão estava lotado. - Sarah olhou a sua volta e virou-se para a amiga - Af! Isso tá parecendo um velório. Fala pra ele cantar o que ele gosta, tenho certeza que isso vai ficar bem mais animado.

- Ele não pode. Como é um ambiente onde as pessoas estão comendo tem que ser mais light; ou pedido de cliente.

- Não é a toa que ele anda desanimado.

Quando a música acabou, Sarah se levantou e foi até o cantor e cochichou. Gil viu quando o namorado olhou nos olhos da amiga e sorriu. Sarah voltou para seu lugar ouvindo o dizer ao microfone.

- Essa música é o pedido da Sarah.

Paulo olhou para o teclado, posicionou a boca no microfone e soltou:

- Eu já lavei o meu carro, regulei o som...

E antes que terminasse o primeiro verso, todos ficaram em silêncio, olhando para ele, se animou imediatamente. Paulo tinha a voz e a aparência do Gustavo Lima e era fã número um do cantor. Seu talento já era notado desde criança quando as professoras da escola solicitavam a sua apresentação em todas as festas de fim de ano. De família classe média-baixa tinha tudo para brilhar, mas seu pai não admitia que o garoto trilhasse por esse caminho. Já havia um tempo que nem gostava de ouvir o filho cantar para não o incentivar. Em meio a tantas discussões e brigas, Paulo aos dezoito anos resolveu tentar a vida cantando. Pediu para ser mandado embora do seu emprego num *call center* de uma empresa de telefonia e com a indenização, o seguro, e a ajuda da namorada, comprou o teclado, um amplificador e um microfone. Vivia a vida do jeito que gostava e desde então não tinha uma boa relação com o pai, mas por outro lado era compensado com os paparicos exagerados da mãe, seu anjo da guarda, que está sempre de prontidão ajudando o único filho quando necessário. Mas Paulo nunca conseguiu nada além do que cantar em lugares onde as pessoas estão comendo, onde ninguém dava o devido valor ao cantor. Precisava de algo melhor do que

aquilo, queria ser aplaudido, elogiado, queria levar Gil nos lugares que ela gostava sem se preocupar se teria dinheiro para pagar. Queria viver do que amava fazer.

- Gata me liga, mais tarde tem balada. Quero curtir com você na madrugada...

As duas amigas jogaram as mãos para o alto e as agitavam de um lado para o outro, cantando junto com ele. Gil empolgada, se levantou e apanhou o chapéu do namorado que estava no chão, o colocou na cabeça e puxou Sarah para ficar em pé. Elas dançaram fazendo a coreografia do refrão da música e quando viraram-se rodando, viram que algumas pessoas haviam se levantado para dançar também: em coreografia ou em casais. E até mesmo quem continuou sentado estava cantando e mexendo os ombros. Era muito contagiante. Sarah abraçou Gil, deram as mãos e dançaram em par. Todos cantaram junto com Paulo. No último refrão Sarah virou-se para Andreas que estava olhando para ela e batendo palmas timidamente. Ela tirou o chapéu de Gil e colocou sobre cabeça dele e puxou-o pela mão para que se levantasse. No primeiro momento ele recusou, mas ela insistiu. Ele não gostava de dançar, mas não podia desperdiçar nenhum momento com ela. Andreas se levantou e ficou ali mesmo ao lado de sua cadeira, Sarah envolveu sua cintura com os braços dele e se embalou de um lado para o outro com as no seu pescoço, olhos nos olhos. Ele a acompanhou meio sem jeito. Estava mudando, pensou, ela daria a tal chance que tanto queria. Paulo estendeu a música um pouco mais do que a original e ao final recebeu os aplausos empolgados sem precisar solicitar a platéia. Gil aplaudiu também com os olhos apaixonados vendo o sorriso de agradecimento do namorado. Logo ele se embalou em outra música agitada e apesar das duas se sentarem, alguns casais continuaram dançando.

Ficaram por lá até a meia noite, esperando até que a última pessoa fosse embora. Andreas e Sarah foi até o casal de amigos para se despedirem. Paulo estava tomando água enquanto Gil enrolava alguns fios e os enfiava dentro de uma mochila preta.

- A gente já vai, Paulo. Tem certeza que não quer ajuda?

- Não, não. Valeu mesmo, Andreas! A gente desmonta isso aqui em dez minutos.

As duas despediram-se e Sarah foi com Andreas. Caminharam lado a lado por dentro do shopping. Todas as lojas estavam fechadas, deixando o silêncio que pairava sobre eles ainda mais tórrido. Ela pensou em investigar se Andreas sabia algo sobre o mistério que rondava Paulo, mas achou que ele não falaria por causa daquela cumplicidade inabalável que existe entre os homens. Continuaram,



acompanhados pelo som de seus passos até o estacionamento. Havia poucos carros, estava fácil achar a caminhonete branca de Andreas. Sarah ficou parada ao lado da porta esperando que ele a destravasse, mas sentiu braços envolver-lhe a cintura e o cheiro bom do perfume dele. E mesmo com o rádio desligado era capaz de ouvir a voz da Ana Carolina. Fechou os olhos sentindo o sangue correr-lhe pelas veias, não podia resistir aquilo. Havia muito tempo não sentia aquela sensação. Andreas puxou para trás, o cabelo com cheiro de chocolate e deslizou os lábios por seu pescoço. Ela sentiu o corpo todo arrepiar, virou-se e dessa vez implorou por seus lábios e Andreas beijou-a com tanta paixão, tanto desejo que Sarah achou que naquele momento, faria o que ele quisesse. Tudo nele era uma súplica por aquele amor que ela insistia em manter lacrado, Andreas era o cara certo.

Ouviram uma moto parar ao lado deles, Andreas olhou para o segurança com um sorriso acanhado e as palavras do homem soaram como um balde de água fria.

- Chefe, a gente precisa fechar.

Andreas simpaticamente fez um gesto de positivo para o homem agradecendo por ser discreto.

- Desculpe-me, a gente já vai.

A moto se afastou, mas ele não a soltou. Voltou a encarar seus olhos com expressão firme e sério.

- Vou fazer uma viagem... Vou ficar uns quinze dias fora.

- Por que?

- No meu trabalho... Eles pegaram uma obra na Bahia e eu recebi a chance que eu queria e não posso desperdiçá-la.

- Nossa, Andreas, que legal!

- Quando eu voltar vou resolver essa situação. Eu te amo, Sarah. Não posso ficar mais um ano te esperando pra receber outra recusa. Só quero uma chance...

- Andreas...

Ele apertou ainda mais sua cintura e olhou mais firme em seus olhos.

- Não estou te pedindo em casamento, só quero uma chance, se não rolar você me dá um pé na bunda, eu sumo da sua vida e resolvemos. Mas não posso me permitir continuar nessa situação. Você não está sendo honesta comigo.

- Ok. Quando você voltar vamos resolver isso. Eu prometo.



## *Laira*

Sarah estava em São Paulo, eram quatro e meia da tarde. Estava sentada no ponto de ônibus da esquina do hospital, trajando seu belíssimo uniforme. Como não haveria aula, não precisou levar sua pesada mochila com a troca de roupas. Sentiu o suor escorrer pelo abdome, puxou a gola da camisa para frente e soprou entre os seios para se refrescar. Olhou para o céu, não havia nuvem alguma e o sol estava escaldante. Tirou o celular da bolsa, não havia nenhuma mensagem. Virou-se para a rua e espremeu os olhos para ler o nome do ônibus que se aproximava. Levantou-se para dar o sinal, mas seu celular vibrou.

Gil Minion

Sarah você pode vir até a minha casa? É urgente...

Sara Vega

Já estou indo. O que aconteceu?

Gil Minion

Quando você chegar aqui eu te explico.

Pelas palavras, Sarah percebeu que a amiga precisava de ajuda. Gil sempre iniciava as conversas com frases contendo uma quantidade infinita de vogais, para

ênfatar seus sentimentos. Voltou a se sentar a espera do próximo ônibus. Estava um tanto apreensiva, só podia ser algo com o Paulo e meia hora depois Sarah estava na frente da porta do apartamento da amiga. Abraçou-a aflita, por conta do teor da mensagem.

- Vim o mais rápido que pude. O que foi? O Paulo está bem?

- Está... Está tudo bem.

Sarah percebeu que Gil mantinha um sorriso de quem estava aprontando. Ficou séria.

- O que é, Gil? - Gil ficou em silêncio e apontou com as sobrancelhas para o sofá. Sarah virou a cabeça lentamente para o lado e viu uma mulher sentada numa cadeira de frente para o sofá, segurando as mãos da prima da amiga. Sarah voltou olhos arregalados para ela e deu dois passos para trás. Gil saiu também e fechou a porta. Cochichavam. - Quem é ela?

- É uma vidente.

- Eu não acredito que você trouxe uma vidente pra dentro da sua casa. Ela pode ser uma ladra, voltar e roubar todas as suas coisas.

- Xiii! Ela pode escutar. Não é você que não generaliza as coisas? Ela é boa. Você não vai acreditar nas coisas que ela disse pra minha prima, bateu tudo certinho e ela me perguntou sobre você, por isso eu te passei a mensagem.

- Como assim, sobre mim?

- Ela me perguntou sobre minha melhor amiga...

- Ah, Gil! Pelo amor de Deus! Toda mulher tem uma melhor amiga... Você não foi trabalhar?

- Hoje é minha folga. Vamos lá falar com ela, aí você vai entender. - Gil juntou as mãos e piscou repetidas vezes - Por favooor!

Sarah mesmo contrariada acompanhou a amiga e sentou-se no sofá em silêncio o mais longe que pode. A senhora tinha aproximadamente sessenta anos. Usava uma bata branca de renda e uma calça larga de cor clara. Virou-se para a recém chegada com um sorriso sincero e olhos serenos feitos de âmbar, como os de Sarah. Os fios brancos no seu cabelo, que já eram a maioria, passavam um pouco abaixo da altura dos ombros e seus movimentos exalavam cheiro de flores. Encarou Sarah por alguns segundos, havia algo de enigmático no rosto da senhora, uma aura de paz exalava daquela figura tão fascinante que era difícil julgá-la uma impostora. Sarah tentou um sorriso para cumprimentá-la.

- Agora é a minha vez... - Gil estava empolgada esticou os braços e mostrou para a mulher a palma das suas mãos com os dedos apontados para cima. A

senhora num movimento muito sutil preencheu a palma das mãos de Gil com suas mãos.

- Somos frutos da terra e filhos do sol - quando Sarah ouviu a palavra sol olhou para a mulher sentindo-se familiarizada. - Vamos conectar nossas energias e nos tornaremos uma só. - Disse entrelaçando os dedos e fechando os olhos, Sarah ficou intrigada, nunca tinha visto aquele tipo de exibição vidente.

- E aí? Tá vendo coisa boa!

- Ah menina! - exclamou a senhora com um sorriso. - Quanta energia boa emana de você. São poucos mortais que possuem essa carga positiva. Agradeço a Deus pela oportunidade de conhecer um ser como você.

- Obrigada! - respondeu Gil animada e com os olhos fechados. - Quero saber sobre o meu namorado. Ele vai fazer sucesso?

- Entenda, menina, o destino é uma linha numa roca de fiar, você é a trama e escolhe em qual urdidura vai tecer, conforme as suas escolhas. Sua linha está entrelaçada à dele e às pessoas que os cercam, mas só posso responder com precisão se eu estiver com ele. O que eu vejo são vocês muito felizes com alguma notícia que ele vai lhe dar.

- Ai que legal! - exclamou agitando as mãos - Eu vou me casar com ele?

- Casamento!?! - disse a senhora recuando. - Não vejo casamento e nem sempre vejo coisas boas. Essa é a desventura do meu dom.

- O que tem de ruim? - perguntou ela abrindo os olhos novamente.

Zaira viu morte no destino da menina, mas não quis revelar.

- Não se preocupe com obstáculos, eles existem para nos tornarem fortes. Aproveite cada dia, menina, como se todos os dias você fosse ver o último nascer do sol.

Gil olhou para amiga percebendo que a mulher estava falando sobre morte. Sarah balançou discretamente a cabeça de um lado para o outro, para que a amiga não se abalasse com aquilo, Gil insistiu.

- Quem vai morrer?

- Eu só tenho permissão para falar sobre amor, saúde e energia. Sei que é um ser maravilhoso e que tem poder para mudar as coisas, basta querer e ouvir os sinais do universo.

A mulher olhou para Sarah que endireitou a coluna se esquivando.

- Eu só vim olhar, não quero saber de nada. Me desculpe senhora, mas eu não acredito nessas coisas. As coisas que vocês falam são superficiais e servem para todos. Essa é metodologia: você encontrou o homem de sua vida; sua melhor

amiga está te traindo; vai haver morte na família. São coisas óbvias que podem acontecer com qualquer um.

- Sarah! - reprovou, Gil, virando-se para a vidente - A Sarah acredita em Deus, mas é um tanto cética com todo o resto.

- Não sou cética, só que acredito na energia do universo, da natureza, vibrações, sexto sentido, auras, outro tipo de sobrenatural.

- É o que sentem as Estrelas da manhã, perfeitamente normal. Mas, eu não preciso lhe contar nada, já que você mesmo pode ver o seu futuro.

Sarah lhe devolveu um sorrisinho debochado.

- O único futuro que eu prevejo é que amanhã tenho que acordar cedo, ir trabalhar e depois: faculdade.

- É mesmo? - disse a mulher fechando os olhos. Pousou as palmas de suas mãos nas próprias pernas e puxou o ar com força para dentro dos pulmões. - Mas e se eu fugir à regra, e lhe perguntar sobre o cão?

Imediatamente Sarah lembrou-se do pastor alemão e enrugou o cenho tentando desviar-se da pergunta e das suas próprias lembranças.

- Que cão?

- Do cão pastor que está em toda parte.

Sarah irritou-se consigo.

- Não sei do que a senhora está falando...

- De todas as imagens que você vê, Sarah. São sinais de vidência. Mas você não consegue montá-las porque não as aceita.

Sarah sentiu um arrepio pelo corpo. A vidente sabia sobre os imagens que ela via. Se levantou assustada.

- Eu já vou.

Gil segurou Sarah pela mão e puxou para que a amiga voltasse a se sentar.

- O Andreas é o homem da vida dela?

A senhora levou olhos penetrantes para Sarah e voltou a falar.

- Não posso precisar o nome, só vejo lugares e pessoas. Ela já o encontrou, só não sabe que é ele.

- Ah! Isso eu posso prever. - exaltou-se Gil - O nome dele é Andreas, eu já disse isso a ela.

- Só posso dizer que é um homem de muita força.

Gil desanimou e caiu na gargalhada.

- Então definitivamente não é o Andreas.

Sarah se levantou novamente com um sorriso apático, olhando para a amiga.

- Eu realmente preciso ir. Tchau Gil, a gente se vê na faculdade.

A senhora a interrompeu.

- Você é uma mulher muito forte também. Vai conseguir lidar com seu destino sozinha. Mas seria mais fácil se simplesmente aceitasse. Cabe a você Sarah, segui-lo ou mudá-lo. Por isso que as vezes algumas visões são dadas como erradas. Porque a pessoa teve a fé de mudar o que o destino lhe propôs, isso é o que difere o fraco do forte. - Sarah ficou ainda mais assustada ao ouvir aquilo e olhou pra Gil, que se lembrou imediatamente das palavras do professor. - Você recebeu de Deus um dom, não o desperdice.

Sarah virou as costas e foi até a porta, mas Gil a interrompeu novamente.

- Tem que pagar alguma coisa para ela.

Ela voltou mexendo na bolsa e lhe estendeu o dinheiro, Zaira lançou olhos ferozes para a nota como se aquilo fosse um insulto Ergueu os olhos até Sarah com tom de voz firme.

- Eu não vendo o meu dom.

Ouvir aquilo fez Sarah esquecer seus preconceitos e sorrir para a mulher que lhe retribuiu com um sorriso ainda maior. Finalmente saiu, Gil foi atrás da amiga, colocou seu ombro no dela e ambas desciam as escadas do prédio.

- Não ficou com raiva, né? Achei que você ia curtir. Afinal, quem não quer saber o futuro?

- Eu não quero...

- Me desculpe, achei mesmo que você iria gostar.

Sarah sorriu.

- Tudo bem, mas não me chame mais pra participar dessas coisas.

- Tá bom! Mas eu tenho necessidade de saber, quero sempre estar prevenida...

Gil parou abruptamente quando chegaram ao pátio. Sarah olhou para a amiga vendo sua expressão mudar completamente, acompanhou seus olhos e viu Paulo encostado na parede do prédio, conversando com dois homens. Ele falava baixo, com as mãos nos bolsos, parecia tenso.

- Porque tá olhando assim? Você conhece aqueles caras?

- Ele vem aqui no meu prédio pra ficar com eles agora, nem vai tanto na minha casa. Amanhã ele tem show e devia estar ensaiando.

- E não te dá nenhuma explicação?

- Nem precisa me explicar nada... Vá embora, Sarah, não quero que eles nos veja.

As duas se beijaram e abraçaram-se apertadamente.

- Amanhã vamos conversar sobre como resolver isso, você tem que dar um xeque-mate nessa história.

- Ta bom amiga. Vá com Deus!

Sarah resolveu sair pelo portão dos fundos. Iria caminhar um pouco mais até o ponto, mas achou melhor não ser vista pelo amigo. Caminhou por uma rua longa, contornada por prédios dos dois lados, iguais, enfileirados, parecia que se o primeiro tombasse resultaria num efeito dominó. O sol iniciava a sua descida e a acompanhou. Muitas crianças brincavam. Alguns garotos jogavam futebol na rua, fazendo dos chinelos os limites do gol. Havia em uma das calçadas um bar improvisado feito de madeira onde alguns homens bebiam cerveja, ouvindo música num som alto que vinha dos alto falantes de um carro. Um grupo de cinco meninas brincavam de casinha na calçada com panelinhas de plásticos. Seguravam suas bonecas como se carregassem bebês. Algumas usavam bolsas nos ombros e todas usavam batom rosa. Sarah ficou muito feliz em ver aquela cena, pensou que ainda existiam crianças que brincavam de ser gente grande. Sorriu para elas e ganhou cinco sorrisos em troca. Voltou a olhar a rua, mais alguns passos a fez chegar no ponto. Sentou-se, pensou em pegar o celular, mas faltava algumas prestações para quitá-lo e por isso tinha medo de expô-lo na rua. Voltou a olhar a agitação das cinco meninas e se distraiu. Sua mente se ocupou com os olhos verdes do lutador, virou a cabeça para o lado esquerdo e de repente...

*Era um velório... Atrás do caixão preto com alças de metal prateado, havia uma enorme e bonita coroa de flores... Diante do caixão estava um homem alto, usando um sobretudo cinza escuro... Estava de costas por isso não pode ver o seu rosto... Sarah fechou os olhos e respirou fundo se aproximando do homem... Ergueu a mão e tentou tocar suas costas largas, mas foi surpreendida pela presença de um cão da raça pastor alemão que se aproximava dela...*

- O centro já passou?

Sarah apertou os olhos tentando se desprender daquela imagem triste que encheu seus olhos como uma interferência. Olhou a sua volta, ainda estava

sentada no ponto de ônibus. Uma mulher estava no ponto também Sarah nem havia percebido sua aproximação.

- O que? Eu não ouvi...

- O ônibus... Centro... Já passou?

- Ah... É... Não, eu também estou esperando.

Sarah olhou para frente e o pastor lhe deu as costas e saiu, ela olhou para a mulher e disse mais para comprovar sua insanidade.

- Que cachorro bonito, né?

- Que cachorro?!

Perguntou a mulher espantada. Sarah pensou em uma resposta rápida que não fosse " desculpe senhora, eu sou doida", mas não achou nada melhor para dizer e concluiu.

- Nenhum, acho que cochilei. Não dormi bem essa noite. Sabe como é, internet...

A mulher ergueu as sobrancelhas com sorriso sem graça e preferiu dar atenção ao próprio celular. Sarah ficou em silêncio lembrando-se da imagem e sentindo uma tristeza invadir-lhe o coração. Como se aquilo tivesse realmente acontecido. O ônibus chegou, Sarah sentou-se olhando a cidade pela janela. Não acreditava que a amiga a tinha colocado naquela situação. "*Um homem de muita força*", grande descrição da vidente, pensou. Quinze minutos depois estava atravessando o portão do seu prédio, cumprimentou Eupídio na portaria e aguardou o elevador. Quando a porta se abriu, deparou-se com um jovem casal.

- Oi Dorinha! Oi Ian!

- Oi Sarah! - disse os dois.

- O Victor nasce este mês, né? - perguntou Sarah passando a mão na enorme barriga da garota que não tinha mais de dezoito anos.

- É esse mês, sim.

- Não vejo a hora dele nascer! Não esquece de me ligar, Ian, quero ser a primeira a ver o baby, depois de você é claro.

- Pode deixar - disse o rapaz orgulhoso passando a mão na barriga da namorada também - Eu te aviso.

Passou para dentro do elevador, apertou o número cinco que se ascendeu. As portas já estavam se fechando quando ela ouviu um grito exagerado de uma voz rouca:

- Espeeera!!!

Sarah involuntariamente colocou as mãos entre as portas para que se abrissem novamente e de repente se deparou com um rosto conhecido: Ramon.



- Precisa fazer esse escândalo? - disse Sarah beijando-lhe no rosto.

- Ai - disse ele esbaforido, com a mão no peito. - Eu preciso muito falar com você. Fecha logo a porta, porque o Zé vai reclamar porque eu gritei.

Sarah obedeceu rapidamente, mas ainda sim viram o rosto de Eupídio entre as portas que se fechavam. Ramon ajeitou a tiara no cabelo, pois, na corrida, havia caído sobre o seu nariz, passou as mãos pelo *megahair* cacheado com pontas loiras e ajeitou a bolsa no ombro.

- E o que é tão urgente?

- Ai, Sarinha, a mulherada lá no salão tá doida por aquele esmalte azul que você tem e eu não acho em lugar nenhum. - Ramon olhou para Sarah e seus olhos ficaram prateados por dois segundos e voltaram ao normal. - Onde você comprou, amiga?

- Na Vinte e Cinco... Seus olhos...

- O que tem os meus olhos? Meu rímel borrou?

Perguntou preocupado, passando os dedos indicadores com unhas enormes e vermelhas no contorno inferior dos olhos?

- Não... - desconversou. - A moça disse que esse esmalte estava em falta.

- Você me empresta? Eu tenho um encontro no sábado a noite - disse revirando os olhos para cima - e vou usar uma blusa azul turquesa e com aquele esmalte ia ficar um luxo, Sarinha.

Sarah deslizou as pontas dos dedos sobre o rosto do amigo num gesto de carinho.

- Você não vale nada, mesmo. Claro que empresto. - Ramon agarrou Sarah pelo pescoço, abraçando-a. - Obrigada, amiga.

- Quem é o cara?

- Um lindo, que eu contratei pra cortar cabelo lá no salão. Aí ele não resistiu ao meu charme, porque Ramon não perde tempo, né? E você, já se ajeitou com o Canário?

- Que canário? Ah, o Andreas? Não, somos só amigos.

- Nossa! Ele é um deus grego! - disse se abanando com um folheto que ganhou na rua com anúncio de convênio médico e dando uma gargalhada - Um desses não cai na minha rede.

Sarah passou o braço sobre os ombros do amigo e o beijou na face, sentia muito carinho por ele.



Tinham a mesma idade e haviam crescido juntos. Ramon e Sarah brincavam de bonecas escondido de seus pais, Sarah nunca o viu como homem, sempre como sua melhor amiga. Aos treze anos quando Ramon decidiu revelar aos pais que queria ser menina, Sarah presenciou uma cena que jamais esqueceria. Viu o amigo ser espancado pelo pai. Sarah gritava e tentava segurar os braços do pai do amigo mas o homem estava ensandecido. O garoto teve a pele do corpo todo cortada com um pedaço de fio. Os dois foram parar no hospital. O garoto com ferimentos graves e Sarah delirando em febre. Ela nunca se recuperou e desde então não admitia que o amigo fosse humilhado. Certa vez, quando ainda eram adolescentes, entraram numa padaria para comprar chocolate. Ramon pagou e quando deu as costas a mulher do caixa disse em voz alta. "Isso é uma vergonha". Quando Sarah ouviu, se transformou, voltou para dentro do estabelecimento e uma discussão calorosa se iniciou. Ela esbravejava e se Ramon a soltasse, certamente as duas se agrediriam. Ele precisou arrastar a amiga para fora do estabelecimento e abraçou-a para que se acalmasse.

- Volta pra este corpo, Sarinha! - ironizou.

- Ai que ódio! - gritou Sarah com o rosto todo vermelho. - Não fizemos nada pra ela.

- Esse povo é assim mesmo.

- Você não pode aceitar isso.

- Eu sei o que sou, Sarah, e nada do que essas pessoas me disserem vai me fazer mudar. E se eu brigar com todo mundo que não me aceita vou viver com a cara estourada e eu sou linda demais para isso.

Disse dando uma gargalhada, Ramon não estava realmente se importando com as palavras da mulher.

- Que vontade de voltar e bater naquela mal amada.

- E aí vamos as duas presas por agressão: a prostituta e o travesti.

Sarah olhou para o amigo indignada e em seguida sorriu, se desfazendo da ira. Abraçaram-se e Ramon lhe estendeu o chocolate.

- Vamos se acalmar?!

Voltaram a caminhar abraçados e quando passaram por uma lixeira Sarah arremessou o chocolate no lixo.

- Não vamos comer essa porcaria que aquela mulher tocou.

Após a morte do pai, Ramon montou um salão de cabeleireiro, assumiu sua homossexualidade e seu bom humor de vez. Já que sua mãe não opinava contra, nem a favor.



Sarah saiu do elevador e virou-se para o amigo que continuou dentro dele.

- Você não vai em casa pegar o esmalte?

Ramon ficou hesitante.

- Ai, depois você deixa lá no salão pra mim. Seu pai não vai muito com a cara da bicha.

- Nada a ver, Ramon - disse Sarah estendendo a mão - Vamos lá, eu tô sem tempo pra passar no salão, estou em semana de prova.

Ramon deu a mão para a amiga e a acompanhou, Sarah abriu a porta e já se deparou com seu Átila, sentado em sua cadeira de rodas, lendo. Ela entrou, beijou o pai e o abraçou.

- Tudo bem, pai?

- Tudo - respondeu o homem olhando com indiferença para Ramon.

- Boa tarde seu Átila. - disse Ramon seriamente.

- Boa tarde. - Respondeu o homem sem entusiasmo.

Sarah foi até o quarto e voltou rapidamente para não deixar Ramon constrangido na frente do pai. Sabia que ele jamais trataria mal o amigo, mas também não fazia muita questão de ser simpático.

- Obrigado, Sarinha - disse beijando-a no rosto - prometo que devolvo. Tchau seu Átila.

Seu Átila ergueu a mão e esperou que a filha trancasse a porta para dar início aos comentários.

- Esse cara...

- Pai... - disse Sarah reprovando o com carinho - ele é uma pessoa maravilhosa.

- Eu não sei nem como chamá-lo, de senhor ou de senhora...

- Chame o apenas de Ramon, é o nome dele.

- Não sei como pode ter acontecido isso a ele. Eu vi ele nascer... Como uma pessoa pode se sujeitar a... Ele vai contra a natureza, Sarah.

Sarah sentou-se no sofá ficando de frente ao pai, pegou sua mão e beijou-a.

- Ir contra a natureza é ver na TV filho matando pai. No dia que o senhor passou mal, ninguém quis parar pra te socorrer e o Ramon se jogou na frente de um taxi pra ele parar. Não seja preconceituoso, já existem pessoas demais o julgando.

Seu Átila tirou os óculos e baixou a guarda.

- Tudo bem, filha. - achou melhor desconversar, em se tratando de Ramon, a filha nunca concordaria com ele - Como está indo na faculdade?

- Tudo bem, hoje não tem aula. Esse ano está bem mais interessante acabaram as teorias.

- Mas só se inicia a prática depois de aprender a teoria...

O noticiário da TV chamou a atenção do pai e da filha, quando apareceu a imagem de um bairro que ficava próximo ao deles. Ficaram em silêncio.

"Na manhã de hoje outra invasão á casas aqui no bairro Parque Continental divisa entre São Paulo e o município de Osasco. A polícia disse que existe aqui uma quadrilha especializada em invadir casas. Só neste mês dez casas foram roubadas. Os bandidos monitoram por alguns dias a movimentação dos moradores e assim que as famílias saem para trabalhar eles invadem levando objetos de valor, jóias e muitas vezes dinheiro. E por onde eles passam a surpresa do morador ao voltar para casa é devastadora. - Na TV apareceu o interior de uma das casas invadidas, tudo estava revirado e quebrado. A imagem voltou para a repórter que continuou. - A polícia disse que já existem suspeitos mas que não podem dar maiores esclarecimentos para não atrapalhar as investigações. E a seguir: sistema Cantareira, entra em alerta vermelho..."

Sarah olhou para o pai com olhos arregalados.

- Nossa pai que horror! O senhor viu o que eles fizeram com a casa? Ainda bem que a gente mora em apartamento, bem ou mal, estamos de certa forma seguros.

- É, mas esses delinqüentes quando querem entrar não há obstáculos. Eu não entendo, é esse o futuro que uma pessoa quer pra ela? Como um camarada desse não estuda e batalha para conseguir as coisas como todo mundo.

- Infelizmente nem todos pensam assim...

- E vai viver assim? Fugindo? Entrando como um gatuno, furtando as coisas dos outros?

Dona Soraia apontou na sala secando a mão no avental.

- Você já chegou, Sarah? Ouvi seu pai falando, achei que estivesse ficando louco falando sozinho. Depois vem aqui provar o molho.

A mulher voltou para a cozinha resmungando e arrastando o chinelo, fazendo um barulho que seu Átila odiava. Sarah se levantou.

- O senhor quer tomar banho agora?

- Quero sim.

- Vou provar o molho e já pego suas coisas.

Sarah entrou na cozinha e beijou a mãe olhando a pia cheia de louça para lavar.

- Quer que eu lave a louça, mãe?

- Não tem água...

- De novo!?

- Como foi na Gil? O que era tão urgente?

Sarah se aproximou da panela e espiou o molho que borbulhava.

- Maior furada! A senhora acredita que tinha uma vidente dentro da casa dela vendo o futuro dela e da prima.

- Sério?! - dona Soraia enfiou a colher dentro da panela e apanhou um pouco do molho e ofereceu a filha. - Experimenta esse molho, acho que ficou salgado.

- A mulher me disse que encontrei o homem da minha vida, é mole? Pior ainda, disse que eu posso ver o futuro também?

- E você pode?

- Ah! Mãe! Tenha dó, né?

Sarah pegou a colher virou um pouco do molho na palma da mão e lambeu, saboreou olhando para baixo fazendo cara de suspense e depois sorriu vendo a expressão de preocupação da mãe.

- Está uma delícia como sempre. Vou tomar um banho...

Sarah saiu da cozinha e a mãe disse num tom alto para chamar sua atenção.

- Sua avó via umas imagens...

Sarah voltou e ficou parada na porta encarando a mãe com um sorriso debochado.

- Fala sério, mãe! Qual delas?

- A minha mãe. Quando ela era jovem foi até internada como louca. Fez tratamento de choque e tudo... Aí a minha avó levou ela numa benzedeira que disse que ela não era louca, era vidente.

- E aí?

- Bem, não sei direito, mas, depois que ela descobriu o que era e aceitou, conheceu o meu pai e se casaram e depois acho que ela nunca mais teve nenhuma crise.

- Que história maluca.  
- É, mais ou menos isso. Os mais velhos não gostam muito de falar do passado deles. Antes dela morrer ela me disse que você era como ela.  
- E como a vidente soube disso?  
A mãe deu de ombros.  
- Vai ver ela era uma vidente legítima. Existem muitos charlatões por aí, mas também existe quem tem realmente o poder de ver o futuro. São poucos mas eu acredito nisso!

Sarah fitou a mãe por um tempo, mas não disse nada e foi até o quarto dos pais, apanhou uma toalha limpa no guarda-roupas e um pijama para o pai. Uma nécessaire com escova de cabelo, desodorante, aparelho de barbear, espuma e loção pós barba. Era assim todas as noites, seu Átila esperava Sarah voltar da faculdade para só então tomar banho. Dona Soraia voltava da labuta e com tempo apenas para tomar banho, momento mais aguardado por ela, era como ir a um *Spa*. Em seguida se metia na cozinha fazendo o jantar e preparando tudo para o dia seguinte: molho, purê, salsichas. As vezes erguia as mãos para o céu e agradecia por Sarah tratar o pai como seu bebê. Era uma responsabilidade a menos, já que seu Átila desde o acidente não fazia nenhum esforço para ser independente. Não tomava banho sozinho, não se vestia sozinho. Limitava-se a levar o garfo até a boca para comer. Mas se ficasse em casa sozinho, só saía de frente da TV quando a filha chegava. Sarah sentiu o celular vibrar no bolso do jeans. Era Gil.

Gil Minion

Oieeeee..., hoje não tem aula! Uhuuuul! O que você vai fazer?

Sarah Vega

Oi, maluca! Acho que vou fazer o trabalho de cinesiologia.

Gil Minion

Xiiii! É mesmo! Pra quando é?

Sarah Vega

Pra sexta...

Gil Minion

Que saaaaco! Tava pensando em sair pra tomar uma  
cervejinha. O Paulo tá de boa hoje.

Sarah Vega

Que bom que estão bem. Não sabe o que eu fiz. Liguei  
hoje pro tal de Clayton, lá da academia, e o lutador concordou em fazer as  
fotos pro nosso trabalho

Gil Minion

Você acha que as fotos são necessárias?

Sarah Vega

Acho sim, ninguém vai conseguir isso, vamos ter um  
trabalho diferenciado

Gil Minion

A gente não faz jornalismo, não precisamos de um furo  
de reportagem. Até parece que você tá afim de ver o cara de novo. Ele é  
muito velho..."

Sarah Vega

Nada a ver, o Montanha toparia também, mas ele tem  
muitas tatuagens e para o trabalho não ficaria legal. Você vai comigo, né?

Gil Minion

Quando vai ser?

Sara Vega

No próximo sábado de manhã.

Gil Minion

Claro que vou! Jamais desperdiçaria a oportunidade de  
ver aquele homão de novo kkkk. São cento e vinte quilos de puro músculo.  
kkkkk

**Sarah sorriu ao ler isso.**

Sarah Vega

E a vidente, hein? Nunca mais faça isso comigo, amiga da onça.

Gil Minion

Ela disse homem de muita força. kkkkk Deve ser o "Chademaim" sei lá como ele se chama, ou o Montanha. kkkk

Sarah Vega

Vou sair para dar banho no meu pai, tá falando muita besteira hoje. rrsrsrs. Beijo

Gil Minion: Beijo, miga! Sonhe comigo.





*Sarah Vega*  
*Versus*  
*Hans Scheidmann -*  
*Primeiro Round*

Sarah entrou no ônibus, havia poucos passageiros. Usava uma bata amarela com decote em V, e um colar fino e comprido de miçangas cor de palha e amarelo, que ela passou três voltas ao redor do pescoço. Vestia jeans escuro, justo e uma sapatilha. Os cabelos soltos, brilho nos lábios, lápis nos contornos dos olhos e o rímel que aumentava em dobro o volume do cílios. Usava três pulseiras combinando com os brincos dourados. Um tanto arrumada demais para as sete da manhã de um sábado que prometia ser ensolarado, mas sentiu necessidade de estar bonita para ir até a academia. Sem entender ao certo o motivo de tanta empolgação, ou talvez, fingindo não entender. A bolsa de couro transpassava seu corpo e em uma das mãos o celular conectado aos fones de ouvido, amigos inseparáveis. Carregava a nécessaire com a sua câmera. Pagou o cobrador,

atravessou a catraca e acomodou-se num banco vazio. Olhou pela terceira vez em seu celular na esperança de que Gil tivesse respondido a mensagem.

Sara Vega

Estou indo na academia, você já saiu de casa?

Sarah esperou por um tempo, mas não houve resposta. Discou alguns números, mas a ligação foi automaticamente para caixa postal. Desistiu. Recostou a cabeça no vidro da janela olhando as ruas lá fora. O motorista dirigia muito rápido e tudo passava como se alguém folheasse um livro. E as imagens embaralharam-se.

*Seu Atila estava em sua cadeira de rodas a frente da tv... Olhar triste, decepcionado... Sua cabeça pendendo para trás, os olhos estavam abertos, porém paralisados... Dona Soracia saltou até a cadeira e pousou as mãos sobre o rosto do marido... Estava transtornada... Ajoelhou-se diante dele e chorou com o rosto escondido nas pernas que há muito não se moviam mais...*

*O pastor alemão dessa vez não estava com raiva, caminhou até eles e cheirou seu Atila... Virou-se para Sarah com olhar caído. A imagem ficou escura e pode ouvir a voz doce de Zaira. "Aceite..."*

Sarah apertou os olhos e mesmo se desprendendo do transe, ouvia um latido cada vez mais alto. Olhou para o corredor do ônibus e lá estava ele, o cão pastor alemão, latindo impaciente, mostrando suas presas afiadas, prestes a atacar Sarah. Ela se segurou no ferro do banco da frente, assustada, não tinha como correr se ele a atacasse.

- Posso me sentar?

Sarah ergueu os olhos confusos para uma senhora de lenço vermelho no cabelo, que segurava duas grandes sacolas. Voltou os olhos assustados para o corredor onde havia um rapaz em pé e nenhum cão.

- Claro... - disse ela se levantando - Pode ficar a vontade eu já vou descer.

A senhora agradeceu e se acomodou. Sarah olhou o corredor novamente e quando percebeu que o rapaz a encarava, levou os olhos para o celular, mas só havia uma mensagem de Andreas.

Andreas Arq  
Estou louco pra voltar pra casa.

Sara Vega  
Como estão as coisas por aí?

Andreas Arq  
Muita correria... E você? O que está fazendo?

Sarah Vega  
Estou ocupada, não posso falar agora.

Andreas Arq  
Está trabalhando no carrinho?

Sarah Vega  
Não, depois eu te explico.

Andreas Arq  
Ok, beijos...

Sarah enviou um *emoticon* mandando beijo, para finalizar a conversa com Andreas. Aumentou o som dos fones, para dispersar os pensamentos: a imagem do pai e o choro da mãe não saiam da sua mente. Também não queria pensar naquele cão, nem em Andreas, nem na vidente outra vez. Pousou a testa no ferro sentindo-se angustiada. Soltou o ar dos pulmões desanimada, olhou em seu celular novamente, era um vício. "Como tiraria as fotos do pugilista sozinha?", *pensou*. Lhe veio a idéia de continuar no ônibus e ir até o ponto final, pegar outro de volta pra casa e ir ajudar a mãe no carrinho. Mas queria provar aquela sensação de confrontar seus olhos verdes novamente, não poderia deixar escapar aquela oportunidade, não haveria outro motivo para reencontrá-lo. Ergueu os olhos até a cordinha do ônibus hesitante, era o momento da decisão, então, deu o sinal. Desceu no ponto que ficava a dez metros da entrada da academia,

caminhou até lá a passos pesados, parou diante do prédio da Sieger e olhou no letreiro tão imponente quanto o dono. Agora tinha certeza, não estava ali por causa das fotos. Sentiu as mãos suarem, odiava quando isso acontecia, era sinal físico de insegurança e não havia motivos para nervosismo. *Eram apenas fotos para um trabalho e ninguém podia provar o contrário*, argumentou a si mesma. Entrou, foi até a recepção na qual o amigo do professor Álvaro estava ao telefone. O homem rapidamente finalizou a ligação sem tirar os olhos dela, desligou e sorriu:

- Posso ajudar?

- Oi - disse ela meio sem jeito - Clayton... É... Eu sou a Sarah. Falei com você sobre as fotos do lutador.

O homem com a barriga saliente arregalou os olhos se recordando.

- Claro! Tudo bem Sarah? - disse ele atravessando o balcão e lhe dando um beijo no rosto.

- Tudo bem, sim, Clayton. Obrigada, por me receber.

- Quando você disse que era aluna do Álvaro, não pude negar. O Álvaro é um grande amigo.

- É, acho que todo mundo gosta dele. E o moço ele parecia meio... Bravo...

- Não se preocupe. Ele tem aquele jeitão só na hora da luta. Não vou te dizer que ele topou na hora, mas eu expliquei que era para uma amiga fazer um trabalho da faculdade e aí deu tudo certo.

Ela sorriu agradecida.

- Que bom que ele aceitou.

- Vamos entrar?

O homem deu passagem para que ela fosse na frente. Sarah subiu os degraus sem muita pressa, estava um pouco nervosa e tinha esperança de que Gil aparecesse a qualquer momento. Além de ser a companhia perfeita, as piadas dela sempre ajudavam a quebrar o gelo. Olhou no celular novamente, havia uma mensagem de Paulo.

Paulo Paixão

Oieeeee, migaaaa! Quebrei meu celular. Era hoje as fotos com o "Chademain"?

Sara Vega

É hoje... Onde você está?

Paulo Paixão

Eu esqueci... Tô na casa do Paulo, dormi aqui. Você pode esperar um pouquinho, por favooooor...

Sarah Vega

Não dá, já estou aqui, como você não respondeu eu vim.

Paulo Paixão

Você me perdoooo??? Sniff...

Sarah Vega

Vou pensar... Vou sair... Beijo.

Então desta vez teria que enfrentar sozinha. Como era muito cedo, a academia estava com poucos alunos. Não havia música no ambiente ainda e no piso da ginástica só estavam os professores organizando tudo para dar início as aulas. No segundo andar, dois homens realizavam suas séries nos aparelhos de musculação. E, ao entrar no terceiro piso, seus olhos percorreram rapidamente o lugar e encontraram o lutador. Sentiu as bochechas arderem de vergonha e umedeceu os lábios sentindo que a boca estava seca. *Definitivamente, não estou aqui por causa das fotos, pensou.* Seu Antônio usava um rodo envolvido num pano, esfregando-o contra o chão e quando a viu apressou-se para chegar com a limpeza perto dela. Procurou seus olhos e sorriu contraindo todas as rugas do seu rosto e com olhos prateados, Sarah correspondeu e sentiu certo conforto naquele momento. Hans estava dentro do octógono, com o braços cruzados, olhos atentos sobre Érica que tentava finalizar a luta aplicando um golpe de jiu-jítsu em sua adversária. Montanha estava ajoelhado ao lado delas, atento a posição, analisando o golpe. Sarah levou os olhos até as lutadoras, Érica estava deitada de costas pro chão, com as pernas envolta da cintura da adversária e os pés cruzados sobre suas costas de um modo que ela nunca escaparia, a cabeça da garota encontrava-se presa no triangulo do braço e só restava a Érica encaixar lhe perfeitamente a guilhotina e apertar-lhe precisamente para que a adversária desistisse. E foi o que aconteceu, apertou com tanta força que ambas ficaram sem a circulação sanguínea no rosto. A garota deu três tapinhas contra o braço da campeã, desistindo. Esta afrouxou o braço e se levantou num salto, exibindo um corpo perfeito debaixo da roupa de lycra. Caminhou pelo octógono vibrando, com as mãos na cintura e quando passou por Hans tocaram as mãos. Havia uma

cumplicidade entre eles que incomodou Sarah e a fez desistir daquilo por um momento. Hans foi até a outra garota que permanecia ofegante, de joelhos e com lágrimas incessantes nos olhos, ela havia esgotado todas as suas forças tentando vencer a campeã. Ele ajudou-a se levantar, tomou a cabeça dela entre as suas mãos e conversaram por um momento. Secou-lhe as lágrimas enquanto ela balançava a cabeça concordando com tudo o que seu instrutor dizia e em seguida agradeceu. Depois Hans caminhou até Montanha, falavam baixo e parecia sério.

- Scheidemann...

Interrompeu Clayton num tom alto para chamar sua atenção. O lutador virou-se, olhou para Clayton e depois para Sarah. Acenou para que esperassem um momento, virou-se para a vencedora e ordenou.

- Érica, desce pra fazer o treino, ok?

Érica saiu do octógono, apanhou uma toalha com seu Antônio e fez uma careta que o velho sabia bem o queria dizer. Passou a toalha no rosto encarando Sarah. Hans se aproximou, sem pressa, calçava chinelos, usava um short preto e uma camiseta branca sem estampa, que mesmo larga não era capaz de esconder o físico perfeito do atleta. E Sarah constatou que seu semblante realmente não era o mesmo do dia da luta, parecia bem mais sociável e de perto Hans era ainda maior e mais forte. Clayton apresentou-os.

- Campeão, essa é a Sarah, a garota que vai fazer as fotos. Sarah, nosso campeão.

- Oi...

Disse ele baixando os olhos até os dela, mas sem se aproximar e nem ao menos um aperto de mãos. Sarah respondeu ao cumprimento da mesma forma e apesar de não demonstrar, estava muito constrangida.

- Eu vou chamar um aluno que vai simular com ele os golpes, para você fotografar. Campeão... - disse Clayton se afastando - não vai assustar a moça.

O pugilista apenas sorriu e assim que o homem saiu baixou a cabeça e encarou seus olhos por um momento, houve um silêncio por alguns segundos, mas inesperadamente ele o quebrou:

- Que curso está fazendo mesmo?

- Fisioterapia...

- Espero que as fotos ajudem no seu trabalho, eu não costumo me expor. Não gosto de fotos...

Sarah recuou sentindo o estômago contrair, pensou em virar as costas e sair correndo dali e nunca mais passar naquela rua, ou melhor, naquele bairro.

- Olha, me desculpe. Você não é obrigado a fazer, eu pedi...

- Não se preocupe - interrompeu ele rapidamente vendo o quanto ela havia ficado constrangida - eu não aceitaria se não quisesse. Quando o Clayton me fez o pedido, mesmo não sabendo quem era a moça, eu aceitei porque achei que fosse você.

Ela ergueu as sobrancelhas surpresa e sentindo as bochechas em brasa.

- Sério? - disse quase sem voz. – Obrigada... É que... Eu achei o Montanha Muito... É... - Sarah passou a mão pelo cabelo procurando uma palavra melhor para "convencido", mas não encontrou. - Ah, deixa pra lá.

O gigante sorriu simpaticamente.

- Eu já entendi.

Clayton voltou acompanhado de um dos alunos do pugilista. Um rapaz pouco mais baixo que Hans e bem menos forte, moreno, com um sorriso largo e simpático. Clayton apresentou-os e o rapaz a cumprimentou com um beijo no rosto e foi para o canto tirar a camisa e colocar as luvas. Hans olhou para ela e explicou.

- Vamos fazer assim. Como eu não gosto de foto - disse ele num tom profissional, levando muito a sério as fotos para o trabalho. - Vou fingir que você não está aqui, vou dar aula para o Saulo normalmente, simulando os golpes com ele, porque ele é iniciante e você fotografa. E me dá um toque se precisar que eu pare.

- Perfeito! A máquina é profissional. - respondeu ela sentindo a garganta falhar. - Consigo pegar todos os movimentos, ela é bem rápida. Fiquem a vontade.

Hans ia se afastar mas voltou-se para ela inesperadamente.

- Ah! Você tem que tirar o sapato, isso... - disse ele muito sério e apontando para o octógono. - é solo sagrado.

Sarah assentiu, abriu o zíper da nécessaire e apanhou a máquina fotográfica. Tirou as sapatilhas e subiu no octógono. Ajeitou-se no canto, ligou a máquina ajustando no programa que pegasse o melhores ângulos àquela distância. Deu alguns disparos para ver se a luz e a proximidade estavam boas. Hans caminhou até seu Antônio e Sarah o acompanhou com os olhos, mas parou de respirar quando o gigante tirou a camiseta, e ela não pode conter a necessidade dos seus olhos de admirar sem descrição o corpo do atleta. O senhor ajudou-o a colocar as luvas e finalmente subiu no octógono. Parou na frente do seu aluno e falou alguns nomes de golpes que ela não pode compreender, mas percebeu que Saulo havia entendido perfeitamente o que era para ser feito. Sarah grudou a câmera em seu rosto, e antes de depositar toda sua atenção nos pugilistas, levou os olhos para Érica que permanecia ali, atenta ao que acontecia.

A garota balançou a cabeça negativamente, com olhar reprovador e foi até a escada. Sarah sentiu-se acuada, mas continuou com seu propósito.

Os dois se posicionaram. Hans com o braço direito estendido e o punho cerrado pousado no lado esquerdo do rosto de Saulo, as pernas afastadas, mostrava para ele como obter mais força com a ajuda das pernas. Sarah não perdia um movimento, todos os cliques registravam os melhores ângulos do campeão. A única vez que olhou para ela fora para perguntar se estava dando certo. Sarah fez um sinal de positivo e continuou com os cliques. Uma hora se passou, ficou ereta e fez um gesto de que havia finalizado. Hans olhou para ela e sorriu, mais com os olhos do que com os lábios, Sarah habilmente olhou a tela da câmera e disparou com o botão o fotografando sem aquela ruga entre os olhos. Hans deu um tapinha no ombro de Saulo e pediu que esperasse por um momento e seguiu Sarah até suas sapatilhas. Ela calçou-as, guardou a máquina, passou a alça da bolsa sobre os ombros e puxou o cabelo pra frente.

- Não sei nem como te agradecer. E me desculpe por te incomodar.

- Não me incomodou. Espero que as fotos ajudem. - disse ele com as mãos na cintura e mantendo certa distância.

- Mais uma vez, obrigada. Bem, eu já vou... - disse esfregando discretamente a palma das mãos sobre os bolsos de trás do jeans para secá-las. Fitaram-se por alguns segundos e como o pugilista não fez menção de nenhuma casualidade. Ela lhe deu um sorriso com o coração aos pulos.

- Tchau...

- Tchau, Sarah.

Vencedor do round: Hans Scheidmann





## *o Oponente*

Clayton acenou e o segurança abriu imediatamente o portão quando o reconheceu e dirigiu até o estacionamento. Havia muitas vagas para parar e escolheu a mais próxima a entrada do resort. Desceu do carro e colocou os óculos de sol. Olhou para a réplica do Parthenon e o Coliseu nada daquilo era novidade para ele. Caminhou até a recepção, apoiou os cotovelos sobre o balcão e sorriu para a mulher uniformizada e bem maquiada.

- Boa tarde, senhor Clayton.

- Boa tarde! Avise o Jorge que eu já cheguei.

- Vou fazer isso imediatamente. - Clayton enquanto aguardava passou os olhos pelo lugar, não havia ninguém. Apenas o eco de suas vozes e o som da vassoura de um dos faxineiros. Situação pouco comum para um resort, se este funcionasse como tal. - O senhor pode subir.

Um segurança saiu da porta do elevador para o acompanhar, Clayton o cumprimentou, mas ele não respondeu. Subiram até o segundo andar e entraram na suíte Zeus. O segurança abriu a porta e entrou depois do visitante. Jorge estava sentado num sofá branco a frente da lareira de mármore piguês que estava apagada. Usava calça e camisa social onde permitia que os primeiros botões ficassem abertos mostrando sua exagerada corrente de ouro. Estava com as pernas cruzadas, segurando um copo com uísque, parecendo muito à vontade falando ao celular. Clayton acenou e sentou-se na poltrona ao lado, esperando que ele encerrasse a ligação.

- Não se preocupe, vou resolver isso nem que seja última coisa que eu faça. Eu preciso desligar, tenho uma reunião. Ok. Tchau.

Desligou o celular, levou o copo a boca e tomou todo o líquido num gole rápido. Era bem o estilo dele, rápido como um tiro. Apanhou o maço de cigarros sobre a mesinha de centro e acendeu um para si. Era tão magro que podia se ver os ossos da face ao sugar a fumaça.

- Como vai Clayton?

- Tudo bem, Jorge.

- Que bom, pois eu não estou nada bem. - olhou para o segurança e ordenou fazendo um gesto com a mão que segurava o cigarro - Saia, por favor. - ao ouvir a porta se fechar voltou o cigarro entre os lábios e olhou para o visitante indo direto ao assunto. - Preciso de mais cães e você está me atrapalhando.

- A academia está cheia, mas são iniciantes. Eu não posso mandá-los pra cá despreparados.

Jorge soltou a fumaça na direção de Clayton que mesmo sentindo-se incomodado não disse nada.

- Você ainda não entendeu. Eu tenho apostadores, tenho patrocinadores eu não posso deixá-los esfriar ou eles irão para outro lugar. Eu estou pagando dez mil por cada cabeça que você me traz e nem assim se sentiu tentado?

Clayton se levantou eufórico.

- Claro que estou tentado...

Jorge se levantou também e caminhou até o bar levando o copo, se serviu de uísque e tomou o em um único gole e virou-se bruscamente, mas mantendo a diplomacia.

- Eu espero que não esteja fazendo isso para me pressionar a aumentar o preço da cabeça.

- Não! - disse Clayton com olhos arregalados. - Claro que não. É que a academia não é só minha. Você sabe disso.

Jorge foi categórico.

- Compre a parte dele.

- Ele, infelizmente, nunca me venderia e eu preciso dele pra treinar os lutadores. Ele é profissional. Se não você vai ter um monte de lutadores de rua e não é isso que você quer.

- Então está na hora de você trazer o Scheidemann para o meu negócio.

- Ele nunca faria parte do negócio.

Jorge encheu novamente o copo.

- Ah! Esse cara tá me causando três problemas: primeiro, no dia em que ele lutou pra mim tive minhas melhores ofertas e apostas. Aquele desgraçado não tem um punho, ele tem uma marreta na mão. Os meus colaboradores sempre me perguntam quando ele vai voltar e por mais que eu traga cães cada vez maiores do que ele, sempre me perguntam pelo desgraçado. Segundo, ele inibe a negociação entre você e os cães. E terceiro, o Sandro quer lutar com ele. Não sei porque ele cismou com o Scheidemann.

- Não sabe da história?

- Que história?

- Quer ouvir?

- Claro! - disse rodando o líquido dentro do copo.

- Entre noventa e nove e dois mil e oito o Scheidemann era uma mina de ouro e o centro do mundo nos esportes da época.

- Eu me lembro - confirmou Jorge.

- Ele era o campeão atual quando o Sandro começou a lutar e nocautear todo mundo. O Sandro era a nova promessa do boxe, tinha só vinte anos. Aí ele desafiou o Scheidemann, mas o alemão é esperto e não aceitou. Sabia que iria ganhar do garoto e iria manchar a sua reputação terminando sua carreira lutando com um estreante. Mas o Sandro ficou insistindo, foi até nos programas de esporte desafiá-lo, chamando-o de covarde. Aí o Scheidemann nocauteou mais três caras tops da época e como ninguém lhe tirou o cinturão ele se aposentou em dois mil e oito, ignorando completamente os apelos do Sandro. O garoto ficou louco, ele sabia que só seria rei se derrubasse o rei. Sempre haveria a dúvida se Sandro derrubaria a muralha. Ele ficou tão obcecado por isso que foi até a academia ameaçar o Scheidemann. Mas ele nem ligou...

Depois dessa longa explicação Clayton olhou para Jorge achando que ele estaria com uma expressão de tédio, mas se surpreendeu com o olhar de admiração.

- Eu não sabia dessa história!

- O Hans nunca perdeu uma luta, ninguém o viu beijar a lona até hoje. Essa história já tem seis anos e o Sandro ainda insiste que quer vencê-lo. Ele jurou que iria ser o único que ia derrubar a muralha. Disse isso no noticiário.

- Então isso vai me render mais dinheiro do que eu esperava. Vou trazer a tona essa história e a luta entre os dois será épica.

Jorge tragou o cigarro encarando Clayton, podia se ver o brilho em seu olhar.

- Não vai conseguir convencer o Scheidemann a lutar na rinha e ainda mais contra o Sandro, nem por todo dinheiro do mundo. Ele quis me matar quando descobriu que aquela luta era uma rinha. Tive que mentir e dizer que eu também não sabia.

- Use a cabeça, ele deve ter um ponto fraco. Todo mundo se vende uma hora.

- Aquele maldito, não.

Jorge caminhou pela sala, olhando para lugar nenhum, pensativo. Foi até a varanda apoiou a mão que segurava o copo no guarda corpo e tragou o cigarro contemplando o gramado perfeito do campo de golfe, tinha que haver um jeito. Clayton observou o homem de estatura média, muito magro e de cabelos e barba ruivos. Parecia uma criatura completamente inofensiva, paciente, simpático e sempre com um sorriso. Atendia muito bem a todos. Mas por trás daquele ser de inúmeras qualidades, havia um homem frio, ambicioso e perspicaz. Nenhuma das suas atitudes, frases ou sorrisos eram em vão. Tudo o que saia de Jorge era programado, sabia lidar com todo tipo de gente, todos os níveis sociais, fazendo com que todos servissem aos seus interesses. Muito diplomático conseguia tudo o que queria, na maioria das vezes apenas com a persuasão, e, quando esta falhava tinha seus meios mais agressivos de consegui-lo, mas sempre com muita discrição. Tinha um pouco mais de quarenta anos. Era filho de um empresário do ramo da construção civil que morrera num acidente de barco. Faliu a empresa do pai, mas graças ao seu carisma, continuou fazendo parte de um grupo seletivo de empresários e políticos que gastavam pequenas fortunas com jogos, apostas e mulheres, e dali nasceu seu império. Montou um cassino clandestino em um sítio, oferecia tudo o que o dinheiro poderia comprar. Todos os tipos de jogos. Mulheres para todos os gostos e qualificadas para atender a todos as fantasias e o requinte dos clientes. Quartos luxuosos. Bebidas de toda parte do mundo. Drogas. Tudo que um homem com dinheiro quisesse Jorge oferecia. Se o seu negócio fosse legal, Jorge seria considerado o empresário do ano. Mas seu espaço ficou muito pequeno e um resort foi a saída para ampliar o seu negócio. Apesar de tudo seguir conforme suas expectativas, sua ambição não tinha limites. Jorge queria mais, algo que ninguém havia pensado ainda, muito além de cassinos clandestinos. Oferecer algo novo, que o levasse ao topo, que batesse o seu próprio recorde. E numa noite de bebedeira com uma prostituta em sua mansão. A garota acidentalmente sentou-se sobre o controle remoto ligando a TV. E, aquela imagem transmitida aumentaria absurdamente o seu império: um octógono, dois lutadores e um vencedor.

Jorge voltou para a sala e virou-se para ele.

- Então façamos o seguinte. Vá para casa e pense na fraqueza dele. Uma idéia, qualquer coisa. Eu quero o Scheidemann no meu negócio e não importa como vamos fazer isso. - Clayton olhou em seus olhos e sentiu certo desconforto com aquelas palavras. - Quero saber tudo sobre ele. A gente se vê em uma semana.

- Ok, Jorge.

- Ah, vou mandar o Sandro treinar na sua academia, pra te ajudar nas mediações com os novos lutadores. Logo, logo isso aqui vai estar cheio de opções. Eu garanto!



## *Segundo Round*

Três dias depois

Seu Antônio subiu os degraus o mais rápido que sua perna esquerda lhe permitia. Passou olhos sorrateiros pela sala de musculação e viu Hans com os olhos fixos no relógio em seu pulso, cronometrando o tempo que Érica desenvolvia o exercício com duas cordas. Sabia que o Campeão não gostava de ser incomodado quando estava treinando sua aluna preferida, mesmo assim julgou necessário. Parou ao lado dele mas não disse nada, não conseguia, pousou as mãos nos próprios joelhos recuperando o fôlego. Hans levou olhos rápidos para o velho e voltou para o cronometro.

- O que foi, Véio? Ta treinando também?

Seu Antônio deu um tapa no ar ignorando a piada e ergueu o tronco voltando a ficar ereto.

- Tem... Uma moça... Lá na recepção, querendo falar com você.

Érica agitava as duas cordas alternadamente, fazendo ondulações. Seus braços tornavam-se a cada segundo mais pesados e os músculos queimavam.

- Só mais dez segundos, Érica - gritou Hans incentivando-a - Dez... Não entrega... Nove...

Érica continuou, cerrou os dentes e encarou Hans buscando inspiração e aguardando o momento de finalizar. Ele ergueu o braço e o abaixou.

- Um. Parou... - ela soltou um gemido, jogou as cordas no chão e andou chacoalhando os braços, seus músculos estavam no limite. - Boa, garota!

Seu Antônio aproveitou o intervalo e insistiu.

- E então, Campeão? A moça está esperando.

- Quer falar comigo? - perguntou demonstrando pouco interesse mexendo no relógio, ordenou. - Érica bebi água.

Érica não obedeceu, andava de um lado para o outro fingindo estar se recuperando, mas atenta a conversa dos dois.

- Sim, Campeão. É com você mesmo. - Hans passou o braço pelos ombros do seu Antônio e perto dele parecia ainda mais gigantesco. - É aluna nova? Não pode subir? Estou finalizando o treino da Érica.

- Acho que é melhor você ir até lá. - insistiu seu amigo.

Hans passou os olhos pela sala a procura de Montanha, ele estava num canto com uma prancheta na mão anotando algo, se aproximou do amigo, tirou o relógio do pulso e lhe entregou.

- Assume aí, Montanha, eu já volto. - virou-se para seu Antônio e disse - Véio, pega gelo pra mim, por favor.

Hans desceu apressado, não queria perder tempo. Pensou em resolver rapidamente e voltar para finalizar o treino. Teria aula de boxe em dez minutos e não podia perder tempo com assuntos corriqueiros. Mas parou abruptamente no último degrau quando viu Sarah na recepção. E o tempo mostrou-se seu aliado quando o mundo parou de girar, fazendo sua pressa se dissipar, mas o coração estava mais rápido que os centésimos do relógio e Hans entendeu naquele momento o que era aquilo: um alerta de perigo. Os olhos se encontraram mas ele sustentou um ar sério, Sarah correspondeu, mas sorriu quando ele atravessou a catraca e se aproximou.

- Oi... - disse ela.

- Morgenstern...

- Espero que isso que seja "oi" em alemão... - Ele apenas sorriu sem desviar dos olhos dela. - Eu fui ao Shopping imprimir o meu trabalho e... - disse tirando de dentro da bolsa um envelope branco - ... tirei uma cópia das fotos para você.

Ela lhe estendeu o envelope. Hans o apanhou, mas não abriu e ficou por um instante admirando seus olhos. Eram lindos. A cor e o formato dos olhos dava lhe ao rosto um ar atraente e misterioso. O sorriso dela parecia realmente feliz em vê-lo e o tom de voz seguro, transportava para fora o que ela era por dentro. E, junto a todas estas qualidades, a pouca idade era um elemento que o mantinha distante.

- Eu realmente não gosto de fotos...

- Eu sei, você já me disse. Eu só trouxe porque achei que ficaram muito boas e talvez você mudasse de idéia. Eu ia deixá-las com o seu Antônio, mas ele insistiu pra que eu entregasse pessoalmente.

Hans assentiu era um comportamento bem típico do velho amigo.

- Obrigado, Sarah.

Sarah sorriu apesar de estar decepcionada com a recepção e ao perceber que ele realmente não se importava. E não parecia ser o mesmo homem que a olhara no dia da luta e sentia-se ridícula por tentar mais uma vez um motivo para reencontrá-lo.

- Bem, eu já vou. Desculpe te incomodar mais uma vez.

Hans levou os olhos até a catraca e depois voltou-se para ela.

- Você não quer entrar e assistir a uma aula de boxe dos alunos? Vai começar em dez minutos.

Sarah ficou surpresa com o convite.

- Acho que... - disse erguendo os ombros timidamente - Vou aceitar.

Ele passou seu cartão liberando a catraca para que ela entrasse e lhe deu passagem para subir. Sarah sentiu o celular vibrar e olhou a mensagem, podia ser a Gil precisando de algo.

Andreas Arq:  
Oi, Sarah!

Sarah Vega:  
Não posso falar agora...

Andreas Arq:  
Onde você está?

Sarah achou melhor desligar o aparelho, Andreas não ia parar com as mensagens até que ela respondesse à suas perguntas.

- Seu namorado?  
Ela se desprende do aparelho e o guardou na bolsa.

- Não, não. É só um amigo. E ele é bem curioso.

- Eu não tenho nenhum dos dois.

- Não entendi... Dois o que?

- Nem namorada, nem celular.



- Ah - disse ela sentindo certo alívio por ouvir aquilo - eu tenho só o celular.

Os dois passaram pelo segundo piso e foram fuzilados pelo olhar de Érica, ao contrário de seu Antônio que sorriu ao vê-los. Continuaram a subir e no terceiro piso viram que havia aproximadamente vinte alunos a espera de Hans para dar início a aula, entre eles, homens e mulheres, metidos em suas luvas de boxe e calções largos.

- Pode ficar a vontade. A aula já vai começar.

Sarah reconheceu Saulo e sorriu para ele, este acenou gentilmente. Ela caminhou até o fundo da sala e recostou-se na parede com os braços cruzados, foi quando percebeu que Hans a seguiu e ficou a sua frente sem saber o que dizer, estralou os dedos das mãos e limpou a garganta antes de iniciar.

- Você pratica algum esporte?

- Fiz *Zouk* por cinco anos, não é um esporte, mas garanto que dá um ótimo resultado respiratório, de equilíbrio e elasticidade, muito eficiente; mas parei por falta de tempo.

- Falta de tempo é desculpa de sedentário. - disse ele seriamente.

- Você tem razão - disse ela séria também lembrando-se do pai, mas não quis se explicar - mas no meu caso meu tempo está totalmente preenchido.

Seu Antônio se aproximou do casal com um sorriso no rosto, arrastando a perna, toalhas no ombro e um balde com gelo.

- Quer que eu deixe o gelo para depois? - sugeriu.

- Por favor, Véio.

- Está com muita dor, Campeão?

- Estou, mas deixa pra depois, obrigado. - Hans lhe estendeu o envelope - Ah, guarda isso na minha mochila, por favor.

O velho pegou o envelope e se abaixou para pegar a alça do balde e com um pouco de dificuldade conseguiu se erguer e se afastou. Sarah ficou observando o senhor e Hans parecia ter lido seus pensamentos.

- Você deve estar se perguntando porque eu não o ajudei com o balde. Fiz isso uma única vez e ele ficou muito bravo, disse que se não pudesse carregar um balde preferia morrer. Ele é meio marrento.

Ela sorriu carinhosamente, depois fez sua análise.

- Da pra perceber que não é o peso do balde, o problema é que ele não dobra o joelho, por isso ele arrasta a perna esquerda. Eu acho...

- Fisioterapia, né?

-É sim, mas foi só uma observação.

Hans passou os olhos por todo o ambiente e viu que todos os seus alunos estavam lá.

- Vou iniciar a aula. - sorriu e se afastou. Posicionou-se a frente dos alunos dando início. - Boa noite pessoal. Vamos começar? – Hans olhou um a um dos alunos e se divertiu – Gutenberg, faltou três aulas. Vai pagar vinte, hein? – Todos os alunos riram. – Vamos correr vinte voltas e depois formar duplas, eu vou passar observando como estão lutando. Aquela ali é a Sarah - disse apontando para ela, que acenou - Se vocês fizerem bem bonito hoje, e fingirem que eu sou um ótimo instrutor, vamos ganhar uma colega nova.

Os alunos riram novamente, fizeram fila e deram início a corrida contornando o ringue. Havia uma garota de um pouco mais de dezoito anos, estava bem acima do peso e com dois minutos de corrida ela parou com as bochechas em brasa e arfando. Ficou caminhando no centro do círculo com as mãos na cintura e olhar baixo. Hans passou pelos alunos que ainda corriam e se aproximou dela, curvou-se para achar seus olhos mas ela não o encarou.

- Você está bem? - ela apenas balançou a cabeça assentindo - Você tem que seguir o seu ritmo, ok? Esquece os outros, você tem que encontrar o seu limite, mas vai me prometer que não vai desistir. - Hans pousou a mão em seu ombro e encarou seus olhos - Eu não vou deixar você desistir.

Ela ergueu a cabeça, olhou para ele e sorriu. Sarah sorriu também vendo a garota voltar para a corrida. Montanha apontou na escada, vestindo um quimono preto e ficava muito bem dentro dele, lembrava personagens de vídeo game. Ele se aproximou de Hans, lhe entregou o relógio e confidenciou coçando o cavanhaque.

- Estou vendo muito aquele rostinho por aqui.

Hans continuou dando atenção a corrida dos seus alunos e lamentou-se sorrindo.

- O que será que eu fiz pra Deus?

Montanha sem entender olhou para Sarah e ela timidamente sorriu com as sobrancelhas caídas, percebendo que falavam dela. Ele analisou a garota e voltou-se para o amigo, curioso.

- Tá reclamando, Campeão?

- Não, estou agradecendo... - continuou ele, sem olhá-lo.

Montanha lhe deu tapinhas nas costas e se afastou sorrindo indo até o tatame. Érica entrou na sala olhando para Sarah, que correspondeu acompanhando a lutadora posicionar-se ao lado do pugilista. Baixou os olhos arrependendo-se por aceitar ver a aula. Com certeza Érica tinha ou pretendia ter

algum tipo de relacionamento com ele, pensou. Os alunos terminaram a corrida e colocaram capacetes e protetores nos dentes. Fizeram pares e iniciaram o treino, trocavam golpes coordenados e quando erravam repetiam várias vezes até chegar a perfeição. Erica não fez dupla com ninguém, como Hans, ela monitorava os alunos. Ele analisava cada dupla até que fizessem os golpes com perfeição. E explicava repetidas vezes até que o aluno entendesse. Era sério e muito profissional. Sarah olhou para o lado e no tatame havia um outro grupo de alunos, usavam quimono preto, estavam em duplas entrelaçados no chão, treinavam Jiu-jítsu. Montanha como Hans observava um a um e as vezes gritava alguma frase de incentivo para um determinado aluno que estava perdendo. Uma hora depois os alunos de Hans fizeram um breve alongamento e se agruparam a frente dele.

- Agradeço a presença de vocês hoje. A determinação, a persistência e a paciência, são o que nos torna fortes. Sei que todos aqui não tiveram um dia fácil e as vezes o que a gente quer é ir para casa e descansar. Mas o que nos difere dos demais é que somos guerreiros e o guerreiros não desistem. Obrigado a todos.

Todos bateram palmas, e se mobilizaram para ir embora. Os alunos de Montanha estavam eretos e curvaram-se num cumprimento oriental. E ao contrário do que Sarah imaginou, Érica foi a primeira a sair. Quando todos se foram Sarah caminhou até Hans, seu Antônio deu início a arrumação do ambiente, mas atento a movimentação do casal.

- Esses alunos são os que competem?

- Não, essa aula é para quem quer aprender a arte, mas daqui sempre aparece quem se apaixona e quer competir. O treino para os competidores é outro horário e bem mais puxado.

- Mesmo assim sua aula é bem intensa. O boxe é realmente um esporte completo.

- Que bom que gostou.

Novamente fitaram-se, mas Hans não se esforçou para continuar a conversa. Ela enfiou as mãos nos bolsos dos jeans e ergueu os ombros.

- Bem, eu já vou. - olhou dentro dos seus olhos verdes na esperança de um adeus mais íntimo, um beijo no rosto seria o suficiente, mas entendeu que isso não aconteceria. E mesmo sem compreender o porquê do convite, desistiu naquele momento das falsas esperanças. - Tchau...

- É... - disse ele cravando os dedos no cabelo do alto da cabeça e os puxando para frente. - Você veio de carro?

- Não, vim de ônibus. Meu carro está no conserto tem um mês, eu acho. O mecânico não resolve, não sei o que fazer.

- Quer uma carona?

- Não, não se incomode. Sei que você tem coisas pra fazer aqui ainda...

- Eu gostaria de te levar. Eu pedi pra você ficar. Faça questão.

Sarah o encarou, era o momento da decisão. Poderia aceitar. Sabia que aquela carona era estritamente carnal. Teria o nos braços do jeito que quisesse por uma noite. Saciaria seu desejo com sentimentos superficiais e depois o vazio de usar e ser usada. Como vinha acontecendo desde que se tornara adolescente. Até entender que prazer era só prazer e desistir dos sentimentos dos homens. Não seria diferente com Hans, ele era um homem fisicamente perfeito, dotado de todos os elementos para deixar mulheres a mercê do seu prazer. Não seria mais uma. Não era isso que queria dele. Aquele olhar era a isca, fora figada, estava ali diante dele sobrevivendo das migalhas. Havia fortes indícios de que ele não estava tão interessado quanto ela e talvez estivesse fazendo aquela oferta apenas para comprovar sua virilidade, diante da sua insistência. Desistiu dele naquele momento e decidiu que quando Andreas voltasse diria o "não" definitivo a ele. Não era justo que alguém sobrevivesse das migalhas dos outros.

- Vou de ônibus. - disse com convicção. - Vou ficar bem, já estou acostumada. Tchau!

Não se tocaram, mas ele olhou para ela como da primeira vez e fez o mesmo movimento com a cabeça.

- Morgenstern...

Ficou parado observando-a sair, sentindo necessidade de ir atrás dela e insistir para que aceitasse a carona. Mas demorou demais para tomar uma decisão e não saiu do lugar. Foi até o vestiário, abriu sua mochila e apanhou o envelope, olhou rapidamente cada uma das fotos e havia uma em especial que lhe chamou a atenção. Levou-a próxima aos olhos, era uma foto apenas do seu rosto, sorrindo. Ouviu um passo arrastado se aproximar, mas não se virou, sabia o que ele queria.

- Fala, Véio...

- Acha mesmo que a moça veio aqui pra lhe entregar essas fotos, Campeão? Hans virou a cabeça para o lado mas não chegou a encarar o amigo.

- Ela não aceitou minha carona...

- A Sarah não quer apenas uma noite. Ela está gostando de você. Dá pra ver no jeito que ela fala e no jeito que ela olha nos teus olhos. Não é dessas moças que aparecem aí querendo uma aula exclusivamente com você. Acho que está meio enferrujado para essas coisas. Pare de malhar os músculos dos braços. Tem um outro músculo aí que precisa ser trabalhado também.

Vencedor do round: Hans Scheidemann



## *O Treino*

Sarah usou o braço para coçar o queixo. Usava um avental, o cabelo escondido numa touca de pano e luvas de borracha nas mãos. Partiu habilmente o pão, e, o trivial: maionese, salsichas, molho, salada de repolho, purê, batata palha, mostarda, e por último desenhou um vai e vem de catchup. Envolveu o enorme lanche num guardanapo e o estendeu para um garoto que esperava ansioso ao lado da mãe.

- Vai tomar alguma coisa? - perguntou ela se dirigindo a mãe do garoto.

- Um suco de laranja...

Sarah tirou as luvas de borracha e abriu o isopor vasculhando pelo gelo um suco bem gelado. Entregou ao garoto com um canudinho e apanhou o dinheiro o metendo no bolso do avental. Sorriu para ele e acenou tchau. Passou os olhos pelo calçadão, estava lotado. Pessoas se amontoavam em todas as lojas, havia trânsito entre os pedestres e um entra e sai na entrada do shopping. Olhou para a mãe que atendia um outro garoto faminto e comentou.

- Tá cheio aqui pra uma quarta-feira, né mãe?

- Depois do dia de pagamento é sempre assim e a Mara me deixou na mão logo hoje.

- Porque ela não veio trabalhar?

- Tá com dengue, a família toda dela está doente.

- Af! Quero essa praga longe de mim. Só de pensar já me da coceira. Coitada da Mara, já é tão magrinha...

- Me desculpe, filha, te chamar, eu sei que você aproveita sua folga pra fazer trabalho da faculdade...

- Que é isso mãe - disse ela beijando a senhora - faço o trabalho de noite, eu até prefiro, gosto de dormir tarde. Ainda bem que eu tinha essa folga pra tirar, a senhora não tem como dar conta sozinha num dia movimentado como esse.

Sarah se distraiu olhando o movimento das pessoas. Um homem usava o banco de cimento como palco. Estava dentro de um terno debaixo de um sol escaldante, segurando uma bíblia na mão. Discursava para duas pessoas, mas falava como se uma multidão o acompanhasse.

- Ta vendo aquele homem. - disse Sarah apontando com a cabeça. - Ele está ha horas ali.

- Vai lá levar água para ele, Sarah.

Disse a mãe já se abaixando diante do isopor e apanhando um copo de água mineral.

- Pega dois, mãe, por favor.

Sarah espremeu os olhos ao sair debaixo da sombra do toldo do carrinho, sentindo o sol ferir-lhe as retinas. Se aproximou do homem que berrava.

- Então disse Deus a Noé em Genesis 6:13. O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra. - Sarah esperou que ele terminasse e sorriu lhe estendeu a água. - Deus abençoe, irmã! - disse com um sorriso sinceramente agradecido.

Ela acenou e foi até uma estátua viva, usava uma túnica branca e peruca da mesma cor. Sua pele toda coberta com tinta branca finalizava com perfeição a intenção de se parecer com uma escultura grega. Permanecia imóvel a espera de uma moeda para que enfim pudesse se mexer. Sarah se aproximou e colocou o copo com água ao lado do saquinho com as moedas.

- E aí, Duda?

A estátua não disse nada, mas se mexeu fazendo movimentos mecanizados e levou a ponta dos dedos até os lábios e enviou um beijo para Sarah que correspondeu da mesma forma. Um casal se aproximou do carrinho e ela reconheceu ser os seus amigos e foi até lá apressada.

- Vocês aqui! - beijou Paulo e abraçou calorosamente a amiga. - Que surpresa!

O casal cumprimentou dona Soraia que recebeu beijos sem se desprender do atendimento.

- Viemos passear no shopping, vou ganhar um celular novo e uma capinha...

- Nem me fala - retrucou Paulo se dirigindo a dona Soraia - Ela cismou que eu estava com outra, tacou o celular em mim, tem uma mira péssima, acertou a parede e eu que tenho que comprar um celular novo pra ela.

- A culpa é dele, dona Soraia! - se justificou ela fazendo uma expressão de vítima para dona Soraia e a mulher respondeu.

- Ela é uma boa menina, merece um celular novo.

- Até a senhora contra mim, dona Soraia.

A senhora riu.

- Eu te mandei mensagem do celular do Paulo pra vir também, mas você não respondeu. - explicou Gil para amiga.

- Ah! - interrompeu Paulo insistindo com a implicância - E ainda tá usando o meu celular.

Sarah se explicou.

- Desculpe eu não vi. Hoje foi pauleira aqui, não parei nem pra fazer xixi. - virou-se para o amigo e lhe deu um soquinho no peito. - E aí Paulo, pronto pra outro show?

Paulo sorriu acanhado apalpando delicadamente o topete se certificando de ainda estava imponente.

- Acho que vou contratar as duas para serem minhas dançarinas oficiais. - Elas riram. Ele virou-se para a namorada e avisou. - Vou ali ver a vitrine...

Gil assentiu. Olhou para dona Soraia e viu a senhora conversando distraidamente com a dona do carrinho de cachorro quente ao lado, pediu para que Sarah pegasse um refrigerante para se afastarem um pouco e aproveitou para falar mais a vontade com a amiga.

- Eu não acredito que faltou na faculdade pra ir na academia de novo?

Sarah desviou do olhar da amiga e lhe entregou a lata e um canudo. Olhou para o ar lembrando-se do constrangimento que passara na noite anterior. Falavam baixo.

- Eu quis vê-lo mais uma vez. E uma última vez.

- E aí?

- Ele me convidou pra ver uma aula de boxe, fiquei lá feito uma completa idiota. Depois ele me ofereceu uma carona e eu me senti uma piriguete atrás do cara...

- Por que? Ele é um babaca, né?

- Ele é simpático e tal. Mas me trata com indiferença. Acho que ele tem um affaire com a tal da Érica T. Rex; ou está tão acostumado com a mulherada atrás dele que nem faz esforço nenhum.



Gil indignou-se.

- Não fala isso Sarah. Você é linda! Eu falei dele pro Paulo e ele me disse que ele é um cara famoso aí nesse meio de luta. Ele deve ser metidão. Cara assim se acha demais.

- Não generalize, ele é bacana sim. Só não está afim. Bem, eu tentei...

- Senti vergonha alheia quando você disse que estava indo lá de novo.

- Ai, sério? - disse Sarah com uma expressão de arrependimento - Não acredito! Porque não me deu um toque?

- Eu dei um toque, mas você parecia bem decidida nas mensagens. - Gil encontrou os olhos da amiga, estavam tristes, mas tentava um sorriso artificial. - Tá mesmo afim do gostosão? Eu não acredito, Sarinha! Com tanto cara atrás de você...

- Sabe, fiquei nesses dias com aquele olhar na minha cabeça, e, não pude evitar de ir até lá. Mas acho que interpretei errado. - Sarah voltou a olhar a amiga e sorriu - Sabia, que todos os caras que conheci na academia me cumprimentaram com um beijo no rosto e ele nem um aperto de mão. Em nenhuma vez me tocou.

Gil puxou o líquido pelo canudinho pensando no que iria dizer à amiga, ela estava realmente chateada, arregalou o olhos e se exaltou.

- Sério? Será que ele é gay? Era só o que me faltava. - Sarah soltou uma gargalhada involuntária. - Sai dessa Sarinha! Ele nem combina com você e é muito velho, desencana.

Sarah tirou o pano de prato do ombro e o jogou o sobre o carrinho. Esfregou uma mão na outra como se tirasse a poeira, fingindo não se importar. Sorriu carinhosamente.

- Já desencanei. E o Paulo?

Elas olharam para ele, distraído, olhando a vitrine da loja de sapato.

- Tá mais ou menos. Cismou que precisa de dinheiro pra dar uma guinada na carreira. Dei uma dura nele ontem, por isso me chamou pra passear.

- Que celular vai comprar?

- Não sei ainda - disse rindo - depende do humor do Paulo, mas a capinha vai ser dos Minios. Vi uma linda! Preciso dela.

- Você já tem dos Minions e mais de uma...

- Eu sei, mas essa é do Minion roxo... - Sarah riu, balançando a cabeça de um lado para o outro. - Vamos Paulo?

- Por que atacou o celular nele?

- TPM...

Sarah deu uma sonora gargalhada. Gil virou-se para a amiga e abraçaram-se e antes de desprender-se, cochichou.

- Não fica assim, Sarah. Você está me deixando preocupada. Nenhum homem merece isso, nem mesmo aquele gostosão e delicioso merece.

Sarah não hesitou em rir

- Eu estou bem. Não se preocupe.

Paulo voltou para perto delas e o casal se foi. Sarah ficou observando os amigos se afastarem, abraçados indo na direção da entrada do Shopping. Distraiu-se pensando em como era fácil para alguns achar a pessoa certa. Amar e ser amado. Ter aquela troca era tão sublime que parecia pertencer apenas aos escolhidos, ou coisa assim. Virou-se para a mãe que já arrumava as coisas pra encerrar o expediente.

- Mãe, a senhora ama o pai como amor de filme?

- Sim e com toda aquela caturrice junta... - disse a mulher dando uma gargalhada - Não consigo me imaginar sem o seu pai, são vinte seis anos de casamento. A única diferença é que no filme tem um cenário paradisíaco e uma trilha sonora bonita.

Sarah sorriu vendo a mãe voltar para a arrumação, como sempre, com muita organização e cuidado. Depois precisavam aguardar o taxista para levar o carrinho até o prédio onde moravam, enquanto o carro dela não saía do concerto. Chegaram em casa, seu Átila não havia comido nada, nem tomado banho, nem feito coisa alguma, mesmo a casa sendo aos poucos modificada para ficar acessível, ele não fazia nenhum esforço para ser independente, pelo contrario gostava de ser totalmente dependente da esposa e da filha, era uma forma de deixá-las presas a ele, as pessoas que ele mais amava na vida.

Soraia foi agilmente preparar algo para ele comer, mesmo tendo deixado a comida num vasilhame plástico dentro da geladeira e bastava a ele o trabalho de ligar o microondas, que ficava numa altura ideal, e aquecer. A roupa e a toalha estavam no banheiro sobre um banquinho o aguardando caso quisesse tomar um banho sozinho, isso nunca acontecia. Seu Átila esperava por todo o dia até que elas chegassem e fizessem tudo por ele e assim foi por oito anos. Sarah empurrou a cadeira do pai até o banheiro, fez sua barba e conferiu o bigode, ainda estava num tamanho bom. O despiu colocando sobre a região genital uma pequena toalha. Ajudou o a passar para a cadeira de plástico debaixo do chuveiro. Lavou-lhe o cabelo, esfregou-lhe as costas, os braços, as pernas, lavou seus cabelos. Ele tagarelava sem parar. Contando a ela todas as notícias do dia e dando sua opinião sobre tudo e criticando o que ia contra a ética e os bom costumes. Sarah apesar

de saber que suas críticas eram preconceituosas e intolerantes, algumas vezes o repreendia, mas em sua maioria julgava tão absurdas que era capaz de achar humor em tudo aquilo, por saber que o pai, apesar de intransigente, tinha um bom coração. Secou-o e o voltou para a cadeira de rodas. Vestiu o pai e penteou-lhe os cabelos. Empurrou a cadeira até a mesa da cozinha e o serviu. O homem deliciou-se com a comida, afinal, estava com fome. Após deixar o pai na frente da TV, foi cuidar de si. Tomou banho e saiu com o cabelo úmido, vestindo uma camiseta comprida como pijama e chinelos no formato dos Minions, que havia ganhado de aniversário da amiga. Eram de pano amarelo e havia um olho grande, de plástico, em cada um, que se mexiam conforme os passos, era muito difícil olhar para eles todos os dias e não rir. Devia ser essa a verdadeira intenção da amiga, deixá-la feliz. Estava indo até o quarto quando ouviu o pai chamar-lhe.

- Não quer ver TV, filha?

- Não pai - disse ela se aproximando dele - Eu vou fazer um trabalho...

- Parece meio triste...

- Não, não. Só estou cansada, mesmo. - ela curvou-se e beijou-lhe o cabelo - Me chama pra te colocar na cama.

- Pode deixar...

Sarah deixou o pai sozinho e foi até a cozinha. A mãe já estava de camisola, com o cabelo enrolado na toalha sentada na cadeira folheando uma revista de uma loja de móveis. O pino da panela de pressão sobre o fogão girava e chiava sem parar, exalando por todo o apartamento um cheiro de batata cozida. Se aproximou.

- Quer ajuda, mãe?

- Não, filha, obrigada. Só vou esperar a batata cozinhar e vou me deitar. Seu chá está pronto.

Sarah foi até o fogão, enchendo uma xícara com o líquido e antes de beber conferiu o aroma do capim-cidreira que aguçou imediatamente a sensação de tranquilidade.

- E o seu pai?

- Está na sala.

- Seu irmão disse que vai comprar pra mim esta estante neste mês. - Sarah olhou para o folheto e achou o móvel muito bonito. - Amanhã quando ele chegar vou fazer *parmegiana* em agradecimento. Ele gosta muito.

- Ele vai adorar.

Sarah olhou nos olhos da mãe e sorriu, dona Soraia retribuiu carinhosamente. Beijaram-se e foi para o quarto arrastando os Minions, fechou a

porta e caminhou até a janela. Como não havia brisa alguma, tocou a ponta dos dedos no sino de vento para que tocasse. Gostava de ouvir aquele som. Sentou-se na escrivaninha, abriu o notebook e enquanto aguardava iniciar, olhou para a cortiça. Fotos do sobrinho eram as que predominavam o espaço: chorando, rindo, no balanço do parquinho. Havia uma foto de seu Átila e Dona Soraia no casamento de Caio. Outra do irmão e a cunhada numa viagem a Fortaleza. Duas fotos da Gil, uma ao lado dela na sala da faculdade e outra Gil e Paulo num bar. Ramon na festa de comemoração do cursinho de cabeleireiro, usava um vestido longo, azul, estava muito feliz. E, entre todas aquelas fotos havia um intruso ao centro. Alguém que jamais entraria no painel sem nem ao menos tê-la tocado. Sarah puxou a foto e a trouxe para perto dos olhos, examinando aquele rosto e seus pormenores. O cabelo penteado para o lado caía sobre o olho direito deixando a mostra a testa alta e a falha na sobrancelha esquerda, provavelmente decorrente de um corte conquistado em lutas. Seu nariz era um pouco largo e levemente torto devida a muitas fraturas, os lábios bem contornados mostravam um leve sorriso, e os olhos verde-escuros, os mesmos que a olharam carinhosamente na primeira vez e que agora não diziam nada. O que estaria errado? Pensou. Porque a olhara com tanta admiração e agora parecia ignorar qualquer sinal de interesse que ela lançava. Nem o mínimo contato físico. Pensou por um momento que tivesse interpretado errado aquele olhar que cruzaram-se, talvez, por coincidência.

A intenção daquele olhar era entrar em sua mente e controlar seus pensamentos. Apanhou o celular e escreveu no status do seu perfil. "Quais segredos escondem os seus olhos?"



## *Zerstören*

Sarah saiu do seu quarto arrastando seus divertidos chinelos, usava um short jeans e uma camiseta rosa e o cabelo embolado no alto da cabeça, sinal de que não sairia de casa. O pai estava lendo um livro sobre Getúlio Vargas, com os óculos na ponta do nariz, mas despreendeu-se da leitura acompanhando a agitação da filha com o celular na orelha.

- Onde você tá? - ficou em silêncio ouvindo a pessoa do outro lado e depois voltou a falar - Fazendo o quê? - Seu Átila manteve o rosto nas páginas, mas os olhos por cima do livro, especuladores, e, as orelhas pareciam radares dando total atenção a conversa da filha, que se atirou no sofá com as pernas para cima. - Não acredito que você não vem. - ficou em silêncio de novo ouvindo, e soltou uma gargalhada - Idiota! Estou te esperando. Você tem dez minutos. Beijo. Tchau.

- Quem era, Sarah?

- O Caio. Eles estão chegando.

Ainda que o coração de seu Átila estivesse aliviado em saber que aquela conversa ao telefone tão cheia de dengo fosse com o irmão, achou que a filha estava exageradamente agitada e feliz. E estava mesmo. Tinha visto na TV há uma semana a propaganda que um sueco e um americano iriam disputar o cinturão de MMA. E, entre as lutas anunciadas naquela noite estava Hans Scheidemann versus John Taylor. Estava tão empolgada que parecia até um encontro. Havia combinado com o irmão para que fosse até sua casa assistir a luta com ela já que sabia que assistir com o pai seria apenas para ouvir críticas e isso a deixaria deprimida. Dez minutos depois a porta se abriu, Dona Soraia ao ouvir o neto saiu

da cozinha e correu para abraçar o menino apertadamente. Gustavo beijou a avó e depois correu e pulou nos braços da tia.

- E aí moleque? Fico sem te ver uma semana e você aproveita pra crescer mais um pouco.

Todos se cumprimentaram. Susana abraçou os sogros, a cunhada, e sentou-se no sofá arfando e comunicando.

- O elevador quebrou de novo, seu Átila.

O sogro fez um gesto de indignação e completou.

- Essa administração é uma porcaria. Quase todo mês tem que arrumar esse elevador. Acho que estão roubando dinheiro do condomínio juntamente com a empresa de manutenção do elevador.

Susana olhou para Sarah e sorriu. As duas entenderam-se apenas com o olhar. Conheciam bem as manias de seu Átila. E isso se tornava muita vezes até engraçado, mas em sua maioria ofensivo.

- Tive que subir a escada carregando o Gustavo no colo até aqui, pai. - implicou Caio.

- Amanhã vou ligar na administração reclamando, não se preocupe. Vou pedir todos os relatórios de gastos com o elevador. Eles são obrigados a me darem informações, eu conheço os meus direitos...

Sarah se atirou no sofá com o sobrinho olhando para o irmão.

- Caio, não dá corda pra irritação do pai.

Caio sorriu. Era um homem magro e de estatura baixa, Susana, sua esposa era um pouco maior do que ele. Era muito parecido com Sarah, cabelos escuros, olhos puxados, mas de um castanho escuro intenso, magro e com uma barba rala que ele mantinha com muito orgulho. Ele apanhou o controle remoto da TV e se sentou ao lado da mulher, clicou dois números e a tela se encheu com a imagem de um octógono todo iluminado. O ginásio estava cheio e o comentarista falava sem parar e jogava enquetes para os convidados, para prender a atenção do telespectador até que descem início às lutas. Dona Soraia saiu da cozinha com três baldes de pipoca e sentou-se ao lado do filho. Sarah preferiu o chão, ficando mais perto da TV. Puxou o sobrinho para que sentasse com ela e pegou um balde de pipoca para os dois. Seu Átila analisou sua família por um momento, todos ansiosos olhando a TV, se pronunciou.

- Hoje é algum dia especial que esqueceram de me comunicar?

- Não pai... - respondeu Caio enchendo a boca de pipoca e falando com a boca cheia - A gente não pode vir te visitar?

Seu Átila cruzou os braços e entortou os lábios, recusou a pipoca que sua esposa lhe ofereceu, atento a imagem do octógono. As *octagon girl* deram tchau para a câmera sorridentes e a foto de dois lutadores encheu a tela.

O que é isso, Sarah?

- MMA, pai.

- Eu sei que é MMA. Não estou entendendo sua empolgação, não sabia que gostava de luta.

- O namorado da Sarah vai lutar hoje, pai.

Cutucou Caio. Sarah jogou pipoca no irmão.

- Ele não é meu namorado não, pai. Nem amigo, é só o cara da academia que eu tirei as fotos para o trabalho.

Seu Átila espremeu os olhos encarando sua mulher desconfiado, Dona Soraia percebeu mas não desgrudou os olhos da TV e enchia a boca de pipoca, fingindo não notar. A lista de lutas da noite apareceu na TV, Hans seria o antepenúltimo a lutar. Para desespero de seu Átila.

- Como é mesmo o nome dele? - quis saber o irmão.

- Hans "Chedemain", eu não sei como se pronuncia, é uma coisa assim.

- Que espécie de nome é esse, Sarah?

Perguntou seu Átila procurando um argumento para discussão.

- Ele é descendente de alemão, pai.

- Descendente de alemão! Você conhece história, Sarah? Já leu sobre a segunda guerra mundial? Sabe o que quer dizer Holocausto?

- Paizinho, pára. Eu disse alemão e não nazista. Se eu dissesse árabe o senhor ia entender terrorista.

Susana soltou uma sonora gargalhada mas parou imediatamente quando percebeu que a discussão era séria. Gustavo puxou a cabeça da tia para baixo e colocou os lábios em sua orelha, cochichou.

- Ele é o seu namorado?

Sarah fez o mesmo na orelha dele.

- Não, é só um amigo.

Seu Átila ficou emburrado e só não se retirou da sala porque queria entender melhor o que estava acontecendo. Após o gongo, deu-se início a primeira luta que não passou do primeiro round. Era uma disputa peso pena e rapidamente o lutador menor deu um chute com tanta força e precisão no rosto do adversário que o homem foi ao chão desmaiado.

- Ai que horror! - disse dona Soraia com expressão de dor - Coitado do moço. Ele desmaiou!

- Chama "botar pra dormir" - disse Sarah à mãe.  
- Ah! Ela é perita em luta, agora. - debochou seu Átila.  
- Xiii, dona Soraia! Esses caras aí são de ferro. Eu e o Caio sempre assistimos, nunca vimos nada de grave acontecer.  
- Isso é uma selvageria. É um absurdo! - disse seu Átila apontando com o indicador - Devia ser proibido.

Sarah não deu atenção ao pai, grudou os olhos na TV e depois de passar dezenas de comerciais de energéticos, isotônicos e suplementos, em meio a comercial de operadora de celular e automóveis, finalmente voltaram com o programação. As lutas seguintes aconteceram entre os inúmeros comerciais. Algumas lutas finalizavam com muita rapidez, outras mais intensas. Umas com muita técnica, outras onde o vencedor se privilegiou da sorte. Mas todas terminavam com a inabalável opinião do seu Átila.

- São bárbaros... - E tudo piorou quando se iniciou uma luta entre duas mulheres. - Era só o que me faltava! Quando penso que já vi de tudo nessa vida, me aparece isso. Duas moças bonitas trocando socos como dois trogloditas. Onde irá parar essa juventude de hoje?

A Russa venceu a Polonesa, esta estava com o rosto todo machucado e seu Átila só terminou seu discurso sobre "no meu tempo", quando viu sua filha com um sorriso orgulhoso que não lhe cabia no rosto, vendo que a próxima luta era a tão aguardada por ela. O comentarista iniciou.

- Estamos de volta com a oitava luta da noite entre o brasileiro Hans Scheidemann e o americano John Taylor.

- Que absurdo!!! Em pleno século vinte um e voltamos a era medieval...

Sarah sorriu instintivamente quando a foto de Hans e do seu oponente encheram a tela da TV. O americano estava com expressão de raiva, mas Hans apenas sustentava um semblante sério.

- Qual é o cara? - perguntou Caio.

- O da direita...

Respondeu ela sem desgrudar os olhos da tela. Um *rap* invadiu o ambiente e todos começaram a vaiar. A câmera focalizou a saída de um dos vestiários e o americano entrou no ginásio, saltitando, cantando e enrolado na bandeira dos Estados Unidos. Usava um agasalho com o nome da academia que ele representava. Atrás dele, dois homens enormes pareciam até seus seguranças.



- Esse é o americano John Taylor, ele tem vinte e seis anos, ele é faixa preta em *jiu-jítsu*. O *muay thai* dele é muito bom, usa bastante as pernas mas tem finalizado suas lutas no chão. Ele é estreado e está invicto com três lutas, três por finalização no primeiro round. Disse que sonha estar entre os melhores e se continuar com esse desempenho, vai chegar lá.

A câmera voltou-se para o outro vestiário após um rock alemão encher o ambiente, a voz do cantor era forte e cantava com certa fúria, onde em alguns momentos as palavras saiam como se fosse um animal devorando sua presa. Muito diferente do americano, Hans entrou tranquilo, demonstrando estar muito concentrado, usava um agasalho preto com o nome da Sieger em amarelo. O comentarista iniciou a apresentação enquanto o atleta caminhava até o juiz para a fiscalização inicial.

- E esse aí é o Hans Scheidemann, a Muralha alemã. O forte do Scheidemann é o boxe. Ele foi campeão mundial categoria peso-pesado por cinco anos consecutivos. Nunca perdeu uma luta, até que se aposentou em dois mil e oito. Tem três anos que ele ingressou nas lutas marciais mistas e está invicto também. O boxe dele é muito técnico, ele é um atleta, muito, muito forte e difícil de derrubar. Ele usa pouco as pernas mas tem um chute muito potente. Ele tem treinado bastante o jiu-jítsu com o bicampeão brasileiro João Montanha, mas termina noventa por cento das suas lutas em pé. Ele tem doze lutas, doze vitórias todas por nocaute.

Seu Antônio ajudou-o a tirar o tênis e o agasalho, pois ele já estava com as luvas e ficou apenas com o short. Hans abraçou Érica, Montanha e quando chegou no velho amigo, curvou-se e encostaram uma testa na outra, ambos disseram alguma coisa ao mesmo tempo e se abraçaram. Sarah parou de respirar por um momento tentando conter e disfarçar sua euforia. Ia levar a pipoca até a boca mas interrompeu o movimento, observando com indiscrição cada detalhe de seu corpo.

- Esse é o cara, Sarah?

Perguntou Caio.

- É sim...

Respondeu ela sem piscar. Hans parou diante do juiz, estava sério. O homem passou vaselina em seu rosto, verificou se ele estava com o protetor nos dentes e deslizou as mãos pelo contorno do seu corpo. Verificou as suas mãos e o autorizou a subir. Gustavo sentou-se no colo da tia atento a TV também.

- Ele é grande, tia!

- Não, Gu, ele é um gigante.

Hans finalmente entrou no octógono fazendo uma corrida lateral para se aquecer, as pessoas ovacionaram e ele em agradecimento ergueu as mãos. Um

- E qual a sua aposta? - Perguntou um comentarista ao outro. - Na juventude ou na experiência?

- Eu aposto no Scheidemann, sem dúvida nenhuma. Acho ele um atleta mais experiente, completo. Ele é uma lenda no boxe. Admiro muito a história dele e sem contar que o respeito que os atletas têm por ele conta muito.

- Falando tecnicamente eu aposto minhas fichas no brasileiro também. Então... Vamos começar o show?

- Você ouviu isso, Caio?

Perguntou Sarah com o sorriso ainda mais largo.

- Eu sei quem ele é. Já vi ele lutando boxe na TV quando eu era adolescente. Lembra pai?

E seu Átila destilava cada vez mais sua amarra.

- Eu não me lembro de nada.

Na tela apareceu a foto dos dois atletas, um encarando o outro e entre eles a tabela com os números a serem comparados.

	Taylor	Scheidmann
idade	26	36
altura	1.93	1.95
peso	114	120
envergadura	1,90	2,00

O mestre de cerimônia apresentou os dois atletas. Primeiro o americano, que ficou rosnando. Enquanto Hans assumiu apenas a ruga entre os olhos, ficou ainda mais sério e com as narinas dilatadas, o lutador acabava de chegar e estava pronto para o combate. A octagon girl passou segurando uma placa com o número um. O juiz fez um gesto para que fossem ao centro, pronunciou-se e pediu que tocassem as luvas num sinal de cumplicidade. Se afastaram novamente cada um no seu canto e o juiz deu início ao combate. Se aproximaram, analisaram-se por alguns segundos e o americano deu um chute para acertar as costelas de Hans, mas este parecia que já esperava por aquela surpresa e desviou precisamente, preocupando-se em movimentar-se de um lado para o outro com os punhos na frente do rosto e com os olhos fixos em cada movimento do adversário. O americano tentou um cruzado de esquerda mas também não

acertou. Hans deu um giro e um chute alto, mas acertou apenas o ombro esquerdo do adversário.

Os comentaristas se exaltaram.

- Quando o Scheidemann acerta esse chute, dificilmente o adversário fica em pé.

- O Scheidemann gosta de analisar bem o adversário no início, sempre usa tática.

Os atletas continuaram a se analisar por um momento até que Hans foi para o ataque acertando um cruzado de esquerda e em seguida um de direita no rosto do adversário simultaneamente. O homem recuou e Hans foi para cima acertando vários golpes de direita que o deixou tonto. O americano se agarrou a Hans, ganhando tempo para se recuperar. Os comentaristas voltaram satíricos.

- Acho que o Taylor sentiu o peso da direita do Scheidemann...

- Se ele não fosse pro *clinch* acho que a luta iria terminar...

O americano resolveu mudar a estratégia ou não demoraria muito para ser nocauteado, sabia que Scheidemann era imbatível no boxe. Hans se soltou com a guarda alta e se movimentando muito, Taylor projetou seu corpo pra frente agarrando as pernas do gigante e era possível ver em seu rosto um esforço descomunal para provocar a queda e como não conseguiu, ergueu o gigante tirando seus pés do chão e saltou jogando o peso de seu corpo sobre Hans que caiu de costas. Todas as pessoas vibraram na arquibancada. O estrondo do impacto da costas de Hans contra o chão fora tão assustadora que parecia que seus ossos haviam sido esmagados. Sarah levou a mão até a boca para não soltar o grito.

- Xii! Acho que o seu namorado vai perder hoje. - debochou Caio.

Os dois atletas ficaram agarrados, Taylor tentava a todo custo sentar sobre sua cintura, mas Hans conseguiu se virar dando as costas para o adversário, que se pendurou envolvendo suas pernas em torno da cintura do gigante e cruzou os pés sobre seu abdome tentando encaixar o braço envolta do pescoço para finalizar com o golpe mata-leão, mas Hans mantinha o queixo baixo e desse modo o golpe não podia ser finalizado. Hans se afastou da grade carregando o americano como se fosse uma mochila e projetou-se para trás batendo as costas deste contra o chão, fazendo-o afrouxar o braço. Agilmente girou se soltando e voltou a ficar em pé e antes que dessem algum golpe ouviram o final do round. Cada um foi para seu canto, antes dando um toque de luvas. Rapidamente Montanha e seu Antônio entraram no octógono, trazendo um banco e um balde. Hans sentou-se com o olhar fixo em Montanha que não parava de falar. Seu

Antônio agilmente tirou-lhe o mordedor e enfiou o bico da garrafa d'água em sua boca para que se reidratasse, esfregou contra o peito do atleta um saco plástico com gelo e depois o pousou na lombar. Liberaram o áudio e puderam ouvir Montanha falando.

- Você tá muito bem, Campeão. Ele tá cansado... Ele está gastando muita energia pra tentar finalizar. Cuidado com as quedas, se você for pra cima dele, ele cai, não vai agüentar muito tempo, mas cuidado com as pernas...

Hans ouvia Montanha atentamente. Um minuto se passou, seu Antônio olhou nos olhos de Hans e disse algo e ele concordou com a cabeça. Todos se retiraram do octógono e a luta voltou depois que octagon girl passou com a placa de número dois. Os dois atletas voltaram a se analisar, Hans pulava de um lado para o outro, mas dessa vez foi ele quem iniciou o combate numa seqüência de golpes precisos. Taylor ficou tonto, mas bravamente não caiu e abraçou novamente o gigante, e, para sua surpresa, Hans apoiou as duas mãos em sua nuca empurrando sua cabeça para baixo lhe atingindo o rosto com duas joelhadas. Depois o soltou e acertou vários cruzados de direita e esquerda e a cada golpe que acertava a platéia ia a loucura.

- Inacreditável! O John Taylor é um guerreiro! Nem o Scheidemann está acreditando que ele não caiu ainda.

- O Scheidemann é um atleta que sempre que luta sabe como dar um show.

Hans se afastou voltando a analisá-lo, dando tempo do americano se recuperar ou pelo menos respirar. Ele abaixou a guarda e o americano lhe acertou dois cruzados de direita que pareceu que ele nem havia sentido, mas seu supercílio se abriu e o sangue começou a jorrar e cobrir seu rosto. Voltaram a se analisar, Hans ficava a todo momento passando a ponta dos dedos para limpar o sangue do olho e conseguir voltar a enxergar. Taylor aproveitou esse momento e foi para as pernas de Hans e novamente ambos foram para o chão, Taylor ficou banhado pelo sangue que esguichava do adversário, bem como o chão do octógono. O juiz interrompeu a luta e ordenou Hans a encostar-se na grade.

Sarah olhou para o irmão, aflita.

- O que aconteceu, Caio?

- O juiz manda parar a luta quando o lutador está sangrando muito e aí o médico vai entrar e analisar o corte e se ele corre algum tipo de risco ou não. - Sarah voltou a olhar a TV. – Não se preocupe foi só um corte no supercílio, sangra bastante mesmo.

Caio estava certo. O médico limpou o rosto de Hans, passando gaze por várias vezes sobre o corte que estava muito aberto, mas ele parecia não sentir

nada e falava a todo momento que estava bem. O médico passou vaselina e acenou para o juiz dizendo que poderia prosseguir.

- Isso é um absurdo! - bradava seu Átila - Eu não agüento nem ver isso. Acho que vou vomitar.

Não deram atenção ao pai, atentos a TV. Ambos voltaram ao centro do octógono e a luta recomeçou na posição de onde parou, o rosto de Hans voltou a se cobrir de sangue. Seu Antônio contornou a plataforma que fica em volta do octógono para se aproximar dos lutadores e bateu o punho contra ela, berrando.

- Acaba com ele, Scheidemann. Zerstören... Zerstören... - O gigante ouviu seu Antônio e conseguiu se soltar, voltando a ficar em pé e ainda ouvia o amigo gritar. - Zerstören...

Hans foi para cima e quando Taylor achou que ele lhe daria um cruzado, aquele deu um giro acertando um chute preciso no queixo do adversário que foi lançado para o lado e caiu como uma pedra. Hans num salto foi para cima do Taylor dando inúmeros socos contra sua cabeça, mas o americano não reagia mais. O juiz segurou seu punho e ordenou que parasse imediatamente, dando a vitória a ele. Hans ficou em pé e bateu fortemente o punho direito três vezes contra o peito olhando a platéia que vibrava em pé gritando seu nome. Dentro do octógono ele era um gigante, um semideus, um herói. Correu até seu Antônio que estava pendurado na grade do lado de fora e o abraçou. Seu Átila reparou quando a filha cerrou os punhos e comemorou em silêncio aquela vitória.

Hans vestiu uma camiseta com o nome da academia, havia sangue em seu rosto ainda, foi levado até o centro do octógono juntamente com Taylor que já havia se recuperado do nocaute. O mestre de cerimônia anunciou o vencedor e o juiz ergueu o braço do gigante que humildemente abraçou Taylor que o congratulou.

Resultado da luta: Sarah cada vez mais apaixonada, seu Átila, prevendo sérios problemas.



## *Terceiro Round*

Hans estacionou a caminhonete na frente da academia, usava uma bermuda preta e camiseta com o nome da Sieger, desceu da caminhonete, apanhou a mochila no banco do carona e entrou na recepção. Clayton e alguns alunos estavam distraídos, com olhos atentos na TV, Hans ao perceber fez o mesmo.

- Mais uma vítima da quadrilha da manhã. Só nessa rua já foram três casas. A forma é sempre a mesma. Eles esperam as famílias saírem para trabalhar e invadem as casas levando o que tiver de valor. Ao todo foram vinte e três casas no período de dois meses. A polícia já tem...

Clayton virou-se com semblante sério para o recém chegado.

- Os caras estão perto da tua casa, meu.

- Eles entram em casa que não fica ninguém durante o dia. Eu saio depois que a Judith chega. E já avisei para ela ficar atenta.

Os alunos se desprenderam do noticiário e bateram toque com o campeão, o parabenizaram pela vitória sobre o americano. Ele, com seu sorriso tímido, agradeceu humildemente e atravessou o balcão, abrindo uma gaveta.

- A Erica já chegou? - perguntou, procurando por algo.

- Chegou, sim.

- Clayton, sabe aquele seu amigo professor que trouxe os alunos, outro dia?

- O Álvaro?

- Ele dá aula em que universidade?

Clayton sorriu, irônico.

- Vai estudar?

- Quem sabe... - respondeu sério, ainda vasculhando a gaveta, mostrando que não estava aceitando piadas.

- Na UCO, em Osasco...

Hans sabia onde ficava a universidade UCO e não precisou prolongar a conversa com Clayton, nem dar explicações. Apanhou uma chave e subiu apressado até o terceiro andar, viu seu Antônio limpando o chão e se aproximou do seu amigo.

- Bom dia, Véio!

- Campeão! - o velho largou o rodo imediatamente e envolveu a cintura do gigante em seus braços sem nenhum constrangimento, Hans cobriu a cabeça do amigo com sua enorme mão e o aconchegou em seu peito - Estamos prontos pra outra?

O gigante baixou a cabeça e sorriu para ele e acariciando seus cabelos brancos. De todos os cumprimentos que recebia, o abraço do seu Antônio era o mais sincero e para ele o mais importante.

- Prontos pra outra. - afirmou o gigante.

Hans recebeu cumprimentos de outros funcionários e alunos. Era o primeiro dia - depois da luta - que aparecia na academia, sempre ficava três dias em casa se recuperando. Tinha apenas um curativo discreto no supercílio cobrindo os pontos. Seu Antônio voltou para seu rodo mas não continuou com o serviço, ficou observando Hans receber os cumprimentos com um sorriso exagerado e percebeu um brilho diferente naqueles olhos verdes sem emoções. E conhecendo Hans como ele conhecia, aquela euforia não era por conta da vitória. Érica estava sentada no tatame e estendeu a mão para que ele lhe ajudasse a se levantar.

- Preparada pra luta? - ela ficou em pé o encarando com sorriso debochado.

- Nasci preparada.

- Que bom... E o moleque, não veio?

- Ficou com a babá... - Érica sustentou o olhar e ele desviou sorrindo - Que cara é essa, Scheidemann? Parece que viu um passarinho verde.

- Já vi um passarinho verde... - disse com um sorrisinho torto - e não fiquei com cara de nada.

- Hans, abre o olho! Essa mulherada safada.

- Acho que tá com ciúme de mim...

- Você não faz nem um pouco o meu tipo.

O gigante passou o dia todo calado. As aulas de boxe tinham cada vez mais alunos, igualmente para Montanha. A academia ia bem, assim como a alta das

lutas de MMA na mídia. E por conta de suas vitórias e as de Érica, a academia estava sempre cheia de alunos. Àquela altura Hans não almejava cinturões, e nem o glamour que ofereciam as lutas, já havia experimentado tudo aquilo com o boxe, sua verdadeira paixão. Lutava porque não queria parar de vez, assim fazia o que amava e promovia a academia. E, dava aula, fazendo dos seus alunos fortes concorrentes.

Naquele dia, mesmo dando aula o dia todo, não conseguiu se livrar da idéia de ir até a faculdade procurar por Sarah. Tinha uma desculpa em mente para justificar o encontro, mesmo sendo uma desculpa pouco convincente. Atleta disciplinado e determinado, acostumado a colocar sua carreira e treino em primeiro lugar, temia que um relacionamento que fosse além de uma noite de sexo, prejudicasse suas lutas, suas vitórias, sua vida. E, sabia que com a Sarah não seria apenas uma noite, seu corpo e seu coração se manifestavam quando ela aparecia. *E isso não era bom*, pensava ele. Temia que sentimentos atrapalhassem a sua invencibilidade. Era um campeão, uma muralha e Sarah era o golpe perfeito com: força, velocidade e precisão. Mas, naquele dia a luta entre a razão e o coração havia terminado: a razão estava na lona. Esperou três dias até que se recuperasse parcialmente da luta e sumissem as dores no corpo e que o rosto desinchasse. Anositeceu, deu sua última aula de boxe e saiu. Desta vez não fechou a academia como fazia todas as noites com seu Antônio. Pediu para que Clayton fizesse isso. Tomou banho, se vestiu e foi até a porta da universidade, estacionou a caminhonete e desceu recostando-se na porta. Olhou no relógio em seu pulso, faltavam vinte minutos para o final das aulas. Enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta, a noite estava fria. Olhou de um lado para o outro. Não havia ninguém na avenida. O silêncio da rua e a ansiedade fez com que a incerteza lhe fizesse companhia. Cravou os dedos no alto da cabeça e puxou o cabelo para frente, num conflito interno. "O que estou fazendo aqui?", se perguntou. Virou para a caminhonete e abriu a porta, certo de que ia embora. Sentou-se no banco, mas lembrou-se dos olhos de âmbar. Ela o havia procurado, então não poderia ser um engano. Saiu e recostou-se na caminhonete novamente. Ouviu o sinal, era como o gongo. A adrenalina aumentou e um fluxo intenso de sangue percorreu suas veias dilatadas, dando trabalho ao seu coração. Era como numa luta. O alunos atravessavam a catraca, apressados, como uma enxurrada e se espalhavam pela rua preenchendo todos os espaços vazios. Se dirigiam para o ponto de ônibus, outros entravam em carros que os aguardavam no meio da rua, fazendo uma verdadeira bagunça no trânsito e outros se acomodavam nos bares da esquina. Hans achou que seria impossível encontrar Sarah no meio daquela multidão, e



mesmo não obtendo sucesso na primeira vez tentou por mais duas noites. Quando estava prestes a desistir de procurá-la, lembrou-se que a aula do professor fora num sábado e deduziu que o número de alunos deveria ser bem menor. E mesmo que não desse certo, pensou em pedir para Clayton entrar em contato com seu amigo professor. Tinha que encontrá-la de qualquer maneira, só temia que as suspeitas de seu Antônio estivessem erradas, pois a cada noite que se passava e não conseguia encontrá-la, alimentava ainda mais aquela necessidade. Esperou até que o próximo sábado chegasse, estacionou um pouco distante da saída. Usava uma camiseta verde e jeans. Dois estudantes o reconheceram e pediram para tirar uma *selfie* com ele, já estava acostumado com este tipo de abordagem esporádica, diferentemente dos anos em que estava no auge da carreira e não era possível caminhar pelas ruas sem que alguém lhe solicitasse um autógrafa ou uma foto. Hans simpaticamente concordou, mas a foto sempre registrava um sorriso tímido. Isso muita vezes era interpretado como prepotência, mas Hans não se abalava com os comentários. A dupla agradeceu, o parabenizou pela última vitória e se afastaram. Recostou-se numa árvore e dez minutos depois ouviu o sinal. E o coração de Hans voltou ao treino. Ajeitou o tronco e enfiou as mãos nos bolsos, não podia tocá-la, não enquanto não tivesse certeza. Rapidamente vários alunos apressados saíram. Ele havia acertado, a quantidade de alunos era bem menor. Observou o rosto de todas as moças, mas nada de Sarah. Quando o fluxo já havia diminuído, olhou para a portaria uma última vez e antes de voltar para a caminhonete a viu passando pela catraca: batom vermelho, blusa branca, jeans e brincos de argola dourados. Os longos cabelos escuros balançavam, acompanhando seus passos, cadernos contra o peito, conversava distraidamente com a amiga. Sem pressa, as duas caminhavam lado a lado rumo ao ponto de ônibus. Hans atravessou a rua correndo e andou no sentido contrário ao delas. Sarah ouviu alguém lhe chamar, era Roberto e Marcelo com suas piadas fora de hora, olhou para trás e acenou tchau mesmo sem ouvir o que eles disseram. Gil cutucou indiscretamente a amiga, mantendo olhos esbugalhados.

- Sarah, o que é aquilo!?

Sarah virou-se para frente e diminuiu o ritmo dos passos, mesmo seu coração bombeando sangue para uma maratona. Ela sorriu e ele percebeu o quanto o sorriso dela demonstrava satisfação em vê-lo. Seu Antônio, como todas as outras vezes, tinha razão.

- Morgenstern... - disse ele para Sarah, depois olhou para Gil - Como vai?

- Você... Quem diria! - disse Gil espremendo um dos olhos - Não me diga que estuda aqui também?

- Não, acho que passei da idade de estudar. - disse ele sem jeito - Vim ajudar uma amiga com problema com o carro.

Gil sentiu o alerta de que era hora de sair de cena e se apressou em despedir-se.

- O problema da Sarah não é o carro é o mecânico. Eu já vou - abraçou e beijou a amiga no rosto - daqui a pouco o Paulo vai passar no ponto pra me pegar.

Gil esticou-se para beijar Hans. Ele gentilmente curvou-se para que ela alcançasse seu rosto, tirou a mão direita do bolso e tocou no ombro dela. Sarah levou olhos ferozes até a mão dele e ficou muito intrigada.

- Tchau para os dois.

- Até mais.

Gil deu alguns passos, mas voltou dirigindo-se a ele com um olhar misterioso.

- Ah! Você acredita em videntes?

- Gil, pelo amor de Deus! - Reprovou Sarah se divertindo com a falta de discrição da amiga. Hans fez uma expressão de dúvida, não sabia onde ela queria chegar com aquela pergunta.

- Tô brincando! Deixa pra lá, tchau gente.

Gil finalmente se afastou. Sarah ergueu os olhos até Hans antes vendo a amiga fazer um sinal de positivo com os polegares atrás do lutador.

- Ela não toma jeito...

- Ela é legal!

- Minha vida passou a ser mais alegre depois que eu a conheci. Eu amo essa maluca. E você, como soube que eu estudava aqui?

- Como não trocamos o telefone, mesmo porque eu não tenho um. Perguntei para o Clayton onde o amigo dele dava aula e aqui estou.

- Você era a última pessoa no mundo que eu imaginaria encontrar hoje. Estou feliz que esteja aqui.

Hans ficou sério processando aquela segunda frase, mas ainda sim manteve a distância e desconversou.

- Onde é o mecânico?

- Perto daqui...

- Meu carro está do outro lado da rua - disse apontando para o veículo - a não ser que queira ir andando... Por mim tudo bem!

Sarah olhou para a caminhonete preta e voltou-se para ele.

- Não, vamos no seu carro.  
Atravessaram a rua, ele um tanto sem jeito iniciou.  
- Naquela noite... - disse apertando o botão da chave para destravar as portas - você não quis a minha carona.  
Sarah abraçou os cadernos e irônica, respondeu.  
- Não pego carona com estranhos.  
Apesar de ter feito uma brincadeira, Hans ficou sério, recostou o ombro direito na caminhonete, cruzou os braços e encarou seu rosto, se explicando.  
- Me desculpe. Eu não quis que interpretasse mal. Queria apenas te dar uma carona mesmo. Eu insisto se você quiser ir andando.  
- Não se preocupe na escala, você passou de estranho, pra colega.  
Ele ergueu as sobrancelhas sorrindo.  
- Um progresso...  
- E estou me sentindo segura, tem alguém que vai ligar a todo momento. Cuidamos uma da outra.  
Ele abriu a porta para ela, deu a volta no veículo, entrou e prendeu o cinto de segurança.  
- Por que levou o carro ao mecânico?  
- Ele fazia um barulho quando eu freava e foi piorando, fiquei com medo de ficar sem freio... - ela parou de falar ao ouvir o celular tocar, atendeu. - Oi Gil... - disse ela olhando para Hans. Ficou em silêncio ouvindo a amiga - Vou com ele sim, estamos indo ao mecânico... - ficou em silêncio novamente - Eu não vou perguntar isso a ele. - ouviu a insistência da amiga, olhou para Hans e disse - Ela está perguntando seu nome completo.  
Hans irônico apertou os lábios e disse com pronúncia alemã:  
- Hans Scheidemann Hein  
Sarah voltou para o telefone e tentou:  
- O nome dele é... Hans "*Chademain*"...  
- É... Scheidemann Hein...  
- O sobrenome dele é impronunciável. Você já está com o Paulo? - ficou em silêncio ouvindo Gil falar, deu uma risadinha discreta e finalizou - Não vou perguntar mais nada, ok? Beijo. - Desligou. Virou-se para ele e sorriu - Viu? Eu disse que ela ligaria.  
- O que mais ela queria saber?  
- Você e eu precisaríamos ter uns cinco anos de amizade para eu ter coragem de te contar o que ela me disse.  
Ele riu voltando a atenção para a rua.

- É muito bom ter bons amigos.

- O mecânico é na próxima rua. Só um instante... - disse atendendo o celular novamente - Oi, mãe! Vou chegar um pouco mais tarde, vou com um amigo passar no mecânico... - ficou em silêncio e continuou. - Fala pra ele esperar eu não vou demorar, preciso resolver esse problema do carro, o pai tem médico... - ficou em silêncio - Beijo, mãe. Amém.

Hans entendeu que não era um bom dia e achou melhor não forçar a barra.

- Se você quiser deixar pra outro dia...

- Não. É que meu pai quer descer e minha mãe não tem muita paciência com ele. - lamentou-se ela - Ele gosta que eu o leve.

- Quer descer?! Eu não entendi. - Perguntou confuso.

- Ah! Desculpe. É que para mim é uma coisa comum. Meu pai é cadeirante, ele nunca sai de dentro de casa e hoje ele resolveu dar uma volta. Minha mãe não gosta de ir sozinha. Mas eu preciso resolver essa questão do carro, ele tem médico na semana que vem. Ir de ônibus é bem complicado. Tem motorista que não para porque acha que o cadeirante demora pra se acomodar. E nem todos os ônibus são acessíveis, então a espera é demorada. Tirando tudo isso meu pai ficou mais ranzinza do que já era depois do acidente e só eu tenho paciência com ele, minha mãe e ele discutem muito. - Sarah ficou em silêncio por um momento e voltou-se para ele sorrindo - Af! Quanta lamentação, né? Até parece que a minha vida é um drama!

- Seu pai sofreu um acidente?

- Há oito anos um carro bateu contra um ponto de ônibus aqui em Osasco. Não sei se você se lembra, passou até no noticiário...

- Eu me lembro sim...

- Então, meu pai foi o único sobrevivente, mas vai carregar essa cadeira para o resto da vida, mas agradeço a Deus por ele estar vivo.

Hans fez uma expressão de tristeza e completou.

- Por isso disse que não tinha tempo para o Zouk?

- Uhum! Depois que meu pai sofreu o acidente ele ficou muito dependente e no começo foi mais difícil ainda. Ele demorou pra aceitar a cadeira. Eu faço qualquer coisa para ver o meu pai feliz.

Hans voltou a olhar para rua a sua frente. Se remoendo de remorso por ter sido grosseiro com ela na última vez que haviam se encontrado, nunca iria imaginar que a falta de tempo dela fosse por causa do pai.

- É ali. - Sarah apontou para uma rua que ligava as duas ruas principais do centro: Rua Antonio Agú e Dona Primitiva Vianco. Não havia muito movimento.

Ele parou em frente a oficina, analisou-a por alguns segundos. Era um espaço pequeno mal cabiam os carros lá dentro.

- Qual é o carro?

- O vermelho...

Hans continuou observando o lugar, tirou o cinto de segurança e ordenou.

- Fica aqui. Eu já volto.

Sarah acompanhou com os olhos ele contornar a frente do carro. Pensou que em qualquer lugar que ele fosse ele nunca passaria despercebido, por conta do porte físico e altura. E para atravessar a porta da pequena oficina ele precisou se curvar. Viu o carro dela ao fundo, não sabia o que iria encontrar. Observou toda a extensão e constatou que havia apenas um homem usando um macacão sujo, segurando uma lanterna, analisando o motor de um carro. Ele parou ao lado do homem e bateu duas vezes contra a lataria para lhe chamar a atenção, o mecânico ergueu o queixo ao máximo para conseguir ver os olhos do gigante, ficou apreensivo.

- Posso ajudar, chefe?

- Minha amiga ali - disse apontando para sua caminhonete - disse que o carro dela está aqui a mais de um mês.

O homem olhou para Sarah e depois para o carro, gaguejou.

- Ele tá com um... é... pastilha de freio, mas amanhã tá pronto.

Hans cruzou os braços deixando seus músculos ainda mais evidentes, mas disse tranquilamente.

- Eu vou dar uma volta com a minha amiga e quando eu voltar, o carro dela vai estar pronto, certo? - apesar do tom ameaçador Hans estava calmo - Se eu voltar e a oficina estiver fechada, você vai se arrepender, porque eu não vou voltar sozinho. Entendeu?

- Não esquentá, chefe. - disse o homem com medo - Daqui a pouco tá pronto.

Hans voltou para a caminhonete em silêncio, deu a partida e acelerou. Estava sério dando atenção apenas aos seus pensamentos. Sarah olhou para ele apreensiva.

- Não vai me dizer nada? Tá tudo bem?

Ele despejou.

- Fico louco com gente oportunista. Até parece que pastilha de freio é pra um mês de conserto. Em meia hora o cara faz a troca.

- Não precisa ficar nervoso.

- Tem alguma coisa errada, Sarah. Mas ele vai ver quando eu voltar.

- E o que você vai fazer? - perguntou ela preocupada.

Hans se desprende da rua enquanto pararam no semáforo vermelho, encarou seus olhos dourados e sorriu.

- Isso é preconceito...

- O quê? - Perguntou confusa com olhos arregalados.

- Só porque eu luto, tá achando que eu vou voltar e arreentar o cara, né?

- Não! Quero dizer... Sim. É que... Ele tá achando isso também.

- Ele tá sendo encurralado pelo próprio preconceito. Eu pensei em voltar lá com a polícia. - Sarah olhou em seu rosto e sorriu, ele ao perceber fez o mesmo. - Se eu fosse um atleta de ginástica artística, mesmo sendo forte, ninguém ia achar que sou briguento.

- Você tem razão - disse ela baixando os olhos com um sorriso acanhado. - Logo eu, que não gosto de generalizar, mas o preconceito as vezes é implícito.

Hans voltou a acelerar, passou pelas ruas procurando uma casa de sucos que havia ido uma vez. Conhecia bem a cidade de Osasco, muitos alunos de lá freqüentavam a Sieger. Estacionou em frente ao estabelecimento, desceram. Era um lugar simples e colorido onde as frutas decoravam o ambiente. Lá não havia lanches, nem bebidas alcoólicas ou gaseificadas, apenas sucos naturais e vitaminas de todos os tipos de frutas, na qual o próprio freguês fazia as combinações. Ele foi na frente, entrou, analisou o lugar e escolheu uma mesa ao fundo onde havia bastante espaço para se acomodar. Sentaram-se, e antes que dissessem algo, uma garçonete com o cabelo cor de ameixa, olhos muito maquiados e batom cor de uva se aproximou, com um sorriso largo e os olhos famintos para o lutador.

- Já sabe qual é o pedido?

Disse a garçonete um tanto próxima demais. Sarah percebeu o interesse da moça em querer agradar apenas um dos clientes.

- As damas primeiro...

Disse ele apontando para Sarah. A moça sem jeito, olhou para ela e repetiu a pergunta, mas sem o sorriso.

- Quero um suco de abacaxi com hortelã.

A garçonete anotou em seu caderninho e voltou-se para Hans.

- E você?

- Uma dose dupla de Wisky, com duas pedras de gelo - Sarah arregalou os olhos e ele percebeu - Tô brincando, um suco de acerola com laranja sem açúcar.

A garçonete se afastou rebolando exageradamente e Sarah acompanhou o andar da moça até que sumisse atrás do balcão. Hans percebeu e chamou sua atenção.

- Está tudo bem?

Sarah levou os olhos até ele.

- Por um momento achei que eu teria que te arrastar até sua casa...

- Eu não bebo, eu não fumo, mas eu durmo tarde. Isso não é bom.

- Também durmo muito tarde e acordo cedo, mas já estou acostumada.

- Você faz o que?

- Eu trabalho como atendente num hospital.

- Você vê muita coisa ruim então...

- Agora não, mas antes eu era atendente da emergência. Eu chegava a ficar sem dormir e sem comer quando eu via alguém chegar lá aos pedaços. Pior quando era criança.

Disse ela fazendo um movimento com a cabeça, como se quisesse afastar um pensamento.

- Posso imaginar...

- Agora estou na ala da fisioterapia – Sarah olhou para ar - Só vejo superação... fé... milagre... - Ele encarou seus olhos amêndoas e percebeu que brilhavam enquanto ela falava. - Não vejo a hora de fazer parte disso.

Hans inspirou profundamente, esticou as pernas, cruzou os braços e recostou-se na cadeira. Queria ficar o mais distante possível dela, mantendo uma luta contra a sua própria vontade. Iniciou.

- Ah! Eu vi as fotos e tem uma que me deixou bem intrigado.

- Qual?

Indagou ela, mesmo sabendo a que foto ele se referia.

- Você tirou uma foto apenas do meu rosto. Você me enganou, disse que tinha terminado e ainda estava fotografando.

Ela baixou os olhos e sorriu. Depois lhe devolveu um olhar de admiração que fez Hans estremecer.

- Sabe... Quando a luta começa, você se transforma. Naquele dia que eu te vi lutar, você mantinha uma expressão dura, tinha o olhar firme nos olhos do Montanha, parecia que você iria devorá-lo. - riu sem jeito do próprio comentário - E quando a luta acaba sua fisionomia muda completamente. Automaticamente você deixa de ser o "Chadiman..." - tentou ela sabendo que ele a corrigiria.

- Scheidemann... - corrigiu ele

- Scheidemann - repetiu ela - pra ser o Hans, essa pessoa que está na minha frente. Sem falar na humildade da expressão do Montanha que perdeu e te olha com admiração e não com raiva.

Hans demorou alguns segundos para voltar a respirar, disse.

- A luta é um esporte, não somos gladiadores. E eu não odeio o meu adversário, quero vencê-lo. Você me surpreendeu, não viu a luta como dois brutamontes trocando socos para saber qual é o melhor.

- Antes de ver de perto eu achava isso. Eu achava um esporte muito violento.

- Violência é o que a gente vê nos noticiários por aí. Ali é um esporte onde dois atletas estão técnica e fisicamente preparados para a luta.

- Você tem toda razão.

- E o motivo da foto? - insistiu ele.

- Queria te mostrar a diferença do Hans e da Muralha alemã. - Ela olhou para o discreto curativo do supercílio dele e disse. - Eu assisti a luta na TV.

Hans sorriu meio sem jeito e ficou curioso.

- E o que achou?

- Eu, suei, vibrei, fechei os olhos quando o americano te acertava. Percebi que no começo da luta você apenas analisou o cara, pelo menos foi o que eu achei. Em alguns momentos você estava tão concentrado que era capaz de prever o ataque, porque você desviava da maioria dos golpes. E aquele corte e todo aquele sangue... Foi muito tenso e... Intenso. E a música que você escolhe para entrar - disse ela olhando no celular como se procurasse algo, leu. - *Zestoren?* - Arriscou.

- *Zerstören* - disse ele com uma pronúncia perfeita.

- Ela é forte e a letra bem sugestiva. Ah! Vi o Seu Antônio - o gigante sorriu ao ouvir o nome do amigo. - Ele fica ali ao seu lado falando sem parar e fazendo os movimentos como se estivesse lutando também.

Hans ficou surpreso por ela ter se dado ao trabalho de pesquisar sobre a música e se justificou.

- Quando comecei a lutar, eles me pediram uma música forte que tivesse alguma coisa a ver com a Muralha alemã e eu escolhi *Zerstören*.

- Escolha perfeita! Posso ser indiscreta?

- Pode...

- O que o seu Antônio fala pra você?

- *Zerstören*... - ela sorriu assentindo - Para mim e para o Véio a tradução não é Destruir, para nós é como se ele dissesse: Força! Vá em frente! Você



consegue! O Véio é meu amigo inseparável é a única voz que eu escuto durante a luta. Eu não venceria sem a motivação dele.

O suco chegou. Hans se endireitou na cadeira, a moça serviu-os sem nenhum sorriso e saiu rapidamente. Sarah apanhou o copo e o trouxe para perto, pegou um canudo e mexeu o suco sorrindo e em seguida sugou. Hans ficou observando-a fazer aquilo, estava realmente distraída e estava ainda mais linda. Ficou curioso.

- O que está pensando?

- Espero que ela não tenha cuspidido no meu suco.

Hans riu olhando para o copo dela.

- Você realmente não tem medo de dizer o que pensa.

- Espero que isso seja um elogio.

- É um elogio. - garantiu ele - E vai tomar assim mesmo?

- O que os olhos não vê o coração não sente.

Ele sorriu soltando o ar dos pulmões e encarou seus olhos por um tempo, continuou.

- Quantos anos você têm?

- Estou sendo analisada?

- Só curiosidade. Sou muito curioso.

- Já tinha percebido. - Sarah pegou o canudo e voltou a rodá-lo dentro do copo, dando atenção ao líquido. - Vinte e três anos, leonina, estudiosa, solteira, *chocólatra*, *chacólotra*, mas tenho um lindo caso de amor com o meu celular. E você?

Hans não respondeu, ela tirou os olhos do suco e levou os até ele.

- Desta vez eu procurei por você. Só eu tenho direito às perguntas.

Ela sorriu, poderia significar que se veriam novamente. Hans queria ficar um pouco mais junto dela, mas sabia que ela precisava ir embora por causa do pai. Terminaram o suco e voltaram à oficina e nem precisaram entrar, o carro de Sarah estava na frente do estabelecimento. Hans achou aquilo ainda mais estranho.

- Sarah, olha dentro do seu carro vê se está tudo ok.

Ela obedeceu. Na verdade Hans quis distraí-la para que ela não ouvisse a conversa que teria com o mecânico. Passou para dentro da oficina e chamou o pequeno homem com um gesto, foram para um canto, cochichavam.

- O carro dela já estava concertado, não é? O que está acontecendo aqui?

- Eu estava com muito serviço e...

- Não minta pra mim ou eu vou chamar a polícia. E se a polícia não der conta eu mesmo vou resolver com você.

O mecânico bufou e confidenciou.

- Um amigo dela veio aqui e... Me pagou pra não consertar o carro.

- O quê? - perguntou indignado. - E por que alguém faria isso?

- Eu não sei, mas parece que o rapaz dava carona pra ela e pediu pra que eu enrolasse por um mês. Olha me desculpa, eu trabalho aqui a trinta anos, sou uma pessoa de bem. Eu só quis ajudar o rapaz, não precisa pagar pelo conserto.

- Que conversa fiada! Quis ajudar o rapaz, mas aceitou o dinheiro. E espero que o carro esteja bom.

Hans pensou em dizer mais algumas verdades para o homem, mas achou melhor ir embora. Cada um entrou em seu carro e Hans fez sinal para ela o seguir. Ele dirigiu por algumas ruas e entrou em um posto de gasolina Sarah parou logo atrás. Desceram e Hans caminhou até ela.

- E aí? Está tudo certo com o carro?

- Parece que sim, não ouvi nenhum barulho.

- Ele não cobrou o serviço... Pelo atraso.

- Mas isso não está certo. Afinal de contas ele arrumou...

- Está tudo certo, Sarah. - garantiu ele.

- Obrigada pela ajuda, tava na cara que ele estava me enrolando mesmo.

- Como você ia da faculdade pra sua casa?

Sarah achou estranha aquela pergunta, mas não ficou curiosa.

- Um amigo me dava uma carona na maioria das vezes.

- Aparece na academia, agora é a sua vez de me procurar e terá direito as perguntas.

- E o seu número de telefone?

- Eu não tenho celular.

Sarah o encarou tentando entender tudo aquilo, tinha se dado ao trabalho de ir ajudá-la e apesar de extremamente a vontade ao lado dela, ainda sim existia a distância física.

- Bem, então, eu já vou - disse olhando para o lado - e mais uma vez, obrigada.

Hans a encarou por alguns segundos, o ar entrava pesado e o fluxo sanguíneo aumentou inesperadamente. Tinha apenas alguns segundos para tomar uma decisão e finalizar. Pela primeira vez em sua vida não era capaz de prever o ataque. E olhando naqueles olhos, pensou ser um combate bem

desonesto, na qual se encontrava em total desvantagem. Preferiu continuar analisando a adversária e manter a guarda alta.

- Tchau, Sarah.

Vencedor do round: Hans Scheidmann



## *Astrid*

Jorge falou ao interfone e segundos depois recebeu a permissão para entrar. Ouviu o destravar do portão de ferro, e o empurrou exigindo certo esforço. O lugar era uma construção antiga e com muita área verde e espaços livres para que os internos pudessem caminhar. Subiu a escada que levava até a recepção da casa de repouso, dando o último trago em seu cigarro. Atravessou outra porta de vidro automática que contrastava com o resto da construção. Um homem atrás do balcão da recepção encarou-o enquanto Jorge se aproximava.

- Bom dia! - disse o visitante.

- Bom dia!

- Eu tenho hora marcada... O nome da paciente é Astrid Barros- antecipou-se ele.

- O senhor já tem cadastro?

- Tenho sim, meu nome é Jorge Barros Alvez, com z...

O homem olhou a tela do computador, digitou algo e voltou-se para Jorge com uma folha.

- Assine aqui por favor. - Jorge apanhou a caneta sobre o balcão e assinou, enquanto o homem foi até o interfone e fez uma ligação - Pede pra responsável pela Astrid, vir até a recepção, a visita dela chegou.

Jorge sorriu para o homem em agradecimento e se afastou, indo até a porta de vidro, olhou a área verde do lugar, era realmente bem arborizado, com árvores de copas largas e cheia de pássaros. Mesmo estando com a porta fechada era possível ouvir, de lá, o canto dos pássaros que gozavam com satisfação da

liberdade. Muito diferente de quem vivia sob a sombra daquelas copas, presos dentro daquelas grades e outros presos dentro de suas próprias mentes.

- Senhor Jorge...

Jorge se virou e viu um rosto familiar, a jovem loura de bochechas rechonchudas e vestida de branco, sorriu simpaticamente e lhe estendeu a mão. Ele correspondeu com o mesmo sorriso e uma expressão esperançosa.

- Como vai Elisa?

- Tudo bem. Vamos?

Ele a seguiu até uma porta, que foi aberta por meio de uma senha em que somente os responsáveis pelos internos tinham acesso. Após ultrapassarem a porta, caminharam por um corredor onde o chão era revestido de piso retangular vermelho que lembrava antigos hospitais. O lugar era iluminado por inúmeras janelas basculantes. Atravessaram um pátio interno cheio de enormes mesas de madeiras, na qual os internos realizam atividades motoras. Não havia ninguém.

- Onde eles estão?

- Estão lá fora, tomando banho de sol. - respondeu Elisa.

- Como ela está? - perguntou ele caminhando ao seu lado com as mãos atrás das costas.

- Ela está muito bem, sua mãe é um dos pacientes que mais progride aqui. E como eu já te disse, ela segue todo o programa e a cada ano tem menos crises. Acho que em breve ela deverá ser reavaliada.

- Que ótimas notícias! - disse ele com um sorriso convincente.

- Ela está no lugar de sempre.

Quando passaram para o pátio externo, viu a mãe sentada a sombra de uma árvore com os braços estendidos mostrando as palmas das mãos para o sol, que não tinha forças para lhe aquecer. Jorge parou de andar e ficou observando-a com uma expressão séria e virou-se para Elisa.

- Ela está bem? - disse demonstrando estar com medo - O que ela está fazendo?

- Ela diz que absorve a energia do sol, como as plantas. Sua mãe fala muitas coisas incríveis.

Ele sorriu agradecido.

- Posso ir sozinho?

- Claro - disse ela - vou ficar aqui se precisar de algo.

Ele sorriu de novo, era sua especialidade mostra-se muito agradecido. Se aproximou da mãe e ajoelhou-se com uma das pernas, lhe dando um beijo no rosto. A mulher de cabelos brancos e olhos amarelos, recebeu aqueles lábios frios

e fechou os olhos sentindo repulsa, baixou os braços vendo o sentar-se ao seu lado

- Como vai mamãe?

- Não precisa fingir que é um filho dedicado, poupe me deste beijo que me causa asco. - Ele sorriu ao ouvir aquilo - Como acha que eu deveria estar?

- Esse lugar é lindo e me custa uma pequena fortuna mantê-la aqui. E a Elisa é uma enfermeira muito dedicada, não sei porque sair, o mundo lá fora é muito perigoso.

- Quanta preocupação para um verme, deve ter vindo aqui em busca de algo.

- Não, preciso lhe fazer essas visitas esporádicas, para não levantar suspeitas. - Jorge jorrou. - Sabe o que vim fazer aqui, bruxa.

- Sim, visitar a mãe doente mental. - disse ela comprovando sua sanidade com provocações - Não posso te ajudar, sou louca.

Jorge passou os olhos pelo lugar, outros internos estavam espalhados, cada um com seu enfermeiro responsável, uns pareciam normais outros mostravam algum desequilíbrio. Voltou a olhar o rosto da mãe e baixou a guarda.

- Preciso achar a outra Estrela da manhã.

- Para sugar sua energia como seu pai fez comigo?

- Elisa me disse que você é a paciente que mais progride, tenho motivos pra te tirar daqui.

A mulher ficou por um tempo olhando para o ar e disse.

- Eu não tenho mais o dom, sabe disso... E ela não está conectada ao seu destino.

- Bla-bla-bla. Já conheço toda a história. O meu destino sou eu quem traço...

- Se souber onde ela está poderá mudar o destino, mas o Brasil tem apenas duzentos milhões de habitantes, não vai ser difícil encontrá-la.

- Continue debochando, bruxa...

- Desde que vendi meu dom, minhas visões não são contundentes e mesmo que eu tivesse o dom, não posso saber o futuro de alguém se não está ligado a mim nem a você. Essa pessoa não existiria em minhas visões.

- Tem que haver um jeito...

- Desista, a única coisa que sei sobre ela é que mora no Brasil.

- Meu pai ficou rico usando seu dom, preciso dela.

- Você já é rico, Jorge...

- É, eu sou, mas dinheiro nunca é demais.

- Se ela se vender não vai mais continuar com a descendência. Minha irmã e eu não podemos continuar...

- Não me importo. Não vou estar vivo pra ver o mundo acabar. Bem, já que não tem nenhuma novidade para mim...

A mulher tocou a mão do filho com lágrimas nos olhos e em tom de súplica, pediu.

- Me tire daqui filho, por favor.

Jorge se aproximou e lhe deu outro beijo.

- Adeus mamãe. Se tiver alguma novidade pra me contar diga a Elisa que quer uma visita e mande me avisar.

Ele sorriu e caminhou até Elisa, Astrid virou a cabeça para o lado esquerdo...

*Astrid estava no pátio interno, fazia uma pintura numa tela com técnica profissional. Pintou um sol com vários tons de amarelo e laranja, seu formato trêmulo dava-lhe a impressão de que o sol não agüentava o próprio calor. O céu era todo vermelho com algumas nuances laranjas. E o pouco de terra que Astrid pintou em primeiro plano tinha tons de preto e marrom e algumas árvores, muito secas, na qual o sol escaldante lhe consumiu toda a vitalidade e resistira apenas troncos escuros. Não havia vida em lugar algum.*

*Era próximo ao Natal e alguns enfermeiros estavam compenetrados, faziam a decoração de uma grande árvore. Elisa estava entre eles, manuseando uma tesoura, cortando fitilhos enquanto outro enfermeiro passava-os na argola presa a bolinha colorida e a amarrava nos galhos da árvore. Elisa olhou para Astrid e os olhos das duas se encontraram, ambas sorriam uma para a outra. A simpática enfermeira se aproximou de sua paciente e trocaram algumas palavras. Astrid levou os olhos até o bolso do jaleco branco e viu a tesoura. Motivou a queda do seu pincel e Elisa gentilmente agachou-se para apanhá-lo. A tesoura ficou com o cabo para fora do bolso e Astrid agachou para apanhar o pincel também e*

*agilmente roubou-lhe a tesoura, a escondendo em sua roupa. Agradeceu  
Elisa por apanhar o pincel e voltou a pintar.*





## *Um Protetor*

Sarah estava sentada no sofá, com as pernas cruzadas agitando o pé de um lado para o outro. Os olhos grudados no celular, só mudava o foco quando a porta do Doutor Mauro se abria e ele falava o nome de mais um paciente. O polegar frenético digitava tudo o que havia acontecido no sábado com Hans. Gil queria saber tudo, obcecada por detalhes. A porta se abriu e o doutor Mauro olhou em sua ficha.

*Sarah estava de joelhos no chão, passou a mão pela cabeça de Dorinha acaalentando-a, parecia que a menina sentia muita dor. Estavam num lugar estreito e fechado...*

- Sarah Vega...

Sarah olhou para porta do consultório voltando a tona. Apanhou rapidamente a bolsa que estava sobre o sofá e o resultado dos seus exames e num salto ficou em pé. Entrou na sala orgulhosa, dessa vez os exames acusariam algo. Beijou o rosto do médico por dois motivos: um, ele era bem bonito; dois, ia tanto ao consultório dele que já eram quase amigos íntimos.

- Sarah... Sarah... Sarah...

Disse ele enquanto se sentava atrás de sua mesa. Sarah sentou-se também e lhe estendeu os exames, esperançosa. O médico abriu os envelopes e observou atentamente fazendo certo suspense. Ela curvou-se também para observar como

se compreendesse as ressonâncias. Doutor Mauro voltou a ficar ereto na cadeira e ela fez o mesmo, com olhos arregalados.

- Isso é loucura, Sarah! - disse ele sorrindo se divertindo com a ansiedade dela.

- O que é, doutor Mauro? - disse ela aflita.

- Eu atendo centenas de pessoas por mês e você é única pessoa que senta nessa cadeira e quer estar doente.

Sarah deixou que os ombros caíssem.

- Não tenho nada, né?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e ficou sério.

- Sarah, você é perfeitamente saudável. Ao contrário das outras pessoas, você é completamente saudável. Você nunca foi a um hospital nem para tomar soro. Seu problema não é físico é emocional.

- Mas eu vejo coisas... Isso não é normal. Acabou de acontecer aqui na sua recepção. Essa semana aconteceram muitas vezes, no ônibus e depois no ponto. Eu enxergo imagens que não estão lá, estou no ambiente mas não me vejo, parece que eu estou filmando aquilo. Parece uma interferência...

O médico entendia o desespero dela, mas não podia ajudá-la até que se convencesse de que era um problema emocional.

- Você dorme pouco, Sarah. Acho que acaba cochilando e tem sonhos. Você disse que as imagens não são nítidas e que são como sonhos. Façamos o seguinte. Você vai me prometer que neste mês vai dormir cedo e descansar nos finais de semana durante exatos trinta dias. Você faz um diário da hora que foi dormir e a hora que acordou e marca a frequência das imagens e o dia, depois você volta aqui sem custo algum. Se o sono não for a causa das tais imagens, vou encaminhar você para um psiquiatra amigo meu, ok?

- Ok - respondeu ela satisfeita, mas insistiu - Nenhum remédio?

Ele sorriu para ela.

- Nenhum remédio, Sarah.

Sarah voltou pra casa. No ônibus preferiu não se sentar e correr o risco de supostamente cochilar e ver outras imagens. Entrou em seu prédio, cumprimentou Eupídio e entrou no elevador e antes que pudesse apertar o número cinco o dois se ascendeu. As portas se fecharam e se abriram no segundo andar, não havia ninguém. Sarah ouviu alguém gemer, arregalou os olhos e sorriu achando que algum casal devia estar em momento muito íntimo àquelas horas da manhã, mas o gemido se tornou mais alto e não era de prazer, era de dor. Sarah saiu imediatamente e ficou parada no meio do corredor esperando outro gemido

e suas suspeitas se confirmaram. Correu até o apartamento de Dorinha e bateu na porta.

- Dorinha...Dorinha, sou eu a Sarah... - colou o ouvido na porta e ouviu som de coisas caindo. Bateu novamente. - Dorinha... Abre a porta!!

A porta se abriu, a menina estava encurvada segurando a base da enorme barriga, com o rosto distorcido e a franja molhada de suor. Sarah ficou perplexa.

- Ah, meu Deus! - num salto se aproximou da garota a amparando. - Cadê seu pai?

- Sarah... Acho que o bebê vai nascer...

- Não, não vai não - apesar de constatar que a bolsa já tinha rompido, estava otimista - Vou te levar pro hospital agora.

Correu até o sofá e apanhou a bolsa da gestante.

- A bolsa do bebe...

- Depois a gente vê isso, precisamos chegar ao hospital o mais rápido possível. Desde que horas está com dores?

- Desde as seis da manhã.

Sarah a conduziu até o elevador que por sorte as aguardavam. Dorinha continuou encurvada e escondeu o rosto no canto da parede do elevador, sentia dores fortes. Sarah se aproximou e abraçou-a por trás.

- Agüenta firme. Daqui a pouco vai estar com ele nos braços.

De repente o elevador parou entre um andar e outro e a luz se apagou.

- Não, não, não, não... repetiu Sarah com voz de choro apertando por várias vezes o botão do térreo, mas o elevador não saiu do lugar. - Isso não tá acontecendo! Me lembra de deixar meu pai ligar na administração.

Olhou em seu celular não havia nenhum ponto de sinal: nem de internet, nem de telefonia. A menina encarou Sarah e deslizou pela parede sentando-se no chão com as pernas abertas.

- Eu não estou agüentando mais.

- Não, por favor, aqui não. - disse com tom de súplica. - Eu não sei o que fazer.

- Me ajuda, Sarah... - disse num sussurro.

Sarah olhou para a menina que estava com os dentes trincando, não havia mais o que esperar. Se ajoelhou ao lado dela que já estava deitada, passou a mão em seu rosto dando-lhe conforto e sentiu-se tonta por um momento. Posicionou-se a frente das pernas da gestante e tirou-lhe a calcinha. Solto o ar dos pulmões por três vezes tentando manter a calma. A garota começou a fazer força

conforme as contrações vinham cada vez mais intensas. Sarah tirou sua camiseta ficando apenas de sutiã, precisava de algo para amparar o bebê.

- Acho que eu não vou agüentar.

Sarah tomou sua mão e beijou-lhe os dedos.

- Nós vamos conseguir, vamos trazer nosso bebê ao mundo.

Olhou para abertura e nada que se parecesse com um bebe estava saindo.

- Ok. Vamos lá! - falou tendo uma conversa consigo mesma e respirando alternadamente como a gestante. Torceu o cabelo e o amarrou no alto da cabeça fazendo um nó. - Faça força quando sentir a contração.

Dorinha sentiu a contração, cerrou os dentes e fez cinco segundos de força, voltando a respirar. Fez força novamente e soltou um longo gemido. Sarah voltou a observar a abertura e pode ver parte da cabeça do bebê.

- Ai, meu Deus! Eu tô vendo ele... - disse tentando respirar, afinal ela tinha que se acalmar e ajudar a mãe. - Eu estou vendo ele! O bebe está saindo, Dorinha.

A menina olhou para Sarah e sorriu, agarrou as próprias coxas e cravou os dedos em sua pele quando sentiu a próxima contração, apertou os dentes e fez tanta força que o sangue parou de circular em seus rosto, estava pálida, fechou os olhos e fez mais força. Sarah amparou a cabeça do bebê na sua camiseta e após um grito estridente da mãe o ombro passou e o bebê escorregou para as mãos de Sarah, que o embrulhou rapidamente em sua camiseta. Dorinha se atirou para trás exausta. Sarah ficou por alguns segundos olhando aquele ser, indefeso em suas mãos e começou a chorar, passou a ponta da camiseta delicadamente em seu rostinho e ele esforçou-se por várias vezes para abrir os olhos. Na última tentativa, conseguiu mantê-los abertos, encarou Sarah e seus olhos ficaram prateados por um momento.

- Eu disse que eu queria ser a primeira a te ver. - disse ao bebê.

- Ele está bem?

- Está sim... E ele é lindo!

Sarah ficou segurando o bebê não sabia o que fazer tinha medo de tocar o cordão e Dorinha sentir alguma dor ou machucar o bebê. A letra T se ascendeu, o elevador começou a descer e a porta se abriu. Eupídio correu até o elevador ao ouvir alguém pedir ajuda e ficou por alguns segundos boquiaberto até que seu cérebro processasse aquela cena. Sarah sorriu para ele, ofegante.

- Vou chamar a ambulância. - disse ele saindo em disparada.



## *Quarto Round*

Era quase meia noite, de uma noite muito quente. Não havia música, nem a contagem do professor de ginástica, nem o som das esteiras, nem os gritos do Montanha; todos já haviam ido embora. Seu Antônio finalizava o expediente como fazia todas as noites ao lado de Hans, limpando o chão e desinfetando os aparelhos para que, assim que o primeiro aluno chegasse pela manhã, tudo estivesse limpo e organizado. Hans estava sentado dentro do ringue, sem camisa, exageradamente concentrado, desenrolando a bandagem das mãos sem nenhuma pressa. Pela primeira vez os dois amigos não conversavam, ouviam apenas o som do esguicho de seu Antônio e a fricção do pano contra o chão. Mesmo parecendo muitíssimo ocupado o pequeno senhor, vez ou outra, olhava Hans de soslaio, intrigado, algo incomodava seu amigo.

- O que você tem, Campeão?

- Nada, só estou cansado. - respondeu sem se desprender das bandagens.

- Cansado demais pra falar? Está tão distraído com seus pensamentos que está sorrindo sem perceber.

Hans fez sorrir apenas o canto esquerdo dos lábios e levou olhos desconfiados até o amigo.

- O que você quer saber, Véio?

Seu Antônio foi incisivo.

- Estava pensando na moça?

- Que moça? - respondeu se divertindo em irritar o amigo. - Não sei do que você está falando.

- Ela não apareceu?

- Ela não apareceu não. - Hans terminou de tirar as bandagens e caminhou dentro do ringue indo para mais perto do amigo e desabafou - Ela é jovem, bonita, inteligente e é bem humorada, deve ter muitos pretendentes.

- Quantas qualidades! Estou surpreso! – seu Antônio esguichou álcool no colchonete e esfregou o pano. - Supostamente, a quantidade de pretendentes não seja sinônimo de qualidade.

- Não plante em mim falsas esperanças. Já estou velho demais pra isso. Eu não sou o tipo de homem que se ilude facilmente, você sabe. Minha vida é isso aqui... - disse deslizando as mão nas cordas do ringue - Isso me motiva, faz parte de mim e me faz sentir vivo. O dia em que eu não puder mais lutar vou preferir morrer.

- Um bom cobertor de orelha nos faz sentir vivos, velho amigo. Porque quando a velhice realmente chegar, tudo que você julga importante passa a ser mera lembrança. Agora o amor, Campeão, ele é eterno, não envelhece e te faz sentir vivo. Deus nos fez de amor. Não podemos passar a vida vazios desse sentimento.

- Depois de todos esses anos ainda sente tanta falta dela assim?

- Todos os dias da minha vida.

- Queria muito ter conhecido sua esposa.

- Você ia gostar dela. Você gosta de ouvir, ela gostava muito de falar. Tudo o que saía da boca dela parecia era uma prece, as vezes eu me desligava do mundo ouvindo-a.

Hans ficou calado por um tempo observando o amigo voltar ao trabalho, mas insistiu naquela conversa.

- Você já parou pra pensar que se não tivesse conhecido sua esposa não sofreria por todos esses anos.

Seu Antônio parou imediatamente o que estava fazendo, ergueu o tronco, ficando ereto e virou-se para Hans com olhar firme, contraindo as rugas em torno dos olhos.

- Eu sofreria se tivesse passado pela vida e não tivesse vivido todos esses anos ao lado dela. Não me arrependo de nada que fiz por amor e nem o que deixei de fazer por ele. Sei que ela está comigo – disse voltando a passar o pano no colchonete – Deixo acesa uma vela desde o dia que ela se foi, e quando ela se apaga, outra é acesa.

- Por que?

- A luz é pra avisá-la de que meu amor ainda está vivo. Por isso sei que ela está sempre comigo.

- Mas isso te faz sofrer, Véio...

- Sofrer faz parte também...

- Por que não tentou conhecer outra pessoa ou, sei lá, se casar de novo?

- Ficar sozinho foi a opção que eu escolhi. E eu não sofro mais - disse o velho sorrindo - Tenho um outro amor...

Hans ficou muito curioso, queria saber quem era o novo amor do amigo, já que sabia tudo sobre ele e não se lembrava do velho falar de outra mulher que não fosse sua falecida esposa, mas despreendeu-se dos pensamentos ao ouvir passos de salto ecoarem sobre os degraus. Se aproximavam sem pressa do terceiro piso. O gigante fez um gesto com a cabeça para o velho, lhe perguntando em silêncio, quem era? O velho por sua vez respondeu do mesmo modo lhe avisando que não fazia idéia de quem poderia ser. Ficaram ansiosos olhando para a entrada até que Sarah apontou no andar, mãos nos bolsos do jeans azul marinho, blusa preta de manga curta com decote em V, baixo, moldando muito bem os seios fartos. Usava um cinto grosso marcando bem a cintura com uma fivela dourada que combinava com as pulseiras. Os cabelos soltos emolduravam seu rosto e corpo. Usava batom vinho que já estava gasto pela língua que insistentemente umedecia os lábios secos. Olhos dourados encontraram Hans e o fitaram com certa admiração, o pugilista por sua vez não se moveu, havia sido surpreendido por um golpe e encontrava-se atordoado e sem qualquer condição de reagir. Mas como sempre seu velho amigo sabia como colocá-lo de volta ao combate e quebrou o gelo, já que Hans não o fez.

- Olá, Sarah! Que surpresa!

Disse o velho com entusiasmo, ela caminhou até ele e lhe deu um beijo no rosto.

- Oi, seu Antônio!

Hans pegou a camiseta do chão, vestiu-a, afastou as cordas e disse em tom firme.

- Tire a bolsa e os sapatos e venha até aqui. - Sarah olhou para seu Antônio e ergueu as sobrancelhas surpresa, mas obedeceu. Passou por entre as cordas e se aproximou do pugilista, mas ele deu dois passos para trás mantendo a distância e como Sarah havia previsto não a tocou. - Existem regras nesta academia. Não gostamos de alunos que se atrasam.

- Eu vim até aqui. Tenho direito às perguntas.

Hans fez um sinal para que ela esperasse e voltou-se para o zelador.

- Véio, pode trazer um par de luvas novas para a moça?

- Agora mesmo, Campeão.

Seu Antônio agilizou os passos e ajudou-a calçar as luvas de boxe.

- O que vai ser? Vamos Lutar?

- Você tem uma pergunta pra mim e eu tenho uma pergunta pra você. Você vai me dar um soco bem aqui - disse apontando para o próprio rosto - eu tenho que agüentar, sem cair, aí eu te faço uma pergunta. Depois será a minha vez e se você agüentar faz a pergunta pra mim.

- Ah, que absurdo! - disse ela batendo as luvas contra as próprias coxas, desanimada - Você vai quebrar os ossos do meu rosto e o meu pescoço. E cadáver não faz perguntas.

Hans engoliu o riso e continuou sério.

- Eu tenho a técnica. Você vai ter que confiar em mim.

Ela levou os olhos para seu Antônio, deu de ombros e voltou-se para o gigante.

- Eu topo!

O velho parou imediatamente o que estava fazendo para tentar entender onde Hans queria chegar com aquilo. O pugilista dobrou os joelhos e apoiou as mãos sobre eles para ficar mais baixo, endureceu e ofereceu o queixo para que ela batesse, encarando-a com aquela expressão de luta.

- Vamos lá, Sarah! - ela puxou o cotovelo para trás e o golpeou sem nenhuma força, Hans nem se moveu e esbravejou. - O que foi isso?

- Eu não posso. Não tenho coragem de bater no seu rosto.

- Vou te dar mais uma chance, Sarah. - disse ele se abaixando novamente - É assim que enfrenta seus problemas? É só isso que sabe fazer? Eu não tenho medo de você. Bata, Sarah!

Ela se preparou novamente, acertando com mais força a mandíbula dele. Hans escondeu o rosto nas mãos e gemeu curvando-se como se estivesse sentindo muita dor. Sarah ficou perplexa, se aproximou dele e mencionou tocar suas costas, mas não o fez.

- Ai meu Deus! Me desculpe, você disse pra eu bater... - Seu Antônio deu um tapa no ar, sabia que ele estava fingindo e voltou a atenção para seu pano e o balde. Hans voltou-se para ela e tirou a mão do rosto, sorrindo. - Ah, seu filho da mãe! Você ta me zoando, né?

Ela tirou as luvas mostrando uma falsa irritação.

- Espera aí, onde vai? Eu tenho direito de fazer minha pergunta.

- O que quer saber?



Desta vez ele diminuiu a distância entre eles e ficou sério.

- Por que veio fazer as fotos?

- Não é óbvio?

- Não... - disse advertindo-a - Você deve responder.

Sarah sentiu o coração aos pulos, umedeceu os lábios e seguiu sem fraquejar, respondendo com convicção.

- Um péssimo pretexto pra te ver.

Hans ficou paralisado por alguns segundos, bateu o punho direito contra a palma da mão esquerda por duas vezes e continuou.

- Minha vez...

Ela achou que ele nem tinha ouvido sua resposta, mesmo assim posicionou-se, fechou os olhos e comprimiu os lábios.

- Você confia em mim, Sarah? - bradou ele.

- Confio... - disse ela quase sem voz, com os olhos ainda mais apertados e se encolhendo entre os ombros. Hans sorriu vendo sua expressão de medo. Tocou sua enorme mão na nuca dela e lhe beijou a face, sussurrando.

- Eu jamais faria isso. - Sarah abriu os olhos surpresa, ele havia lhe tocado. Seu Antônio percebendo que aquela luta não necessitaria de juiz, saiu, deixando-os a vontade. - Sua pergunta...

- Por que foi até faculdade?

- Não é óbvio?

- Você deve responder.

Hans se aproximou e cravou os dedos das mãos atrás dos pescoço dela erguendo seu rosto, inclinou a cabeça aproximando de seus lábios mas antes que pudesse beijá-la, respondeu sorrindo.

- Pra te ajudar com o carro...

Ela sorriu e ergueu os pés para alcançar seus lábios, beijaram-se. E, Sarah sentiu todas as sensações que havia imaginado quando encontrasse o cara certo. A disritmia, o gosto do beijo, o cheiro da pele e a necessidade do corpo. Ambos munidos de sentimentos verdadeiros e compartilhando sensações até então desconhecidas, não era uma armadilha e nada era artificial. Sarah abaixou os calcanhares e abriu os olhos, Hans continuou encarando-os por um tempo, deslizando os polegares em seu rosto, confidenciou.

- Não estava mais agüentando essa indecisão.

Sarah baixou a cabeça e ergueu apenas olhos curiosos.

- Por que estava indeciso?

- Já fez sua pergunta.

Hans beijou-a novamente e ela pode sentir seus lábios ainda mais intensos e a pressão do peito rijo a conduzindo até as cordas. As mãos que antes não a tocavam, percorriam quentes sobre sua pele, e, na intensidade de cada beijo, seus braços demonstravam que ele não queria que houvesse distância alguma entre eles.

- Fica comigo esta noite. - disse sem desgrudar dos seus lábios.

- Não posso... - sussurrou ela um não, com tom de sim.

- Por favor... - implorou ele deslizando os lábios úmidos pelo pescoço dela até a fenda do decote. Sarah segurou a nuca dele para o impedir de continuar mas o gesto mais o conduzia do que o impedia, olhou para o teto e revirou os olhos e com muito esforço sussurrou novamente.

- Hoje eu não posso.

Hans voltou a encarar seus olhos bem de perto.

- Não vou deixar você ir.

Ela deslizou as mãos sobre o peito dele, conferindo a musculatura por debaixo da camiseta, pensativa, aquela situação estava insuportavelmente irresistível, mas abruptamente Sarah enfiou as mãos nos bolso do jeans, decidida, ele não merecia regalias. Ergueu a cabeça encarando seus olhos verdes confusos e disse com um sorriso de criança que acabara de cometer uma travessura.

- Não posso passar a noite com você, há uma regra que deve ser cumprida. Um tarefas antes que isso aconteça.

Ele sorriu.

- É mesmo? - perguntou muito curioso - E qual é? Os doze trabalhos de Hercules?

Sara olhou para o lado e entortou os lábios.

- Hum... Quase isso... - e saiu de esguelha, calçou os sapatos rapidamente e apanhou a bolsa. Seu Antônio saiu do vestiário a tempo de ouvi-la dizer. - Precisam ser doze encontros antes da primeira noite.

Hans ficou inerte por alguns segundos com os dedos cravados nos fios de cabelos, vendo-a sair. Olhou confuso para seu Antônio, mas o senhor agilmente fez um gesto rápido para que ele a seguisse. O gigante despertou e desceu a escada correndo.

- Não acredito que vai embora. - Sarah atravessou a catraca, abriu a porta de saída da academia e foi até seu carro, ouvindo-o chamar. - Morgenstern...

- Vou abrir uma exceção com você. Vou contar a noite de hoje como um encontro e agora só faltam onze.

Ele a segurou pelo pulso, puxou-a para fora do carro e fechou a porta impedindo-a de entrar. Prendendo Sarah entre a porta e seu corpo. Ele a beijou com desejo queria muito convencê-la a passar a noite com ele e apesar de ceder intensamente ao beijo, Sarah foi irredutível.

- Não pode fazer isso. - reclamou ele.

- Posso sim.

- Você demorou muito para me procurar.

- Tive que pensar muito se era isso mesmo que eu queria.

- Sério? - disse ele um tanto desanimado.

- Fica difícil saber qual a intenção da pessoa, quando ela mantém uma certa distância.

Ele sorriu e a abraçou fortemente e deu-lhe um beijo na fronte: nocaute, na Muralha alemã.

- O próximo trabalho pode ser amanhã? - perguntou ele.

- Pode...

- Então vou ter que lutar contra a Hidra?

Sarah sorriu deu-lhe um beijo e entrou no veículo. Ligou o carro e abriu a janela.

- Amanhã ligo na academia pra te passar o meu endereço. Já que não quer dar o número do seu celular.

- Eu não tenho celular.

- Posso te chamar de Hans?

- Pode. Por que?

- Você não responde nenhuma pergunta mas é bem curioso. A Muralha, o "Chademain", o Campeão: é o lutador, nenhum deles é você.

Hans curvou-se até a janela.

- Acho que só a minha mãe me chama de Hans e o Véio quando está com raiva de mim.

Sarah lhe deu o último beijo e acariciou seu rosto.

- Até amanhã, grandão!

Acenou para seu Antônio que estava trancando a porta da academia, encarou Hans e partiu em disparada. Ele acompanhou o carro se afastar e sumir pela rua, cravou os dedos no cabelo do alto da cabeça e puxou os para frente.

- Gostei dela, Campeão!

- Essa mulher vai acabar comigo, seu Antônio. Pesando só sessenta quilos vai conseguir me deixar na lona.

- Espero estar vivo pra ver isso. Experimente, Campeão, deixe o futuro pra depois.

Hans foi até a porta e forçou a maçaneta e só então percebeu que estava trancada.

- Tá doido, Véio? Eu to descalço e preciso da chave da caminhonete.

- Acha que eu vou ficar a noite toda aí colocando gelo nos seus hormônios?  
- deu um tapinha no ar - Vá pra casa, Hércules e tome um banho gelado. Doze encontros... - disse rindo enquanto se afastava arrastando a perna - Gostei dela... Gostei dela...

Vencedor: Sarah Vega por Nocaute



## *Os Doze Trabalhos*

Eupídio levantou-se do seu banco pela terceira vez, uniu as mãos atrás das costas, estufou o peito e caminhou até o portão com olhar sorrateiro, desempenhando sua melhor postura de segurança. Uma caminhonete preta havia estacionado há alguns minutos. Os vidros eram escuros e não era possível ver quem estava dentro. Nesse momento Sarah saiu de dentro do elevador, usando uma calça jeans de barra larga e uma blusa bordo que acompanhava a curva dos seios, manga longa, mas de ombro vazado. Usava sandálias pretas, bolsa a tiracolo e na mão esquerda, o celular.

- Boa noite, Eupídio!

- Boa noite, senhorita Sarah. - o zelador a viu atravessar a porta envidraçada e seguiu-a até o portão, interrompendo-a - Senhorita Sarah, essa caminhonete está parada aí há alguns minutos e não desceu ninguém dela. Tome cuidado. Aconselharia a senhorita a esperar.

Sarah destravou o portão e virou-se para trás confidenciando ao zelador.

- Ah! É um amigo, veio me buscar. Tchau, Eupídio!

- Bom passeio, senhorita Sarah!

Eupídio desfez a expressão de desconfiança e sorriu. Hans baixou o vidro e acenou para ele, o zelador respondeu ao aceno enquanto Sarah entrava no veículo.

- Morgenstern...

- Oi grandão!

- Não sabia que você tinha um segurança...

- O Eupídio? Ele está sempre alerta. É uma ótima pessoa!

- Ele já veio até o portão umas três vezes - disse Hans soltando o cinto para conseguir se aproximar dela. Beijou-lhe os lábios com tanta intensidade que Sarah achou que a idéia dos doze encontros iria acabar naquele momento. - Você é linda... Cheirosa... E, mais um monte de coisas que não se deve dizer a uma moça no primeiro encontro.

Sarah baixou os olhos com um sorrisinho.

- Obrigada. Então acho melhor não dizer as coisas que penso sobre você, acho que nenhuma delas deve se dizer a um rapaz no primeiro encontro. - ele não hesitou a gargalhada - Você tem idéia do que vamos fazer?

Hans se endireitou no seu banco e ergueu as sobrancelhas.

- Fiz uma listinha de onze lugares que podemos ir. - acelerou. - Mas vou tomar a liberdade de te fazer um pedido quando a gente estiver junto, se for possível.

- Qual?! - perguntou ela muito curiosa.

- Gostaria que você guardasse seu celular na bolsa e que usasse quando fosse realmente necessário.

Sarah olhou na tela do aparelho que avisava sobre a chegada de cinco mensagens, lamentou-se.

- Fico toda hora olhando no celular, né?

- Não, toda hora não; todo segundo.

- Me desculpe. Eu disse que tenho um caso de amor com ele. Vou guardar...

- ela beijou o aparelho antes de o meter na bolsa.

- O que está fazendo?

- Me despedindo dele, estou trocando ele por você. Isso é traição.

Hans sorriu soltando o ar dos pulmões.

- Eu não acredito que estou ouvindo isso.

- Você não tem mesmo um celular?

- Não, não gosto dessa coisa.

- Então não vai entender o que eu estou sentindo. Não tem um perfil em nenhuma rede social?

- Nada...

- Então você não existe para o mundo. Como se comunica com as pessoas?

Hans puxou o ar para dentro e soltou com as palavras, sabia que iria ser julgado, despejou.

- Com um telefone fixo na minha casa e uma agenda telefônica de papel que tenho a mais de dez anos. Anoto tudo a lápis, caso alguém mude o número para que eu não tenha que rasurar.

- Isso é sério?!

- Uhum... Passei a vida toda vivendo muito bem sem isso. Na minha época todo mundo sobreviveu.

Sarah olhou para ele, que estava com os olhos grudados na rua, era difícil de acreditar que ele não tinha um celular, tentou outro assunto.

- O que você gosta de ouvir?

Hans olhou a rua a sua frente e disse sorrindo com o canto dos lábios.

- Está com medo de eu botar o Roberto Carlos pra tocar?

- Não... - respondeu ela tranquilamente, sabia onde ele queria chegar - Minha mãe é apaixonada pelo Roberto, sei todas as músicas dele. Eu disse, todas.

Ele riu.

- Olha aí no porta luvas, quem sabe você conheça alguém.

Sarah levou a mão até a trava do porta luvas mas hesitou por um momento.

- Tem certeza que eu posso abrir? Um porta luvas pode revelar muitas coisas sobre uma pessoa.

- Não tenho nada para esconder.

Sarah abriu vagarosamente, era esperado que algo pulasse em seu colo, tirando como referência o seu próprio porta luvas, na qual toda vez que ela o abria um rolo de papel higiênico pulava dele como se saltasse para a liberdade. Abriu, mas espremeu os olhos indignada.

- O que é isso?

- O que?

- Que espécie de pessoa é você? Nunca vi um porta luvas arrumado em toda a minha vida. - Os CDs estavam empilhados dentro de suas respectivas caixinhas do lado esquerdo e do lado direito havia uma capa de chuva descartável, uma caixa de lenço de papel, o manual do carro e um canivete com inúmeras funções. Cada objeto ocupava seu espaço, totalmente encaixados. Ela puxou delicadamente os CDs e conferiu com um olhar analizador, Hans ficou olhando para ela ansioso por algum comentário.

- E aí?

- Zeca Balero... Zeca Balero... e tem também Zeca Balero. Ah, e tem um da Cássia Eller.

- E aí?

- Você gosta mesmo do Zeca...

- Antes eu ouvia rock gringo, nos anos noventa mais precisamente, ainda gosto, mas hoje sou mais tranqüilo. Acho que por causa da idade a gente vai necessitando de sossego e eu me identifiquei com ele. E você gosta de...

Hans parou no semáforo e a aquela expressão de luta apareceu em sua fisionomia, olhando para a calçada da direita. Sarah acompanhou seus olhos, preocupada, e reconheceu Clayton num posto de gasolina, chupando um picolé ao lado de dois homens: um deles era pouco mais baixo que Hans, mas tão forte quanto ele, branco, cabelo loiro num corte rente, olhos verdes claros, usava barba mas sem o bigode e beirava os vinte e seis anos; o outro era Jorge. Conversavam descontraidamente, como velhos amigos.

- O que foi, Hans?

Ele não respondeu e como não havia pedestres atravessando a rua, ele avançou o sinal vermelho fazendo a travessia sobre a faixa para chegar até o posto. Puxou o freio de mão, tirou o cinto e tocou a mão dela.

- Eu já volto.

- Onde você vai?

Saltou do carro e caminhou a passos rápidos, indo ao encontro dos homens com tanta fúria que seu sócio quando o viu, deixou o picolé cair no chão.

- Como você tem coragem de falar com esse cara? - esbravejou.

- Olá, Scheidemann! - disse Jorge mordendo seu picolé com um dos olhos fechado e um sorriso debochado.

Clayton tocou no peito de Hans para que ele parasse de se aproximar, e se justificou.

- A gente se encontrou por acaso...

Jorge sorriu tranquilamente lambendo o picolé, parecia não se incomodar com a abordagem do gigante, afinal tinha um gigante ao seu lado também e pronto para brigar. Comentou.

- Eu não sabia que você era um homem rancoroso, Scheidemann.

- Rancoroso? A gente quase foi preso. E você, Sandro - disse olhando para o outro gigante - O que está fazendo com ele?

Sandro juntou os olhos.

- Não é da sua conta...

- Está lutando pra ele? - insistiu Hans.

Sandro perdeu a paciência com o atrevimento de Hans e deu um passo a frente a fim de brigar, mas Jorge interveio.

- Não se atreva a gastar sua energia com ele na rua. - o homem ergueu as sobrancelhas com um sorriso debochado. - Você vai lutar com ele no octógono...



- Jamais vou lutar na sua rinha. - afirmou, Hans.
- Deixa de ser hipócrita, Scheidemann. O que você fez com o meu dinheiro?
- Lutei sem saber que era para sua rinha e recebi por isso.
- Jorge se aproximou de Hans mostrando que não se sentia intimidado.
- Recebeu ou roubou?
- O que? Do que você está falando? - indignou-se.

- O dinheiro que roubou no dia em que a polícia invadiu o meu estabelecimento. - Jorge enfureceu-se atirando o sorvete no chão. - Viram você pegando o dinheiro das apostas no meio daquele tumulto.

- O quê?!

Mesmo observando o movimento de longe, Sarah pode perceber que eram três contra Hans. Olhou para os frentistas do posto, olhavam para eles apreensivos, a conversa devia estar tensa. Pelo pouco que conhecia dele, se Hans aceitasse a provocação era porque estava realmente com raiva. *Ele disse para que ficasse no carro*, pensou. Voltou a se ajeitar no banco, mas era possível ver a movimentação deles pelo grande retrovisor da caminhonete. Ficou inquieta.

- Você acabou de me dizer que recebeu pela luta. Você não poderia ter recebido, eu não paguei ninguém, o dinheiro foi roubado.

Hans olhou para Sandro que mantinha os punhos fechados o encarando e depois para Jorge. Virou as costas e deu dois passos se afastando, puxou o cabelo do alto da cabeça para frente, pensativo e entre seus olhos a ruga continuava, mas desta vez não era de raiva era de indignação. Ele havia recebido de Clayton o pagamento pela luta. Voltou-se para eles novamente, indignado com aquelas acusações, mas baixou a guarda para tentar entender.

- Eu não roubei dinheiro nenhum.

Clayton posicionou-se a frente do sócio e pousou as duas mãos sobre seu peito tentando inutilmente empurrá-lo e confidenciou em voz baixa.

- Depois eu te explico. Volta para o carro...

Com muito esforço Hans conseguiu tirar os olhos do sócio e olhou para a caminhonete. Sarah estava com a cabeça para fora da janela olhando para eles.

- Sabe qual é o meu sonho, Scheidemann? É ver você no meu negócio e acho que já sei como você vai poder me pagar.

- Volta pro carro, Hans, por favor. - suplicou Clayton novamente.
- Eu não te devo nada, Jorge.

Sarah vendo que os ânimos ainda mostravam-se tensos, decidiu ir até eles enquanto nada pior havia acontecido. Se aproximou rapidamente entrelaçando, com muito esforço, seus dedos nos dele, pois mantinha o punho fechado.

- Oi, Sarah - disse Clayton.

Ela apenas forçou um sorriso e não disse nada percebendo o olhar de admiração de Jorge.

- O general tem uma princesa! Eu não sabia disso!

Sarah deslizou a outra mão pelo braço de Hans o confortando e ergueu a cabeça para encontrar os seus olhos.

- Vamos - disse ela carinhosamente.

O gigante a encarou mas não disse nada e achou melhor ir embora. Se um deles se dirigisse a ela novamente não iria suportar. Ajustou seus dedos entre os dela e falou diretamente com o sócio apontando-lhe o dedo e num tom ameaçador.

- Se voltar a fazer qualquer tipo de negócio com ele nossa amizade está acabada, Clayton.

- Nossa conversa ainda não acabou. Até mais Scheidemann... Jorge virou-se para Sarah e fez uma sutil reverência. - Princesa...

Hans saiu puxando Sarah, que quase não era capaz de acompanhar seus passos largos e foram para a caminhonete. Ele acelerou e saiu pela avenida, pensativo, precisava muito falar com Clayton para entender tudo aquilo. Não queria acreditar que o sócio havia roubado o dinheiro. Sarah olhou para ele, não estava veloz e parecia estar com a atenção voltada para o trânsito, mas havia passado em dois faróis vermelhos, acariciou a mão que segurava o câmbio firmemente, na esperança de que o toque o livrasse da ira.

- Para em algum lugar, por favor! - Hans se desprendeu dos pensamentos e olhou para ela e se desfez da ruga, mas não disse nada. Entrou no estacionamento do shopping e parou em uma vaga longe do acesso às lojas. Agarrou o cabelo no alto da cabeça e os puxou para frente com tanta força que alguns fios ficaram entre seus dedos. - Se continuar fazendo isso, antes dos quarenta vai estar careca.

Ele sorriu soltando o ar dos pulmões. Se livrou do cinto de segurança e abraçou-a cheirando seu cabelo.

- Me desculpe.

- Está mais calmo? Quer falar sobre o que aconteceu?

- Não, melhor não. - disse sem soltá-la.

- Talvez você se sinta melhor.

- Não...

- Estou com medo.

Hans a soltou, tomou seu rosto entre as suas mãos e encarou seus olhos de âmbar.

- Medo do quê? - perguntou ele com certa tranquilidade. - Não aconteceu nada.

- Não é essa a imagem que eu tenho de você, Hans, e você ia agredir o cara.

- Não, eu não ia. Mesmo porque, se eu fizesse isso não resolveria o problema. - Beijou-lhe de leve os lábios e voltou a se recostar no banco olhando para o volante. - Não são assuntos que você deva se envolver.

- Mas eu quero saber, parecia muito que você iam brigar.

Hans ficou hesitante por um momento, mas achou injusto não dizer nada.

- Quem consegue as minhas lutas é o Clayton. E um tempo atrás ele conseguiu uma... - recuou - Eu não resolvo essas coisas, eu treino e dou aula na academia. Eu luto pelo esporte e não pelo dinheiro, não me meto nas negociações, eu treino e faço o meu trabalho. O Clayton arrumou uma rinha. Essas lutas são clandestinas, não tem regra, não tem juiz. Já morreu lutadores nesses eventos. Você vai me conhecer melhor e vai ver que eu sou um cara correto, chego a ser chato as vezes. Eu não gosto de coisa errada. Bem, o Clayton conheceu aquele cara, o mais baixo, ele promove tudo o que é ruim. Ele bancou um torneio clandestino, num ginásio, mas fez um negócio muito bem organizado até eu fui enganado. Parecia oficial. O Clayton disse que também foi enganado. Na segunda luta, a polícia apareceu e quase fomos presos.

Ao terminar de se explicar Hans olhou para ela, esperando que dissesse algo.

- E você acha que o Clayton não sabia de nada mesmo?

- Seu Antônio e o Montanha acham que ele sabia. Até você pelo jeito. Mas ele jura por Deus que foi enganado. Ele é meu amigo, Sarah e quero acreditar que ele foi enrolado também.

- Tome mais cuidado e seja mais exigente das próximas vezes - disse ela esfregando as pontas dos dedos em sua nuca - E não confie tanto nas pessoas.

- Você tem razão. Que ótimo primeiro encontro, né? Ainda vai valer como um encontro?

Disse ele tentando amenizar a tensão da conversa.

- Só se você me prometer que vai ficar bem agora. Depois você conversa com o Clayton para esclarecer tudo, não vale a pena se estressar tentando deduzir o que está acontecendo.

- Você tem razão. Então vou te levar pra jantar. Preciso que me responda algumas perguntas.

- Ah, claro! - disse ela descendo da caminhonete. - Não podia ser diferente, mas depois do jantar vamos tomar um chá...

- Chá?!

Perguntou ele com uma expressão de repulsa.

- Sim, chá de camomila: relaxa, acalma, desestressa...

- Tudo bem - concordou ele descendo da caminhonete também - Acho que nunca tomei chá, em toda a minha vida.

- Então prepare-se para sofrer uma reviravolta em sua vida. Eu curo tudo com chá.

Disse ela sorrindo. Apesar de Hans demonstrar que estava bem e não tocarem mais no assunto durante a noite, o gigante não via a hora de reencontrar o sócio.



No dia seguinte não conseguiu falar com Clayton, o sócio não atendeu o celular e não apareceu na academia. Hans fez seu treino pela manhã, treinou Érica no período da tarde e a noite deu aulas de boxe. E apesar de um dia cheio, não pode evitar de pensar na conversa que teria com Clayton. Os únicos momentos que conseguia se desprender dos pensamentos era quando se lembrava da despedida na frente do prédio de Sarah e em alguns momentos se pegava sorrindo. Havia sido bem difícil deixá-la sair da caminhonete.

No terceiro trabalho, ou seja, encontro, aconteceu num sábado. Hans pediu que ela colocasse uma roupa leve e descesse as seis da manhã. Sarah desceu pontualmente e ao entrar na caminhonete viu Hans de tênis, bermuda branca, camiseta bege e um chapéu pescador verde escuro e óculos de sol. Sarah também estava de óculos de sol, usava short jeans e uma camiseta branca com franja na barra.

- Bom dia, grandão!

Hans beijou-lhe os lábios e ligou a caminhonete.

- Eu tenho um tio que diz, "se a mulher for bonita as seis da manhã, pode se casar com ela".

- E o que achou?

- Eu não vou te dar esta resposta.

- Eu já imaginava. Estou muito curiosa pra saber onde vamos.

Hans acelerou.

- Você vai ficar sentada numa pedra me assistindo capturar a Corsa - Sarah riu - Vou te mostrar onde pratico a arte da paciência.

- E como passou a noite?

- Tenho que admitir que pela primeira vez deitei na cama e dormi feito uma pedra e não perdi tempo pensando em estrangular o Clayton.

- É o poder do chá. - disse ela erguendo as mãos para o céu e voltou-se para ele seria - Falou com ele?

- Não, ele não apareceu na academia e não atende o celular. Falando nisso - disse mudando o assunto - Seu celular estava bem?

- Cheio de mensagens da Gil, mas ele foi forte.

A maior quantidade de mensagens eram de Andreas mas ela não disse, não iria despertar o ciúme dele. Mas não podia dizer o mesmo sobre Andreas que a cada mensagem não respondida, mostrava-se corrompido de ciúme.

Hans dirigiu por mais de uma hora. O sol que se fortalecia acompanhou-os por todo caminho. Conversavam sobre tudo. Na verdade Sarah estava sempre respondendo à alguma pergunta, nunca o contrário. Ele prestava atenção em tudo e se preocupava em memorizar as coisas que ela gostava: Ana Carolina, celular, amarelo, melancia, girassol, chocolate, chá. Ele ficou surpreso em saber que havia algo que Sarah gostava mais do que tudo, até mesmo o celular: o sol. Ela ficou de costas, ergueu o cabelo e mostrou o sol tatuado em seu pescoço. Tatuagem que por três anos mantinha em segredo do seu Átila, que não poderia imaginar que a filha havia feito. "*Tatuagem é coisa de presidiário*", dizia ele. Hans lamentou não reparar muito nos traços do desenho, as mãos dela segurando o cabelo e oferecendo o pescoço nu lhe havia chamado muito mais a atenção.

- Acho que o sol é o olho de Deus ou uma de suas formas para ficara próximo a nós. Nunca falta, está sempre lá nos observando, pode ver a todos e não podemos viver sem ele. É nossa fonte de vida e nos mantém conectados a natureza. - Sarah olhou para baixo e sorriu acanhada, pensando que aquela sua filosofia soaria infantil para um homem de trinta e seis anos, mas sentiu necessidade de ser verdadeira e inocentemente não fazia idéia de que a cada palavra, fazia Hans se tornar ainda mais fascinado. - Já saiu de um ambiente frio e sentou-se sob o sol?

- Muitas vezes.

- Quando o sol tocou você e seu corpo começou a se aquecer, não se sentiu sendo abraçado?

Hans encarou a estrada e pensou por um instante naquela pergunta.

- Nunca pensei dessa forma, mas ouvindo você falar... Parece sim a sensação de um abraço. - olhou para ela. - Pessoas especiais como você percebem esse tipo de coisa.

Sorriram um para o outro. Hans saiu da rodovia e pegou uma estrada de terra. Era uma subida íngreme que a caminhonete não encontrou dificuldades. Atravessaram uma porteira que estava aberta. E Hans estacionou frente a uma casa azul e branca, desceram do carro e sentiram o ar fresco debaixo das enormes árvores e ouviram o canto desordenado dos pássaros que acordavam. Entraram na casa que servia como recepção e vendas de artigos para pesca. Os cômodos estavam repletos de equipamentos para pescaria. Hans balançou um sino de ferro, pendurado na entrada e logo um senhor e um jovem se aproximaram dele, era visível a semelhança entre pai e filho. Cumprimentaram-no com apertos de mãos e abraços calorosos, comprovando que Hans era um assíduo freqüentador do lugar. Acenaram para Sarah que correspondeu timidamente da porta. E se embalsaram numa conversa sobre peixe, anzol, vara e isca. Até que finalmente o jovem entregou a Hans dois kits para pescaria e uma esteira, ele ajeitou tudo no braço esquerdo. Apanhou a mão da namorada e caminharam por uma trilha dentro de uma mata fechada e quando o caminho terminou, era incrível a imagem que os aguardavam. Hans olhou para o rosto de Sarah e o sorriso dela disse tudo.

- Que lugar lindo! - ela sussurrou.

Havia um grande lago e em torno dele vários quiosques de madeira e palha. Às margens do lago haviam troncos de árvores dispostos como bancos, para que os pescadores se sentassem e esperassem pacientemente que as iscas fossem físgadas. Era limpo, o gramado aparado, havia muitas flores e pássaros que voavam de um lado para o outro espalhando seus sons. Hans pôs as coisas sobre a mesa e caminhou sozinho até o lago, colocou as mãos na cintura e olhou por toda extensão do lugar. Não havia ninguém pescando. Ele tirou o chapéu da cabeça e o atirou no chão, cravou os dedos nos fios do alto da cabeça os puxando para frente. Sarah passou os olhos pelo lugar também e não identificou o problema. O sol estava lindo, a brisa fresca, as cigarras cantavam e não havia ninguém no lugar ainda. Tudo parecia perfeito. Perguntou num tom alto para que ele ouvisse.

- O que foi?

Hans se virou.

- Que ótima idéia! Vir aqui com você, sozinhos, nesse lugar lindo, esse sol, cheio de mato ao redor. Ótima idéia, Hans! Ótima idéia!

Sarah riu e balançou a cabeça de um lado para o outro.

- Você disse: é pra testar sua paciência.

Passaram um ótimo dia. Sarah nunca havia pescado e continuou não pescando nada, mas aprendeu a colocar a isca e lançar a linha no lago. Havia sido um grande progresso, ao contrário de Hans que pescou três peixes e o último ele fez questão que Sarah fotografasse com o celular. Comeram sanduíches sentados a beira do lago. Ele lhe explicou coisas sobre pescaria, sabia as técnicas e conhecia nomes e particularidades de muitos peixes. Após comerem, Hans esticou a esteira sobre o gramado, deitou-se de costas para o chão e puxou Sarah para deitar-se junto dele. Ela se aninhou ao seu lado sentindo os dedos dele massagearem sua nuca e depois de um tempo em silêncio Sarah não resistiu e cochilou. Hans contemplou sua beleza e juventude e lhe deu um beijo na fronte, voltou a cabeça para trás e contemplou a imensidão azul, estava livre de nuvens. Ficou sério, estava indo contra as suas próprias regras. Estava se deixando envolver e muito rápido e sabia que Sarah era como uma onda, que chega preenchendo todos os espaços vazios e depois recua levando tudo embora. Sabia que o risco era grande, a diferença de idade, para ele, era um fator negativo. Mas queria se arriscar. "Deus nos fez de amor não podemos passar pela vida vazios desse sentimento." Sorriu pensando no velho amigo.

No quarto encontro, quando ela entrou na caminhonete, antes mesmo do beijo, Hans lhe estendeu uma sacola de papel. Sarah abriu e havia duas caixas, que ela imediatamente identificou na tampa, o logotipo em forma de fruta da empresa. Levou as mãos a boca para evitar o grito.

- Não acredito!! - ela apanhou uma caixa e a abriu, havia um celular dourado com uma capinha transparente estampado nela o desenho do sol feito em traços, disse com entusiasmo. - Ele é um bebê da última geração, acabou de nascer... Eu não acredito!!! - Hans riu soltando o ar pelas narinas, não se conformava ainda com tanta adoração a um celular, mas se divertia mesmo assim. - Obrigada, amor! - disse abraçando apertadamente o namorado - Não imaginei ser mãe tão jovem.

- Você é louca! - continuou ainda se divertindo.

- E a outra caixinha? Sou mãe de gêmeos?

- O outro é para mim.

Sarah parou imediatamente com encenação e ficou séria.

- Vai usar um celular?!

Hans não respondeu, apanhou o celular e ficou observando o aparelho sem saber o que fazer, existiam três botões nele e ele já tinha apertado todos e o aparelho não havia ligado.

- Como liga esse troço?

Sarah lhe estendeu a mão para que ele colocasse o aparelho.

- Você aperta este botãozinho e espera alguns segundos e... *Voilà!*

O aparelho se ascendeu.

- Você é muito engraçadinha!

Hans tomou o celular dela e ficou olhando sem saber o que fazer.

- Você parece um primata descobrindo o fogo.

- Sem graça! Depois você me ensina usar essa droga, mas depois.

Disse ele voltando os dois aparelhos para a sacola. Foram ao cinema. Havia muito, muito tempo que ele não assistia a algum filme que não fosse na TV. E experimentou indo com Sarah e adorou a idéia de ficar abraçado a ela na fila demorada da pipoca como todos os outros jovens casais. Sentindo as mãos dela deslizarem por suas costas entre um beijo e outro. Olhos nos olhos para conversarem, e, quando não havia mais o que dizer, Sarah pousava a cabeça em seu peito e ouvia seu coração. Não era um passeio comum para um homem acostumado a levar as mulheres para jantar e depois uma noite de sexo sem pretensões. Certa vez, seu Antônio, vendo Hans arrumado e pronto para mais um de seus encontros superficiais, disse a ele, " Compre uma boneca inflável, Campeão, é mil vezes mais econômico e bem menos trabalhoso". Tudo artificialmente programado: jantar, sexo e adeus. Nunca se envolvia, também não mentia. Sempre deixava claro, desde o primeiro momento, que nunca passaria de sexo. Um homem forte, maduro, viril e com dinheiro para bancar a luxúria da vaidade, não era difícil encontrar pretendentes com interesses em comum. Tudo por culpa do seu primeiro relacionamento, que fora para ele, devastador. Hans julgava que aquela dor era irremediável e sem nenhuma condição de se defender. Perder a pessoa que amava, para ele, fora seu único nocaute. Por isso não abria espaço. Hans era uma muralha dentro e fora do ringue. Não se permitia responder perguntas. Não deixava que ninguém entrasse para que não conhecesse suas fraquezas. Não deixava, até Sarah aparecer. Senti-la em seus braços dava-lhe a impressão de que estava completo e fazia idéia porque estava cedendo e quanto mais deixava que ela avançasse, com mais medo ficava. Depois de uma briga entre Adam Sandler e Arnold Schwarzenegger. Hans ganhou no par ou impar e o filme escolhido fora uma comédia. Durante o filme Sarah se encolheu, Hans percebeu que o ar condicionado deixou-a com os braços gelados e a abraçou para que ela se aquecesse, olhava para ela que ria espontaneamente das piadas do personagem e o filme pareceu melhor e mais engraçado assistido ao lado dela. Sim, sentia-se cada vez mais completo e à vontade. Levou Sarah para



casa e o beijo de despedida estava cada vez mais difícil para eles. E agora convivia com um novo desafio: tocar, poder ter, mas não poder finalizar.

No quinto encontro Hans ia levá-la ao teatro, pensou num lugar não escuro como o cinema e não deserto como o pesqueiro. Não que estivesse pensando apenas no sexo, mas queria muito conseguir reprimir o desejo. Parou a caminhonete em frente ao prédio dela, e, como das outras vezes baixou o vidro, acenou para Eupídio e aguardou que ele fizesse o mesmo. Sarah desceu rapidamente na hora combinada, mas não estava com um sorriso de sempre. Hans percebeu que algo estava errado, saiu apressadamente e foi até a calçada para se encontrar com ela. Tocou em sua nuca e curvou-se para beijá-la.

- O que foi?

- Posso te fazer um pedido?

- Claro!

- Não é pra me pedir em namoro, nem anunciar noivado, mas, será que pode subir por um instante? Eu não saio muito, e agora estou saindo todos os dias e meu pai acha que da pra avaliar a índole das pessoas pela aparência. Eu não gosto de ver o meu pai preocupado.

- Faço questão de subir.

Hans apertou o botão na chave para travar a caminhonete e passou para dentro do prédio de mãos dadas a Sarah. Eupídio estava em pé e sorriu, erguendo o queixo ao máximo que pode para acompanhar o gigante passar ao seu lado. Entraram no elevador e no segundo andar a porta se abriu. Ramon entrou com a cabeça baixa olhando para o celular, mas ergueu os olhos para ver quem estava ao seu lado. Quando viu o gigante ergueu a cabeça lentamente com a boca aberta e balbuciou.

- Minha mãe do céu!

Sarah sorriu e estalou os dedos na frente do rosto do amigo.

- Ei, Ramon!

Ramon se desprende do encanto, olhou para Sarah e num salto abraçou-a.

- Sarinha! - Apontou para Hans com os olhos e sussurrou. - Onde achou isso?

Sarah riu e disse:

- Ramon esse é o Hans, Hans esse é o Ramon, meu melhor amigo.

Hans soltou a mão da namorada e estendeu para Ramon, este lhe estendeu uma mão delicada e sorriso desinibido.

- Como vai, Ramon?

- Vou bem, obrigada!

Sarah sorriu vendo o amigo se derreter para o gigante. A porta do elevador se abriu e o casal saiu, Sarah virou-se para o amigo.

- Tchau, depois a gente se fala.

- Quero saber por onde você tem andado, viu?

A porta do elevador se fechou, Sarah parou em frente ao seu apartamento e virou-se para ele.

- Não se preocupe com o meu pai, tá? Ele é bem ciumento.

- Vou tentar.

Ao passarem pela porta quase tendo que se abaixar, Hans sentiu a pressão dos olhares de toda a família. Não se moveu e apenas disse:

- Boa noite!

Todos responderam ao cumprimento e dona Soraia foi a primeira a se manifestar. Se aproximou e estendeu a mão para o visitante.

- Como vai?

- Essa é Soraia, minha mãe.

- A Sarah se parece muito com a senhora... Vocês têm olhos lindos.

- Obrigada, Hans!

- Esse é Átila, meu pai. - Hans deu alguns passos para chegar até seu Átila e conferiu seu olhar analisador, estenderam as mãos.

- Esses são Caio, meu irmão; Susana minha cunhada e esse - disse ela puxando o sobrinho e lhe dando uma chave de braço - é o Gustavo, meu sobrinho, lindo e fofo.

Hans cumprimentou a todos com aperto de mão e quando chegou em Gustavo se curvou para passar a mão em sua cabeça.

- Olá, Gustavo!

Gustavo jogou a cabeça exageradamente para trás para encontrar seus olhos e disse:

- Você é o cara que luta na TV?

- Sou, sim.

- Meu pai disse que homem forte tem o pinto pequeno...

Sarah num salto abraçou o sobrinho e tapou as orelhas dele com as mãos, transtornada.

- Caio!!! Não acredito que disse isso a ele!!!

- Desculpe - disse Caio olhando para Hans com certo humor - Ele assistiu a luta com a Sarah e não parou de dizer que você parecia um super-herói. Sabe como é... Coisa de pai.

- Eu entendo... - disse Hans totalmente constrangido.

- Eu estou indo - disse ela puxando a mão do namorado - Não acredito que estão fazendo isso comigo. Tchau, pai.

Seu Átila agilmente conduziu a cadeira até a porta.

- Tchau filha. Tome cuidado.

Ao ouvir aquilo, Hans encarou seu Átila e antes que a porta do elevador fechasse viu em seus olhos que não havia passado na revista. Sabia que Sarah amava o pai incondicionalmente e mais uma vez ele se via na mesma situação do seu primeiro relacionamento: uma moça que servia prontamente a um pai ciumento. Por um momento ficou apreensivo e manteve-se em silêncio no elevador, com os braços cruzados enquanto Sarah ainda sentia as bochechas arderem, iniciou.

- Me desculpe, não sei como o Caio pôde dizer isso ao menino.

- Tudo bem.

- Ei, grandão! - disse ela carinhosamente - O que foi?

- Seu pai não foi com a minha cara.

Ela deu o passo que faltava entre eles e deslizou a mão sobre os braços dele que permaneciam cruzados sobre o peito.

- Meu pai não vai com a cara de ninguém que tenta se aproximar de mim. Não esquenta. Ele viu você lutando e não gostou nadinha.

- Eu imagino que não. Tenho certeza que de todas as provas agradar sua família vai ser a mais difícil.

- Me desculpe, mas eu disse pra não ligar para o meu pai. - Sarah olhou para ele estava um tanto distante. - Não fique assim, grandão.

Hans olhou para ela e sorriu livrando-se da amarra.

- Eu estou bem...

Foram ao teatro, a peça durou uma hora e meia. Contava a história de uma mulher de trinta anos que não sabia se continuava bancando a mocinha ou se encarava a maturidade. Deram boas gargalhadas, ainda mais quando surgiu o assunto sobre o tamanho do membro masculino. Quando a peça terminou caminharam abraçados pela calçada até um estacionamento particular, onde Hans havia encontrado vaga, pois o estacionamento do teatro estava lotado. Entraram na caminhonete e um simples beijo fez Sarah respirar com mais intensidade, e fora o suficiente para despertar o desejo do gigante, ele sussurrou.

- Está muito difícil...

Ao ouvir aquilo Sarah o encarou com olhos famintos e a respiração descompassada, não estava se importando se ele não cumprisse os trabalhos, mas queria que a desistência partisse dele. Sentou-se sobre suas pernas e tirou-lhe a

camiseta vendo que o peito dele arfava, Sarah ergueu os braços para que ele lhe tirasse a blusa e ele obedeceu prontamente sem desviar dos seus olhos dourados. Beijou-a deslizando as mãos por suas costas a procura do feixe do sutiã e quando o desprendeceu, como uma dádiva ou castigo, alguém bateu contra a janela da caminhonete. Sarah recuou segurando o sutiã frouxo e ambos olharam assustados para o homem que batia contra o vidro.

- Ai meu Deus! - sussurrou ela.

- Ele não está nos vendo - disse Hans à ajudando a voltar para seu banco e em seguida ligou a caminhonete disparando pela rua. Olhou para ela que prendia o sutiã e em seguida vestiu a blusa. - Ele se ligou que a gente demorou pra sair.

- Com certeza!

Sorriram um para o outro.

-Hoje você vai descer sem beijo de despedida.

Mas no dia seguinte, o trivial: caminhonete, Eupídio, aceno e Sarah. Mas naquela noite quando a porta do elevador se abriu, nem o Zelador, nem Hans conseguiram desprender a atenção da moça. Ela acenou para Hans do portão mas ele não correspondeu, estava extasiado. Sarah usava um vestido poá preto e dourado, com a gola redonda. Não era ousado, mas mostrava as pernas, um pouco acima dos joelhos e acompanhava muito bem as curvas que se insinuavam aos passos do sapatos de salto. A noite deixou seu cabelo ainda mais escuro e brilhante, o batom que dessa vez não era vermelho não chamava tanto a atenção, deixando a vez para os olhos bem maquiados. As unhas pintadas num tom perolado. O som das pulseiras que tilintavam. O perfume. O olhar. Tudo milimetricamente proposital, feito para deixar a presa ainda mais atraída. Ela sorriu para ele que não se moveu, estava sério a encarando.

- O que foi? Demorei?

- O que está tentando fazer?

Sarah ficou séria fingindo não entender.

- Sobre o quê?

- Isso tudo é pra me impressionar, me provocar ou acha que esse castigo de doze encontros não é o suficiente?

Ela sorriu.

- É que não está funcionando com você. - Disse ela olhando para frente.

- Agora, eu não entendi.

- Hoje seria o sexto encontro e você está fazendo tudo direitinho. Está fácil demais pra você.

- Você é que pensa. Porque acha que o Véio fica atrás de mim com baldes de gelo?

Ela riu.

- Você está se comportando como um cavalheiro e eu não estou gostando disso.

- Peraí, deixa eu ver se entendi. - disse ele passando a mão pela barba por fazer. - A regra que você impõe tem o objetivo de ser quebrada?

- Não. Mas com você eu queria que tivesse dado errado.

- Ah, mas você escolheu o cara errado então. Eu sou um atleta, gosto de disciplina, rotina, regras, desafios e eu iria esperar até o décimo segundo encontro, porque eu sou assim.

- Então, percebendo isso... - disse ela girando a pulseira em seu braço - eu resolvi usar a matemática em seu benefício. Quero dizer, em nosso benefício. Levando em consideração seu peso e altura fora dos padrões, um encontro com você vale o dobro, então duas vezes seis: doze. Seu ciclo está completo, está liberado, Hércules.

Hans virou a caminhonete bruscamente no sentido contrário. E, uma hora e meia horas depois, tudo estava perfeito: a água quente da banheira, a luz das velas, o cheiro dos sais. Sarah estava sentada sobre as pernas de Hans sentindo seus lábios quentes que lhe deixavam marcas sobre a pele. O único som que havia era o da água que se agitava acompanhando os movimentos ritmados dela, que se intensificaram quando as mãos dele percorrerem o contorno das suas coxas e os dedos pressionarem o quadril para que a penetrasse ainda mais, e, nesse ritmo, cada vez mais intenso. Sarah não pode mais resistir e apertou ainda mais a cintura dele entre suas pernas, jogou a cabeça para trás e gemeu deixando se entregar ao êxtase. Hans ergueu os olhos até seu rosto, para contemplar sua expressão de prazer e chupando-lhe o queixo pressionou seu quadril uma última vez e explodiu dentro dela. O gigante afundou o rosto em seu peito sentindo os dedos de Sarah afagar lhe o cabelo, esperando que a respiração voltasse ao normal e ficaram ali por um tempo abraçados, depois olharam-se cúmplices e sorriram um sorriso acanhado.

- Você é linda, Morgenstern!

- Onde esteve todo esse tempo? - sussurrou.

- Esperando por você.

Sarah ficou séria e como se pudesse enxergar com as mãos explorou lentamente a musculatura do peito e dos braços dele, pensativa. Levou até ele olhos brilhantes e ainda mais dourados, que refletiam a luz das velas.

- Posso te fazer uma pergunta? Acho que eu tenho direito a elas agora.

- Claro que tem. - disse ele passando a mão úmida em seu rosto.

- Porque não me tocava quando a gente se encontrava? Você tocou no ombro da Gil, tocou na Érica, na garota que lutou com ela, na sua aluna... Eu fiquei uma sexta-feira sem dormir pensando no porque você não me tocava, nem me beijava no rosto e as vezes mantinha uma distância fora do normal.

Hans tomou a nuca dela e trouxe seu rosto para mais perto do seu, mordeu-lhe o lábio inferior sentindo a ponta dos dedos dela roçar por sua barba.

- Tenho direito as perguntas, mas não tenho direito as respostas.

- Não gosto de tocar no que eu quero e não posso ter. Eu tenho essa mania. Sarah pensou por um momento e tentou.

- Por exemplo, se você quer comprar alguma coisa, você vai na loja e pede pra ver, mas não põe a mão, é isso?

- Na verdade eu nem iria até a loja. Eu não gosto de aguçar a minha vontade se eu sei que não posso ter aquilo.

- Mas não acha que aguçando a sua vontade, vai impulsioná-lo a conquistar aquilo?

- Isso dá certo com bens materiais...

- Achou que não poderia me ter?

- Agora você vai ficar convencida. Eu não vou responder mais nada. Sarah riu e implorou.

- Fala, por favor.

Hans olhou para o lado lembrando-se de quando a viu pela primeira vez.

- Você ficou na arquibancada naquele dia e isso me chamou a atenção. Eu fiquei olhando pra você, mas você estava olhando no celular, pra variar. Depois caiu a ficha e pensei, ela é muito nova e eu não costumo fazer isso na academia, procuro ser muito profissional. As mulheres com que me relacionei nunca tinham vínculo com o meu trabalho. Mas você olhou pra mim também.

- Um homão desse tamanho, não é toda hora que a gente vê na rua. Mas você não respondeu a minha pergunta, Hans Scheidemann.

- Ah, aprendeu! - disse ele sorrindo, referindo-se a pronúncia, mas voltando a ficar sério - As mãos são sagradas, Sarah Vega - disse observando a própria mão deslizar o ombro dela e descer pelo braço - Para mim seria uma tortura te tocar. Tocar na sua pele, no seu rosto, no seu cabelo sem ter a certeza de que seria minha. Quando não me interessa pela mulher esse toque é insignificante.

- E quanto mais você mantinha a distância, mais intrigada eu ficava. É uma boa técnica de sedução.

Hans soltou uma gargalhada.

- Não é nenhuma técnica.

- É claro que é. Você via que eu ficava com cara de paçoca quando me evitava.

- Eu percebia sim, que você ficava com cara de... Paçoca - ele riu novamente

- Mas não é técnica nenhuma, porque você poderia ter desistido.

- Técnica ou não, fiquei bem intrigada e interessada também. E do que você me chama? Primeiro achei que fosse um cumprimento, depois eu percebi que era comigo.

Hans afastou o cabelo dela e beijou-lhe o ombro de leve, pensativo, e voltou encará-la.

- Morgenstern.

- É...

- É uma arma medieval. Ela é uma esfera de ferro que tem vários espinhos também de ferro e fica parecida com uma estrela. Essa esfera é ligada a um pedaço de madeira por uma corrente. E na guerra era usada pra fazer um estrago no adversário e era a única coisa capaz de romper um escudo.

- Que romântico! Você me enxerga uma bolinha de ferro que sai dilacerando pessoas e arrebatando escudos. Bem original... - Sarah levou os lábios até sua orelha e sussurrou - E o que isso quer dizer?

Hans ficou sério e engoliu em seco, não sabia se podia confiar seus sentimentos a ela. Não disse nada, mas Sarah manteve o olhar firme aguardando a resposta.

- É o que vai fazer comigo.

Ela cerrou os olhos nem um pouco satisfeita em ouvir aquilo.

- Por que acha isso?

- Eu sempre usei um escudo - Hans apanhou lhe a mão e deslizou a em seu rosto - Depois de uma experiência ruim que tive. Nunca quis me relacionar com ninguém com... medo. E dessa maneira eu me sentia dono da situação. Fique feliz, Morgenstern, estou desarmado. Vamos parar com as perguntas...

- Eu confio em você, precisa confiar em mim. Depois que me olhou naquele dia não fiquei mais em paz.

- E o seu pai?

- O que tem ele?

- E se ele for contra o nosso namoro?

Sarah arregalou os olhos e se exaltou.

- Ah! É um namoro!?

Agora foi a vez de Hans ficar com cara de "paçoca". Enrubesceu com um sorriso acanhado.

- Achei que estava claro! Pra ser namoro eu tenho que botar um terno e pedir pro seu Átila? Depois eu é que sou o velho aqui, né?

- Não, estou brincando! É que hoje em dia, existe essa dúvida, se é um relacionamento sério, uma ficada, um rolo...

- O que você quis dizer com, hoje em dia? Tá me chamando de velho, Sarah Vega?

- Não, claro que não. Mas você nem tinha um celular - Disse ela rindo. - Quanto ao meu pai... - disse Sarah acariciando seu rosto. - Não se preocupe. Ele é meio teimoso, ciumento, mas é uma boa pessoa.

Sarah o beijou para que se esquecesse daquele assunto, mas Hans ainda não estava convencido de que dessa vez a história seria diferente.